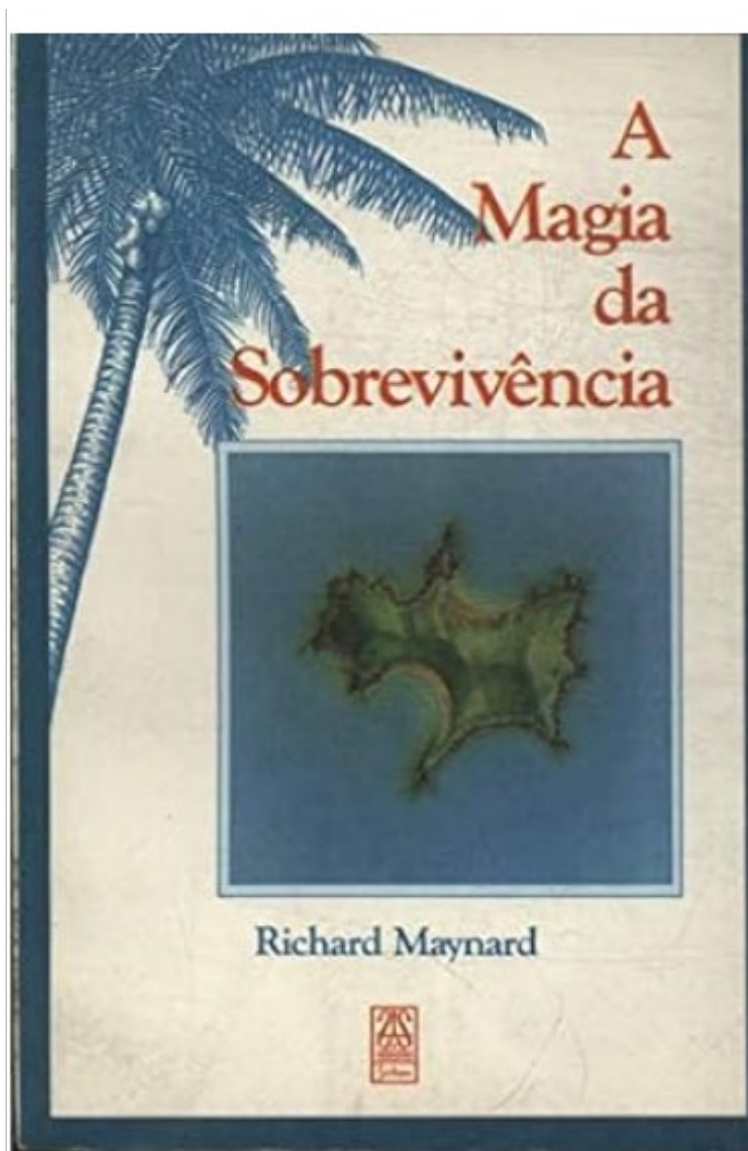
The Coconut Book

a novel by

RICHARD MAYNARD

A magia da sobrevivência - *Richard Maynard*
Tradução automática PORTUGUÊS

O LIVRO DO COCO

POR
Richard Maynard

Imprensa de lembranças

Todos os personagens deste livro são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

CONTEÚDO

Folha de rosto
Dedicatória
Prólogo
O livro do COCO
Epílogo
direito autoral

PRÓLOGO

Esta é a história de um homem. Essa é uma afirmação simples, mas há pouco mais que posso acrescentar. Ele é um homem sem nome e sem rosto. Quem ele era e o que ele era ainda são questões sem resposta, e é provável que continuem assim. Mas um homem é mais, muito mais, que um nome, e muito mais que um rosto. Afinal, os nomes são apenas ferramentas de identificação dentro de uma sociedade. Eles são dados com amor, talvez, e cuidado, e carregam consigo o poder do sentimento humano, mas na análise fria dos registros são apenas palavras; escritas em papel, são apenas letras impressas que nada conseguem transmitir da personalidade que identificam. Os rostos também costumam ser enganadores. Um homem pode ser julgado por olhos castanhos calorosos, por um olhar gentil ou confiante? Os olhos são honestos? Eles são realmente as janelas da mente? Ah, tenho certeza de que continuaremos a julgar homens e mulheres pelos seus olhos e pela projeção que exibem, pois todos temos uma fé intrínseca em nossos próprios julgamentos; temos fé nos rostos, não importa quantas vezes essa fé não seja confiável. Isso é injusto? Talvez seja. Os rostos muitas vezes refletem a natureza da pessoa por trás deles, mas, como muitas vezes, não o fazem. A natureza muda, o humor altera-se com grande frequência, mas os rostos permanecem praticamente os mesmos.

O homem nesta história devia, é claro, ter um nome, assim como um rosto, mas, mais importante ainda, ele tinha uma alma. Ele tinha uma alma e uma mente e elas são apresentadas como sua identidade, certamente com maior precisão do que um mero nome poderia fornecer. A sua história é tão sincera que não se pode duvidar que este é um homem tal como é, sem qualquer pretensão , sem a desonestidade de uma face social, sem as declarações falsas da conversa social e sem todas as restrições da responsabilidade social. Mas ainda lamento não poder dar-lhe um nome.

Estamos partindo agora para encontrá-lo, esse homem que escreveu o Livro do Coco. A busca é inútil – no fundo reconheço isso – pois há poucas pistas e certamente ele deve estar morto. Mas iremos olhar, mesmo que apenas para satisfazer Watson, embora esse motivo por si só seja demasiado superficial e não possa, por si só, justificar o esforço. Mas tenho o meu próprio compromisso e, para além disso, reside a estranha fé implícita que os homens têm na sorte, a fé de que mesmo a probabilidade de mil para um se concretizará se alguém a perseguir com determinação suficiente. Acho que esse é o meu imperativo mais poderoso. São 50 mil dólares para gastar. Esse foi o testemunho de Watson sobre sua própria fé. Foi inesperado, mas a morte de Watson também foi inesperada. Ele estava comigo quando encontrei o Livro Coco, um homem aparentemente vigoroso e ativo. Quatro meses depois ele estava morto.

* * *

Na época éramos passageiros do iate *Galathea* . Não era possível dizer que Watson era um homem rico, pois era tão miserável e despretensioso quanto todos nós. Ele era alto e magro, extraordinariamente magro. Seu rosto também era longo e fino, um rosto lúgubre com olhos que se projetavam ansiosamente. Isso era enganoso, pois Watson era tudo menos uma pessoa ansiosa, embora já naquela época já devesse ser um homem doente. Ele nunca revelou o fato e só soubemos disso mais tarde. O *Galathea* é conhecido como um iate de luxo, com cerca de 18 metros de comprimento e adequado para cruzeiros de passageiros, supostamente proporcionando aos seus clientes "as férias dos seus sonhos" navegando nas águas do Sudeste do Pacífico e da costa norte da Austrália. Bem, aproveitamos nossas férias, então a afirmação, embora exagerada, contém algum elemento de verdade. O tempo permaneceu incrivelmente sereno, de modo que quase poderíamos considerá-lo parte de todo o pacote. Desde então, minha esposa, Val, reivindicou o crédito por isso, porque foi inteiramente devido à sua persuasão de que tirássemos férias no iate.

Mesmo que não tivéssemos encontrado o Coconut Book a decisão não teria sido lamentada. A comida era excelente, embora o vinho não fosse mais do que comum; o entretenimento consistia principalmente na ociosidade que eu esperava, sem sofisticação ou atividades de grupo desagradáveis, mas às vezes com alegria suficiente para tornar o cruzeiro memorável. Havia ilhas desabitadas, embora a nossa exploração se limitasse quase exclusivamente à praia mais próxima. Havia recifes de coral, e eles eram emocionantes e lindos. E havia a pesca – embora na verdade só tenha feito três viagens porque, apesar de haver muitas oportunidades, uma espécie de lassidão me invadiu, um prazer em não fazer nada, e a pesca exige um certo grau de entusiasmo a um certo nível. dado momento.

Se não fosse por Watson, é provável que eu não tivesse ido pescar, mas Watson era um organizador nato e também um pescador dedicado, e contou com o incentivo de minha esposa em suas tentativas de me persuadir. Ele realmente foi uma força motriz. Ele se esforçou para organizar viagens de pesca quase sempre que ancoramos. Felizmente o capitão conseguiu dissuadi-lo na maioria das ocasiões.

É apenas a terceira e última pescaria que importa no contexto desta história. Estávamos em algum lugar perto de Bougainville, creio. Mais tarde, o capitão deu-me a orientação exacta, pois pode revelar-se importante, é uma das nossas poucas pistas. Na época, a localização era a menor das minhas preocupações. Foi um dia razoavelmente calmo, talvez com mais ondulação do que estávamos habituados e algumas nuvens, nuvens extraordinariamente brancas, ocupando metade do céu. Lembro-me de ter pensado como o céu parecia imenso. Havia muito tempo para tais pensamentos, pois a pesca era inconstante, e talvez tenha sido essa meditação, essa sabedoria simples derivada da reflexão preguiçosa sobre a pequenez do homem na vastidão do mar, que permaneceu comigo e afetou minhas contemplações posteriores. . Éramos três em um dos botes do *Galathea* : Watson e eu, e um tripulante para cuidar do motor de popa e da direção. Seu nome era Paddy. Ele era um personagem pequeno, moreno e

desdentado, enrugado e murcho como uma marionete; Tenho certeza de que ele considerava que o principal objetivo de sua boca era servir de lugar para colocar um cigarro, pois fumava continuamente e quase não falava uma palavra.

Watson pegou um peixe, se não me falha a memória. Eu havia sofrido dois golpes e perdido os dois, o que me levou a enrolar a linha e sentar-me inclinado sobre a lateral do barco, com o queixo apoiado nas mãos e os braços estendidos ao longo da borda polida, observando o movimento do mar e me sentindo bastante contente. . Não estava quente, mas também não estava frio, e o movimento do barco e as ondas movendo-se ritmicamente abaixo de nós eram hipnóticos. Era meio-dia ou algo assim. Watson estava na proa, orientando Paddy com o braço apontador. Não sei o que ele se propunha fazer ou para onde se propunha ir. Então vi o objeto escuro movendo-se conforme o mar se movia, a cerca de vinte metros de distância. 'O que é isso?' Eu disse .

'O que é o quê?'

'Que!' Apontei para o objeto. Estávamos rapidamente deixando isso para trás. Então dei meu único comando naquele barco: 'Calma, Paddy'.

“É apenas um coco”, disse Watson amargamente, possivelmente chateado por ter sua autoridade usurpada.

'Tem alguma coisa enrolada nele.'

“Ok, Paddy, vamos continuar”, Watson suspirou. 'E então vamos continuar com nossa pescaria.'

Um minuto depois eu tinha o coco dentro do barco. O que estava enrolado era uma fita de brim usada para amarrar as duas metades da casca. Até a curiosidade de Watson foi despertada por essa estranheza. A fita em si não tinha qualquer utilidade e desfez-se à medida que a manejávamos, tendo sido mantida unida pelas fibras da casca. Jogámos os pedaços ao mar e só mais tarde considerámos esta acção com algum pesar, porque eles poderiam ter-nos fornecido outra pista, como há quanto tempo o coco estava na água. Ainda assim, não considerámos isso na altura e, na verdade, é duvidoso que tais fragmentos de material decomposto nos tivessem realmente dito alguma coisa. Mesmo assim, a casca ainda era difícil de separar, pois havia sido unida com muito cuidado e também com algum tipo de adesivo. Dentro estava a própria noz, como seria de esperar, mas era um coco bastante incomum. A concha tinha um corte circular em uma das extremidades, com cerca de cinco centímetros de diâmetro, e esse segmento fora cimentado de volta ao lugar com grande precisão.

'Quebre-o!' gritou Watson. Paddy bufou sem emoção, como se pegasse esses objetos todos os dias do ano.

— Não, é melhor não. Devíamos abri-lo na presença de testemunhas. Tive visões de drogas ilícitas ou joias, ou algo igualmente romântico. — Acho que deveríamos voltar direto, não é? Tamanho é o poder da curiosidade que Watson concordou imediatamente. Mas minha cautela foi realmente injustificada. Tudo o que havia dentro do coco era um livro.

O livro havia sido rasgado em dois na lombada, provavelmente para caber no buraco do coco. Era um romance de bolso intitulado *The Rio de Doom* , de um autor desconhecido para qualquer um de nós, Lawrence Severn. Mas as palavras

do Sr. Severn não têm importância, pois o seu romance foi usado apenas como veículo para outro escritor registar a sua própria crónica. Essa crônica é a substância deste livro. É a história de um náufrago, embora não tenhamos percebido isso à primeira vista.

Na verdade, a nossa primeira reacção foi de profunda decepção. A tripulação do iate ficou curiosa o suficiente para nos rodear enquanto nos preparávamos para quebrar a porca com uma ponta de aço. Watson estava lá, é claro, e Val também. O coco quebrou com bastante facilidade. A revelação do documento surrado não produziu nenhum comentário. Não imediatamente. Alguém disse: 'É apenas um livro .' Havia aquela terrível sensação de anticlímax. A tripulação perdeu o interesse e começou a se afastar. Peguei os dois pedaços do documento bastante esfarrapado. Era papel barato, agora desgastado e sujo. Não há nada de romântico nisso. Sentei-me entre os restos do coco sentindo-me como se fosse um mágico cujo truque acaba de falhar. Val perguntou: 'Há uma mensagem nisso? Parece haver muita coisa escrita lá.

“Há escritos por toda parte”, eu disse. — De qualquer forma, não pode ser um SOS, é muito longo para isso. Havia escrita feita com um lápis entre cada linha impressa do romance e em cada área em branco concebível do papel. Eu estava tentando encaixar as duas metades e não fiz nenhuma tentativa de ler nada naquele momento. A capa trazia uma cena sinistra de uma mulher quase nua, de dotes extraordinários, esparramada de forma pouco convincente em uma jangada entre samambaias e em um rio um tanto turbulento. Lá estava a inevitável serpente se contorcendo na folhagem acima de sua cabeça. Descobrimos que o texto era tão improvável quanto a capa, embora a cena sinistra em si não tenha ocorrido de fato.

'Oh meu Deus!' foi o comentário expressivo de Watson. Ele se endireitou e foi se inclinar sobre a amurada do iate. Tive a sensação de que ele se ressentia de ter desistido do seu tempo de pesca para *o The Rio de Ruína* .

— Não importa, querido — disse Val. Ela sentou ao meu lado e encostou-se no meu ombro. Ajudou. Eu me senti um pouco vazio e tolo. Abri o livro. Havia uma dedicatória no frontispício. Bem no centro , cercado por desenhos confusos , estavam as palavras impressas: 'Para minha irmã Harriet.' Comecei a ler as primeiras palavras escritas no topo daquela página.

“Escute”, eu disse. Reli as palavras em voz alta. 'O choque ainda está comigo. E cansaço, embora a memória daquele mergulho já esteja submersa. Pego este lápis e escrevo... – continuei hesitante, pois a escrita era muito difícil de decifrar. Na amurada, Watson virou-se e ouviu atentamente.

Val exclamou: 'É um náufrago. É um diário!

“Ele deve ter sobrevivido por algum tempo para preencher este livro”, observei.

Não faz muito sentido registrar aqui os detalhes do resto de nossa estada no *Galathea* . Temo já ter ultrapassado demais os limites da relevância. Mas há uma outra conversa significativa que tive com o capitão um ou dois dias depois da descoberta do Livro do Coco. O capitão era conhecido como Skip, mas seu nome verdadeiro era Denis. Ele era um homem muito grande e atarracado, de modo

que alguém se sentia um pouco assustado em sua presença. Injustificadamente, apresso-me a acrescentar, pois Denis era um personagem extremamente amável.

'Denis', perguntei a ele, 'de onde você acha que o coco poderia ter vindo?'

Ele encolheu os ombros. "Qualquer lugar entre aqui e a América do Sul. Não há muito meio-termo, você sabe. Ele estalou os nós dos dedos. Era um hábito que ele tinha e que eu achava muito irritante.

— Mas nesta latitude?

'Bem, estamos logo ao sul do quinto paralelo, mas isso não significa muito. Vou te dar a posição exata de onde o coco foi recolhido, se quiser, mas ele pode estar flutuando há anos, quem sabe quantos anos? Poderia ter-se deslocado para norte ou para sul muitas vezes, ao longo de milhares de quilómetros, apenas sob a força do vento.

'Mas certamente teria afundado se tivesse ficado na água por tanto tempo.'

'Oh não.' Crack deu outro soco. Eu estremeci. 'Os cocos flutuarão quase para sempre. É por isso que grande parte do Pacífico Sul os possui.

— Você está dizendo que haveria poucas chances de encontrar esta ilha?

— Praticamente nenhum, eu diria. Veja, existem centenas de ilhas e atóis por todo o Pacífico Sul, muitos desconhecidos, e ilhotas do tamanho que você está procurando podem chegar a milhares. Rachadura, rachadura. — Mas vou lhe dizer uma coisa: teria de ser a leste daqui, e certamente não a oeste.

"Um milhão de obrigados", eu disse, e recuei dos nós dos dedos.

* * *

As ilhas são a base dos sonhos; eles capturam a imaginação e, como todas as pessoas, caí no seu feitiço. Por um tempo. O Coconut Book diminuiu significativamente meu fascínio pelas ilhas. Suponho que a maioria de nós já teve fantasias de uma ilha paradisíaca onde se pode optar por sair da corrente principal da vida e mergulhar na tranquilidade de uma existência distante, com ou sem vários registros. Sem dúvida, as famosas histórias sobre náufragos que lemos quando crianças, *The Coral Island, The Swiss Family Robinson, Robinson Crusoe* – para citar talvez as mais conhecidas – contribuíram para os nossos devaneios adultos. A realidade de tal existência raramente nos ocorre. Afinal, as ilhas da ficção estão bem abastecidas com os elementos básicos da vida: água doce e abundância de frutas tropicais, além de animais selvagens e domésticos. A família suíça Robinson tinha um curral inteiro para começar sua vida na ilha.

"Eu não gostaria de viver numa ilha", afirmou Watson enfaticamente, "mesmo que ela tivesse um curral inteiro. Receio ser o seu tipo urbano completo. Ele era diretor de uma empresa, descobrimos. 'Ah, gosto de sair para o mar de vez em quando, gosto de pescar e gosto de espaços abertos , mas com moderação, você sabe, e como e quando eu quiser.' Isso aconteceu algumas semanas depois de nossas férias no *Galathea* e Watson estava jantando conosco.

'E se você não tivesse escolha?' perguntou Val.

— Como aquele sujeito? Ele se referia ao autor do Coconut Book. Ele balançou sua cabeça. 'Não, eu não conseguiria. Não tenho a atitude necessária, você sabe. Além disso, não sei nadar, sabe, não muito bem. Ele se serviu de outra fatia de presunto. Watson morava sozinho. Ele tinha uma esposa que havia morrido

muitos anos antes, mas não tinha filhos. Ele não era um homem solitário, porém, pois seus assuntos o mantinham bem ocupado, mas parecia valorizar nossa amizade. Também gostávamos da companhia dele e ele mantinha um grande interesse no Coconut Book.

“Eu me pergunto o que alguém faria”, refletiu minha esposa, passando o sal para Watson. 'Você acha que muitas pessoas já passaram por tais situações?'

Eu respondi a ela. 'Provavelmente, especialmente durante a guerra. Denis me contou que existem milhares dessas ilhas no Pacífico Sul e imagino que muitos pilotos em tempo de guerra ficaram presos em uma ilha .

— A nossa vítima foi uma vítima de guerra, você acha? Ela se levantou e colocou meu prato em cima do dela para removê-los. Watson ainda estava comendo.

“Ele nunca menciona a guerra”, observei. — Certamente ele teria feito isso em tais circunstâncias.

'Ah, eu não sei. Ele era realmente um homem bastante estranho, não era? Ela não esperou uma resposta e levou nossos pratos para a cozinha.

'Por que você diz isso?'

'Bem, toda aquela filosofia estranha . Não parece normal, não é?

“Contemplar o umbigo, eu diria”, murmurou Watson através do presunto.

“Ora, isso é um pouco injusto”, protestei. 'Coloque-se no lugar dele. Você não teria passado muito tempo simplesmente meditando? Ele não tinha muito mais o que fazer, você sabe. Então ele estava obcecado pelos conceitos de sobrevivência e liberdade e de sua alma. Você não estaria? Tudo bem, nem sempre podemos concordar com suas propostas, mas ele me parece tudo menos estranho, mesmo no final.

“Calma, não há necessidade de ficar chateado”, disse Val. Ela voltou para a sala e colocou a mão no meu ombro. Ela estava certa, eu *estava* um pouco chateado. Senti necessidade de defendê-lo. Eu havia ficado imerso na decifração da crônica e talvez imerso demais em sua personalidade.

— Val, querido, foi um lindo jantar. Watson deu um tapinha na barriga. Ele era tão magro que quase esperei ver uma protuberância ali, como uma cobra, depois de uma refeição. Ele me disse uma vez, sem rancor , que seu apelido quando jovem era “Tigre”, não por qualquer comportamento feroz , mas por sua semelhança com uma cobra. Ele se inclinou para mim e disse: 'E os fantasmas?'

“Sim, esses fantasmas também me intrigam”, acrescentou Val. Ela estava sorrindo para Watson em reconhecimento ao seu elogio, mas dirigindo seus comentários a mim. Ela tem uma habilidade incrível de se comunicar em duas direções distintas ao mesmo tempo.

'Eles são tão difíceis de entender?' Evitei uma resposta direta. Naquela época eles também me intrigaram.

“Sabe, eu gostaria de sair para procurá-lo”, afirmou Watson. 'Ele ainda pode estar vivo. Isso é possível, você sabe.

'Você acha mesmo?' perguntou Val.

'Bem, depende de quanto tempo aquele coco estava flutuando no Oceano Pacífico. Aquela fita jeans estava muito podre, mas quanto tempo duraria nessas condições?

— Além disso, onde você começaria a procurar? Eu coloquei.

'Bem, vamos ver o que sabemos. Fato um: é uma ilha completamente isolada, fora da vista de qualquer outra terra.

— Talvez não — Val interrompeu. "Você poderia argumentar contra isso." Ela retirou o prato de Watson e saiu da sala novamente sem dar mais detalhes.

Watson sorriu. "Tudo bem", ele disse. 'Mas para continuar. Temos o registro de um homem solitário preso em uma ilha. Como ele chegou lá? Sabemos que ele nadou até lá após a queda de um avião . A ilha é terrivelmente pequena, mas sabemos exactamente quais são as suas dimensões.

Dizem-nos que mede "duzentos e trinta e dois metros em seu ponto mais largo, até onde posso avaliar, e trezentos e quatro metros de comprimento".

'Não tem nenhuma topografia digna de descrição', continuou Watson, 'apenas um aglomerado de coqueiros e nenhuma fauna.'

"Havia tartarugas e aves marinhas", eu disse.

Ele olhou para mim, seus olhos protuberantes severos sob as sobrancelhas quase sem pelos. Como diretor da empresa, ele não gostou de ser corrigido. "Eu estava chegando a esse ponto", disse ele. — Fato dois: fica em algum lugar no Pacífico Sul, a leste de Bougainville. Conhecemos a direção das correntes naquela parte do oceano e conhecemos os ventos predominantes. Não é muito, concordo, mas é algo para continuar.

— Você parece estar falando sério sobre procurá-lo — comentei.

Ele encolheu os ombros. 'Na verdade. Eu só gostaria, só isso. Não consigo resistir a um desafio, você sabe. Minhas circunstâncias não permitem isso, no entanto. Agora não.' Mesmo naquela época não sabíamos que ele era um homem doente.

Val saiu da cozinha carregando uma Pavlova parecida com a cabeça de João Batista em uma bandeja. "O que eu gostaria de saber", disse ela, depositando a grande sobremesa no centro da mesa, "é como ele era."

'Isso não parece absolutamente delicioso?', babou a cobra, e a pergunta de Val passou sem comentários. Infelizmente não poderíamos ter respondido mesmo que a Pavlova não nos tivesse distraído. Não só não temos rosto para descrever, como também não sabemos se ele era alto, baixo, magro, atarracado, se era louro ou moreno; só que o cabelo dele era castanho, o que significa muito pouco. Não sabemos sua idade, embora eu suspeite, pela sua atividade, que ele tinha menos de quarenta anos. Não sabemos o que ele fazia para viver. Sabemos que ele era inglês. Sabemos também que devia ter uma escolaridade razoável, que usava óculos, que era um excelente nadador e que gostava de música. Sabemos algumas outras coisas, como os nomes de algumas de suas namoradas. Ele nunca menciona esposa ou filhos, mas seria presunçoso tirar conclusões da falta de informação. Fiz muitas deduções por conta própria, mas seria uma impertinência apresentá-las ao leitor. Aqueles que lerem o Livro do Coco formarão suas

próprias opiniões, e é tão provável que elas estejam corretas quanto as minhas, e igualmente propensas a estarem incorretas.

Terminamos a Pavlova. Acredito que foi durante o seu consumo que Watson assumiu o seu compromisso.

Então agora Val e eu estamos em um iate mais uma vez. Não a *Galateia* . Desta vez é uma nave muito mais empresarial, motorizada , mais rápida e maior que a *Galathea* . É o *Sea Lord III* , e não para para pescar ou para explorar recifes de coral. Tenho seu uso há seis meses. Talvez seja tempo suficiente.

O LIVRO DO COCO

O choque ainda está comigo. E cansaço, embora a memória daquele mergulho já esteja submersa. Pego este lápis e escrevo. Não adianta, mas é melhor do que chorar. Já chorei demais; lágrimas de pena, pena de mim, dor, dor dolorosa por Hugo. Por que você morreu? Eu não entendo. Eu não entendo nada. A escrita é boa. Isso me ajuda. Já estou mais calmo. Eu não sei o que fazer. O que comer. Vou querer comer a tempo, suponho. A fome não está comigo agora.

* * *

Suponho que vou morrer. Parece não haver alternativa, mas ainda tenho esperança. Não estou muito alarmado, embora reconheça meu destino inevitável. Mas esse reconhecimento está centrado no meu estômago, enquanto a minha cabeça com o seu cérebro tolo ainda se volta sem desespero para o mar. Para aquele horizonte infinito e invariável, ininterrupto por indícios de terra, navio, fumaça ou mesmo nuvem. A vista é realmente linda em seu azul e serenidade, mas há uma monotonia nela e me tornei tão indiferente à sua beleza quanto ela é indiferente ao meu destino. Este é meu terceiro dia aqui. Era quarta-feira quando o avião caiu. Caro Hugo. Sua perda dói muito, a dor afeta meu pensamento e preciso pensar com muita clareza agora. Se você estivesse aqui, sobreviveríamos. Você foi eminentemente um sobrevivente. E ainda assim você não sobreviveu; só eu, por um tempinho. Por que registro que era quarta-feira quando isso aconteceu? Como isso pode importar? É a formação que me leva a registar tais trivialidades, ou é apenas esperança? Embora o que espero realmente não possa dizer. Os navios nunca virão por aqui. Não há nada aqui que atraia nativos errantes em canoas. Não tem nada aqui, só sete árvores, seis coqueiros e mais um que não reconheço . Eles estão amontoados ali. Além deles, não há nada aqui a mais do que alguns metros acima do nível do mar. E eu.

Então hoje é sexta-feira. O que posso comer? Os cocos não vão me sustentar e a oferta é escassa. Bebo deles porque não encontrei água. Portanto, a morte deve ocorrer dentro de alguns dias. Eu deveria estar frenético, mas estou calmo. Por que estou tão calmo? Sinto-me indescritivelmente entediado e lamento por Hugo. Não há nada a se fazer. Este livro e este lápis são meu único alívio. O mar abaixo está claro. Eu posso ver peixes. Há muitos peixes, mas sem os meios para capturá-los, eles não podem me servir de nada além de uma distração momentânea. E sem água, o que isso importa? Talvez eu devesse nadar de volta ao mar até me afogar, exausto. Querido Hugo, posso acompanhá-lo?

* * *

Agora é domingo. Devo conservar os cocos, mas estou com muita fome. Ontem peguei um caranguejo. Era muito pequeno e comi cru. Até agora não me causou efeitos nocivos. Vejo que há mariscos nas águas rasas. Já tentei soltá-los com os dedos, mas eles seguram com muita tenacidade. Meu minúsculo canivete seria inútil e certamente quebraria. Como é meu único dispositivo de corte, não posso arriscar. Certamente posso inventar algum método para libertá-los.

Hoje está bastante frio. Os últimos três dias foram quentes, mas ontem à noite houve uma queda notável na temperatura. Não dormi, estava tremendo muito.

Minhas roupas são bastante inadequadas para esse clima. Se ao menos eu pudesse acender uma fogueira. Mas não tenho nenhum par . Eu quero fumar. Tenho três cigarros no bolso e agora estão secos, mas não tenho como acendê-los. Na minha carteira há papéis: uma carta de condução, várias notas de libras, um recibo do meu dentista, meia carta que guardei com a morada – e já me esqueci de quem era – e o meu bilhete de identidade. Também tenho meu livro, mas ficaria relutante em queimá-lo, pelo menos ainda não. Então eu tenho papel, mas não tenho madeira seca. Ainda assim, existe uma árvore com galhos de verdade; eles são verdes, mas parecem altamente resinosos e tenho certeza de que queimariam. Tudo que preciso é do meio de ignição. Quão fútil é o homem moderno sem a sua tecnologia. Mas poderia algum homem, aborígene, bosquímano, acender uma fogueira neste lugar árido? Eu não acredito nisso. Nenhum homem poderia acender uma fogueira aqui sem fósforos.

Meu espírito está baixo. Ainda procuro o horizonte, mas o pensamento da morte tomou conta de mim agora. Não tenho vontade de inventar ou inventar. Eu me desespero. Eu me sinto tão sozinho e tão desamparado. Estou chorando de vazio e de fome. Oh, meu Deus, estou tão sozinho! Tenha pena de mim. Ah, tenha pena de mim!

Ainda é domingo. O tempo realmente esfriou muito. Há um vento que atravessa meu casaco e minha camisa por baixo, de modo que sinto que as roupas são de pouca utilidade. Como sobreviverei à noite? Eu não tenho abrigo. Não existe uma única rocha conveniente que forneça cobertura. Talvez eu devesse me enterrar na areia. Qual é o sentido de escrever isso? Quem vai ler? Dentro de alguns dias estarei morto e este romance insignificante murchará ao vento. Eu sou pequeno. Eu sou fútil. Sou apenas um homem lamentável.

* * *

Este é meu sétimo dia. Choveu na segunda-feira e as poças de água são uma bênção. Tenho trabalhado na criação de uma tigela em uma pedra, desgastando-a com outra pedra. Se chover novamente terei pelo menos um pequeno reservatório. Com o tempo eu poderia criar vários deles. A evaporação será um problema, mas as folhas de coco ajudarão. Mas que inútil. O impulso de qualquer esperança é fraco em mim. Por que eu deveria me esforçar para prolongar um fim inevitável? No entanto, tenho medo de morrer. Agora tenho a reconhecida e quase familiar apreensão da morte, onde acreditei que era indiferente. Não quero morrer aqui sem ninguém para chorar, sem ninguém para conhecer. Eu encolho só de pensar nisso, embora seja mais do que apenas encolher. Escrever sobre isso faz com que pareça uma emoção calma e analisada . Bem, a escrita me ajuda a controlar o que é na verdade um desespero, um desespero físico que me faz andar de um lado para o outro, examinar continuamente o horizonte plano. Já hoje dei duas voltas pela ilha, ambas às pressas, como se houvesse algum resultado a obter da urgência. Sei que é uma tolice, mas a minha mente partilha o desespero, de modo que o pensamento racional raramente a ocupa. Ocorre-me agora, enquanto escrevo, o pensamento de que, mesmo que eu veja um navio ,

não terei meios de invocá-lo. Não tenho como fazer um farol nem um lugar alto para ficar de pé e agitar minha camisa.

Comi mais dois caranguejos e muitos pequenos mariscos, cada um com apenas um grama de carne. Mesmo assim, ainda não sou fraco. Enquanto sento e escrevo, sonho em sobreviver. É uma impossibilidade, mas essa impossibilidade está a transformar-se numa esperança, mesmo agora. Posso sentir os processos emocionais dentro de mim enquanto permito que minha consciência fique de lado e observe. É um estranho tipo de distanciamento. Mas não é sustentável; já passou. Como sou estúpido. Faz dois dias que não toco nos cocos, então a esperança está lá, reprimida, mas obscurecendo meus pensamentos desde a chuva.

Esfregar a pedra me ocupa. Ainda não vejo isso como um propósito, embora tenha algum objetivo. Reconheço que será um propósito, mais do que apenas uma ocupação casual com um pequeno benefício ? A depressão ainda me sufoca. É difícil estimular o germe da esperança, mas vejo que a depressão não é absoluta.

Depois de escrever isso, fui surpreendido pelo riso. Levantei-me e caminhei pela praia rindo ridiculamente. Estou ficando louco? Tão cedo? Isso é tudo que a mente humana pode suportar? Eu não vou aceitar isso. O que Hugo faria? Ele era mais engenhoso do que eu. Ele faria alguma coisa. Devo pensar sobre isso, mas o que há para fazer? O que posso pensar?

A praia é branca, muito branca no brilho do sol e prateada à noite. É feito de pedaços muito pequenos de casca. Fico pensando nos incontáveis milhões de criaturas que foram necessárias para formar aquela praia. Ele se inclina muito gradualmente em todos os lados da ilha até o mar, mas logo após a entrada na água parece assumir uma inclinação mais acentuada. Existem recifes não muito distantes, claramente visíveis nos períodos de calmaria do mar, e são muitos. A maioria dos dias são calmos. As rochas da ilha são mais antigas, suponho; isso pareceria irrefutável. São rochas bastante macias, mas como não são calcário, esta ilha não pode ser um recife de coral em decomposição; portanto, deve-se presumir que sua origem é vulcânica, possivelmente o último vestígio da borda de um vulcão, ou talvez não o último vestígio. Existem outras ilhas semelhantes nas proximidades? Certamente não há ninguém ao alcance da minha visão. Mas é um lugar plano. Está longe de ser um paraíso tropical. Aqui não há lagoa, nem índia com flores nos cabelos. Apenas sete árvores e o vazio. Nem mesmo uma caverna para abrigo. Deve ser o lugar mais abjeto da face da terra. É abominável.

* * *

Outro dia. Agora percebo que há algumas coisas que posso fazer. Eu devo fazer. A situação está além de todas as probabilidades, mas pode haver milagres nas circunstâncias. O resgate não pode ser totalmente descartado. Eu acreditarei nisso. Então planeje sobreviver, por meses, talvez. Os anos não podem ser contemplados, pois esse pensamento já enfraquece a minha determinação.

Estes são meus recursos. Estas são minhas roupas; sem sapatos; pois chutei-os no mar, mas ainda eram meias, ali onde os joguei no primeiro dia; meias grossas de lã . Eu realmente não consigo imaginar nenhum valor neles. Tenho

calças, jeans fortes e bem novas; eles devem durar algum tempo. Um cinto de couro; cueca, claro, e camiseta; uma camisa jeans com bolsos no peito. E lá está o meu casaco que tentei desesperadamente tirar no oceano, mas estava abotoado nos pulsos e não consegui desfazer os fechos no pânico da minha natação. É feito de algodão grosso e tem quatro bolsos e uma fileira de botões na frente. Em retrospecto, foi uma sorte não ter conseguido descartá-lo, pois seus bolsos continham este livro e dois lápis, e também meus óculos, que enfiei em um dos bolsos antes de sair do avião. Nenhum outro item de vestuário. Em outros bolsos eu tinha minha carteira, um canivete dobrado de apenas cinco centímetros de comprimento, projetado apenas para apontar lápis ou limpar unhas – pode acabar sendo uma ferramenta muito útil. Tenho um lenço e sete moedas no valor de quatro e sete centavos, também a chave do meu quarto. Nada mais além do meu relógio de pulso. Ele ainda está acontecendo, contando as horas sem sentido. É sem dúvida o bem mais fútil de todos. Mas graças a Deus pelos lápis. Eles são minha muleta vital para a sanidade. Devo ter cuidado para conservá-los, para manter curto o chumbo exposto. Posso me dar ao luxo de cuidados infinitos. Há muito tempo.

O que posso lembrar da técnica de sobrevivência recomendada? Eu li algo sobre isso em algum momento, sem nunca ter pensado que algum dia seria necessário adotá-lo. Deixe-me pensar. Primeiro, estabeleça os próprios recursos; bem, eu fiz isso. Em seguida, estabeleça as prioridades. Certamente são bastante básicos: água, comida e abrigo. Existem também outras necessidades – ocupação mental, exercício, companhia – mas as prioridades devem ser as três primeiras. Então, item um, água: terei que depender inteiramente da chuva e dos cocos. Está muito nublado hoje; poderia facilmente chover novamente antes do anoitecer. Devo me concentrar em aprofundar minha bacia rochosa e criar outras áreas de aprisionamento; se tiver que depender do clima , será vital ter tantos reservatórios quanto possível. Item dois, comida: há caranguejos, mariscos e a possibilidade de peixes de verdade se eu conseguir inventar um meio de capturá-los. Considere a pesca. Posso fazer um anzol? O que usar para uma linha? Os caranguejos serão iscas adequadas? Eles deveriam ser, mas posso pegar o suficiente deles? Eu me pergunto se eles são mais ativos à noite. Devo examinar progressivamente a linha da costa nas noites de luar. A observação deve ser a chave para a sobrevivência. Observação e intelecto. Mas estou com fome. Estou com muita fome. Item três, abrigo: há uma fenda de uns dezoito centímetros de largura, logo acima da linha d'água, do outro lado da ilha, na qual posso simplesmente me espremer, agachado. Talvez eu possa fazer algo com isso, ampliá-lo com pedras soltas e cobri-lo com folhas de palmeira. Do jeito que está, será muito desconfortável e só poderá ser considerado temporário. É melhor que eu comece logo um edifício de rochas mais substancial, embora duvide que haja edifícios portáteis suficientes para uma cabana adequada. Mas fazê-lo trará benefícios, tanto na ocupação quanto no exercício. Não há solução para a necessidade de companhia.

Tendo apresentado as minhas intenções, a necessidade agora é de determinação para agir de acordo com elas, mas esta resolução é difícil de

manter. Sou assaltado pela inércia – não pela preguiça, pois nunca me considerei uma pessoa preguiçosa, mas pela falta de entusiasmo; não, é mais do que isso: é desesperança, é não ter uma crença real no valor da ação. É uma espécie de desistência.

* * *

Não choveu. Não há mais água. Posso durar hoje, então preciso de um coco. Significa subir em uma árvore. Até agora não tive que fazer isso, pois houve alguns caídos, mas mesmo os caídos apresentam o problema de serem descascados. Minha técnica é do tipo mais grosseiro: simplesmente esmagar a noz repetidamente contra uma pedra até que a casca esteja desfiada. É um processo muito energético. Tenho certeza de que deve haver uma maneira mais simples. E como subir num coqueiro? Parece um empreendimento singularmente difícil. A casca de um coqueiro é realmente muito áspera e me recuso a pensar em realmente brilhar sobre tal superfície. Mas suponho que isso tenha que ser feito.

Esta manhã está sem nuvens e quente. Sou grato por isso, pois nadei em águas rasas há pouco tempo e o sol é agradável em minha nudez. Finalmente colhi um dos mariscos que se agarram com tanta força . Notei um em uma pedra pequena e consegui soltá-la à força, ao passo que libertar o marisco estaria além do meu alcance. Acho que é um abalone, mas meu conhecimento dessas coisas é limitado. É aproximadamente circular e tem uma circunferência de cerca de dez centímetros, embora não seja muito grosso. Ainda assim, assim que eu o libertar da rocha, será um alimento sólido, e há literalmente centenas deles na água. Se não conseguir libertá -lo, terei de quebrar a concha, mas prefiro não fazê-lo, pois a própria concha poderia ser uma espécie de ferramenta. Colocarei a pedra na água na esperança de que a circunstância ocorra novamente. Vou cobrir o fundo do mar com pedras planas.

Também notei uma lagosta em águas mais profundas, mas minha visão era inadequada para capturá-la. Há muitos peixes, e eles não pareciam nem um pouco alarmados com a minha presença na água. Se ao menos eu tivesse alguns óculos e uma lança. Uma lança poderia ser inventada. Vou tentar espetar um sem óculos de proteção. Hoje minha esperança é forte.

É sensual ficar deitado aqui em absoluta nudez e absoluta privacidade. O sol me banha suavemente e sonho com mulheres. A fome não diminuiu minha virilidade. Lembro-me de Martine, Martine magra, pálida e sem peito , que eu amava e cuja memória é uma ponta de dor. Lembro-me de sua paixão inacreditável, maravilhosa, e me abandono aos sonhos com ela, sonhos que são camafeus de memória, lembranças das coisas que fizemos nos muitos momentos de união.

Então eu estava ferozmente lascivo. E agora estou sozinho. A sensação de solidão me permeia mais totalmente do que em todos os dias anteriores. Isso esmagou a esperança da manhã. Eu choro de pena de mim mesmo. Meu rosto está molhado. Estou aqui, nu e mole, apenas choramingando. Que ser sem alma e miserável. Que amostra abjeta de humanidade murcha, espírito derramado na areia. Este sou 'eu', covarde e derrotado.

Mas não posso me levar à resolução por meio de abusos. Quanto tempo ficarei aqui sentado chafurdando nesta miséria? Não há sinal de chuva; o céu está sem nuvens. Terei que pensar em subir num coqueiro. Eu sei que não posso fazer isso. Morrerei de sede com uma bebida a apenas dez metros acima de mim.

Qual o propósito de comer o abalone?

Já é noite. Ainda estou nu e está mais frio. Em breve chegará a hora de se vestir. Devo me vestir para o jantar; na verdade devo, pois meu jantar será um coco e eu não conseguiria subir nu na árvore. É difícil ver agora e escrever estas palavras é um esforço, mas quero fazê-lo. É meu único contato com a sanidade. Corri para cima e para baixo na praia esta noite, empinando e dançando nu. Isso me assustou um pouco. Mesmo agora, tão pouco tempo depois, não consigo lembrar os motivos que motivaram uma atividade tão ridícula. Foi um excesso de liberdade quando não posso ser livre. Esta ilha é uma cela. Por quanto tempo um homem pode manter a sanidade sem contato humano? Até um prisioneiro tem um carcereiro; sempre há algum momento do dia em que o cativo mais restrito tem um momento, ainda que passageiro, de contato humano. Um momento para sentir ódio, talvez, um momento para proferir palavras, mesmo que essas palavras sejam de desafio, um momento para transmitir algum tipo de emoção, alguma comunicação com outro ser. Nesta cela não há nada, nem um instante no futuro, para esperar.

Estou com frio agora. É hora de se vestir. Lembro-me de uma senhoria que insistia para que seus inquilinos se vestissem para o jantar.

“Vista-se para o jantar, por favor”, disse a Sra. McGinty. Ela tinha uma voz que parecia pneus numa estrada molhada. Mas ela era uma mulher formidável. Até mesmo Hugo hesitaria em desafiá-la. Ele costumava recuar com graça, no entanto.

“Mas, Sra. McGinty, não estou despido”, disse ele. Nessa ocasião estávamos à porta da sua sala de jantar, suados e envernizados de pó, incongruentes nos nossos calções de montaria, na pseudo-elegância do “McGinty Hall”, como Hugo chamava a nossa pensão. Os outros seis rostos na sala de jantar nos observavam pálidos e silenciosos da mesa escura e polida com o guardanapo branco no centro . Eles pareciam estar vestidos. Tive uma visão de jaquetas de tweed e blazers azul-marinho além da inexpugnabilidade do braço vermelho e grosso da Sra. McGinty, atravessado na porta.

“Nesta casa você não será alimentado vestido assim”, entoou a Sra. McGinty implacavelmente.

Hugo curvou-se com dignidade. Ele sempre foi digno. Provavelmente só eu pude ver zombaria nisso. 'Senhora, para sua comida eu usaria túnicas de arminho', ele disse a ela.

' Um casaco e calças servem.' Ela pode ter sentido uma pitada de zombaria, afinal.

— O que há para o jantar, Sra. Mac? Eu participei. Queria ter certeza de que o esforço valeria a pena.

“Peixe”, disse ela, se minha memória for confiável.

Eu daria tudo agora por um prato de peixe da senhora deputada McGinty, embora naquela ocasião creio que optámos por renunciar ao prazer. Provavelmente comíamos peixe com batatas fritas de jornal.

Agora vou comer o abalone.

* * *

O marisco era extremamente duro. Eu mastiguei bocado por bocado durante a noite. Estava cru e salgado, mas não tinha um sabor desagradável e não me deixou enjoado. Estou muito dolorido esta manhã, no entanto. Chegar a um coco foi uma provação maior do que eu imaginava; Devo ser mais fraco do que imagino . Minha descida foi muito rápida e descontrolada e rasguei a pele da parte interna das coxas e das mãos. Mesmo assim, tomei uma bebida. Bebi metade de um coco e guardei o resto para hoje mais tarde. A pedra está de volta à água, e eu apenas deito e descanso, sentindo minhas coxas doerem, mas não muito angustiada.

Salvei a casca, não houve necessidade de quebrá-la; fora da água foi possível cortar o molusco com a lâmina do meu canivete. Pode ser viável usar a própria concha como alavanca para libertar outras pessoas do fundo do mar. Sinto-me tão dolorido, porém, que ainda não estou disposto a nadar. Há algumas nuvens no leste e também uma brisa hoje. Ridiculamente, isso desperta minhas esperanças de chuva. Que dia é hoje? Já perdi a conta, o que por si só não tem consequências, mas é um indicador de um indesejável relaxamento de princípios. Suponho que isso seja inevitável. Este diário deve se tornar minha âncora para o moral, vejo isso claramente. Os lápis devem ser feitos para durar.

O sol brilha irritantemente nos meus óculos e vejo a simplicidade de acender uma fogueira. Só posso ficar surpreso com a minha própria estupidez por não ter pensado nisso antes; realmente parece tão óbvio. Mas devo racionar meu papel meticulosamente; não há muito, mesmo usando as notas de libra. O combustível também deve ser conservado, embora eu suponha que as cascas secas do coco queimarão. Estou ansioso agora por um cigarro. Um pouco de fogo imediatamente será uma extravagância, mas é preciso tão pouco para acender um cigarro. Sim, posso muito bem fazer a experiência agora.

Foi bem simples, na verdade; basta concentrar os raios do sol com uma lente em um pedaço de papel e estou fumando um cigarro. Vou fumar só metade hoje. É incrível como esse pequeno ato aumentou minhas esperanças. A capacidade de fazer fogo ampliou não apenas minha capacidade como ser humano, mas, mais importante ainda, minha confiança. Fiz meu primeiro avanço técnico, assim como algum ancestral remoto dirigiu sua espécie no caminho para as estrelas com essa mesma conquista técnica, embora admita que não tenha tido o benefício de um par de óculos. Isso me dá outro recurso. Tenho que usá-lo frugalmente, mas sabendo que o tenho, sou um homem. Eu sou forte. Rígido e dolorido, mas com novo valor . Posso desafiar meu mundo. Isso não vai me limitar.

Nadei e mergulhei a tarde toda e estou exausto. Mas tenho dezessete abalones aos meus pés e liberei uma despensa virtualmente inesgotável. Não são uma

colheita fácil de colher; a técnica é deslizar minha concha vazia por baixo de uma delas e acioná-la imediatamente. É vital ser rápido e isso é difícil sem visão na água. Se um deles falhar inicialmente, eles imediatamente se prendem à rocha do oceano e não podem ser movidos. A casca vazia quebrou várias vezes e agora está além da utilidade. No entanto, há dezessete outros aqui, e esta noite comerei uma refeição completa pela primeira vez neste maldito lugar. Devo batê-los para torná-los macios, como minha mãe costumava fazer com certos cortes de carne. Não posso cozinhá-los, pois não há nada que possa mantê-los sobre o fogo, mas cozinhar é um refinamento de importância secundária neste momento. Preciso beber mais, mas ainda tenho meio coco e as nuvens estão aparecendo no céu. Se chover logo terei todas as necessidades da vida. Mas companhia.

Observei que os peixes eram muito atraídos pelos abalones danificados. Se eu tivesse uma linha e um anzol, o molusco daria uma boa isca. O zíper da minha calça tem uma alça de metal para segurar os dedos; certamente eu poderia converter isso em um gancho. O que posso usar como linha? Se eu desfiasse minhas meias, a lã seria forte o suficiente? De alguma forma eu duvido. O que mais eu tenho? Impossível desfiar jeans ou algodão, mas deve haver alguma coisa. Terei que pensar um pouco sobre isso. Mas agora tenho o que comer, meu ânimo está elevado, consciente e deliberadamente elevado, sabendo que o desânimo está à espreita como um ghoul diante de um cadáver.

* * *

Não choveu novamente. Eu estou com muita sede. No entanto, no extremo leste da ilha existe uma depressão atrás de uma barreira de rochas que se enche com a maré, embora um pouco atrás dela, e drena mais lentamente do que o recuo do mar. Parece que a rocha é porosa em algum ponto e a minha esperança é que a substância da rocha possa ter um efeito de filtragem na água do mar, reduzindo o teor de sal. Sou solicitado a testar a teoria imediatamente.

Já experimentei a água do banho e é absolutamente horrível, mas na verdade é muito menos salgada que o próprio mar. É intragável, mas vai sustentar a vida, eu acho. Beberei o mínimo possível, mas é um consolo saber que não preciso morrer de sede.

Os três aspectos mais terríveis da minha existência aqui são, em primeiro lugar, a solidão irreparável, e essa é a maior arma de qualquer insanidade ameaçadora; e então o tédio avassalador. O que se pode fazer em alguns miseráveis metros quadrados de praia vazia? As horas são tediosas além da expressão. Este lamentável romance é meu bem mais precioso. E, em terceiro lugar, a impossibilidade de qualquer grau de conforto. Isto é um desconforto total, constante e implacável; dormindo na areia, areia nas minhas roupas, nos meus cabelos, na minha barba, nos próprios poros da minha pele. Em nenhum lugar há suavidade e só há o mar para me lavar. E agora minha barba está ficando quase insuportável. Sempre odiei barbas. Sinto coceira no queixo e no pescoço, e a imersão repetida no mar faz com que o sal se deposite nele. Tenho vontade de arrancá-lo. O canivete é inútil como navalha. Só posso esperar que cresça e talvez melhore. Lembro-me de relatos de viajantes retidos que se barbeavam diariamente para preservar a essência da dignidade. Admito que considero esta

uma proposta um tanto absurda. Eu me barbearia diariamente se pudesse, mas apenas para preservar um certo grau de conforto pessoal. Eu me pergunto como eu pareço. Não há espelhos aqui, nem piscinas plácidas para proporcionar reflexão. Já esqueci meu rosto, a cor exata dos meus olhos. Posso me lembrar de outros rostos com muito mais clareza do que o meu.

Martine vejo com absoluta clareza, e Hugo; Paulo também. E Monique – um nome tão improvável para uma mulher tão grande – eu também amei você, Monique, por um tempinho, tão gorda, macia e maravilhosamente quente. Amei você nua, com seus seios brancos e grosseiros, sempre macios, envolvendo-me em terna paixão. Lembro-me de suas convulsões que vieram tão rapidamente, como ondas, mas ainda suaves, e depois da suavidade permeante de sua gratidão. Mas isso foi há muito tempo. Por que você está agora vívido em minha mente? Houve outros desde então, embora não tantos; agora rostos vagos, nomes perdidos; momentos que eram então tão absolutos e agora são tão sem sentido, obliterados pela futilidade do passado. Mas de você eu me lembro, Monique, do seu rosto e da sua carne, porque eu te amei. Por um tempo eu amei você. Agora eu reconheço isso. Então você era apenas gordo e um tanto cômico, e eu o deixei sem arrependimentos. O arrependimento agora é agudo, mas talvez não muito acentuado, pois muito depois de você existiu Martine. Tão diferente, e eu a amava mais. Eu conhecia a plenitude da emoção dela, e esse arrependimento é uma dor.

Afastei-me de meus pensamentos sobre conforto e barbas, mas ajuda escrever como me sinto. Este livro fino é minha companhia, evitando que a solidão domine minha esperança vacilante. Não a leio, é uma história absurda, mas só o fato de poder escrever as minhas próprias palavras lamentáveis entre as palavras claras e incisivas do texto impresso dá-me o fator mais vital no meu tênue controlo da sanidade. Este escasso livro é um tesouro que vale mais do que qualquer outro que poderia ter sido enterrado por piratas em algum lugar deste lugar sem valor. Às vezes, os maravilhosos romances de infância capturam meus pensamentos, e imagino um mapa desenhado com sangue – não demoraria muito, pois há muito pouco para desenhar – com um “X” marcando o local mágico. Mas o romance é algo que só pode ser sustentado por muito pouco tempo. A realidade é muito dura.

A noite é melhor que o dia. A imensidão da minha solidão se contrai até os limites da minha visão. Então não consigo ver o horizonte imutável que me murcha, assim como o sol não consegue. Durante o dia sou reduzido a um cisco na expansão inviolada, mas a noite me envolve com sua escuridão amigável, de modo que sou grande dentro dela. Vejo que o tamanho é relativo. Eu me pergunto por que esse conceito nunca me ocorreu antes. A distância me torna pequeno. À noite não há distância. Não há outro medidor. Se eu fosse o homem mais alto da Terra, ou o menor, aqui isso não teria relevância.

A depressão está se instalando em mim. É tão difícil ter esperança. O céu é azul, contínua e monotonamente azul. Quero que chova e odeio azul. Há quanto tempo estou aqui? Isso importa? O que importa? Existe alguma coisa em toda esta existência execrável que eu possa dizer, com toda a verdade, que importa

de alguma forma? Nem mesmo a minha sobrevivência. O mundo não sentiria minha falta, dificilmente notaria minha ausência. Ah, algumas pessoas se perguntariam o que aconteceu comigo, e uma ou duas poderiam chorar se soubessem da minha morte, mas, com exceção de alguns detalhes em um arquivo, não importaria se eu nunca tivesse existido, e não haveria nenhuma outro vestígio da minha passagem. Esta é a letargia de pensamento em que me encontro caindo o tempo todo e, sem algum estímulo, é difícil combatê-la. Suponho que posso viver aqui indefinidamente, embora a própria ideia seja horrível demais para ser contemplada. Quanto tempo antes que os pensamentos suicidas não possam ser suprimidos? Quanto tempo antes de decidir nadar nessa vastidão e paz? Estarei louco naquele momento? Devo ser uma caricatura risonha e cacarejante? Essa imagem me choca muito mais do que a ideia da morte. Eu escolheria nadar primeiro. Dizem que o afogamento é a morte mais agradável, embora isso certamente não possa ser verificado. Pode haver tubarões. Eu não gostaria de morrer por ataque de tubarão.

* * *

Sinto falta do barulho. Este é um lugar silencioso, até o mar está calmo. Tem um som, claro, mas estabeleceu-se como um silêncio para os meus sentidos e não o ouço, embora agora tenha aberto a minha consciência para ele, ouço -o bem, pois não há um único outro som. para se intrometer. Não há vento nas árvores, nem neste momento, nem mesmo o grasnar de uma ave marinha. Anseio por música, por uma sinfonia de Mozart, ou pela voz de Caruso quebrando a quietude enjoativa desta trama sem sentido. Eu grito. Muitas vezes eu grito. Mas o som da própria voz é insuficiente para satisfazer o desejo por barulho. No ambiente normal sempre há ruído. O ruído é um hábito, um fator, quase um fator essencial na existência de uma pessoa, e embora haja momentos em que amaldiçoamos o excesso dele, e momentos em que nos sintamos abençoados pela falta dele, é apenas na ausência total do ruído. misturando ruídos, a miríade de sons da vida, que se percebe a essencialidade disso. Nascemos com som, fomos criados no berço com a segurança de vozes e canções de ninar e desenvolvemos com fala e música, com canto e riso. Som. O silêncio é como uma morte, um vácuo de sentidos, e estou perdido nele. É uma grande parte do meu desespero.

Havia uma garota chamada Sally que já teve um lugar momentâneo em minha vida. Acho que o nome dela era Sally, mas a importância dela para mim foi passageira, e Sally pode ter sido outra garota. Levei-a a um concerto na Câmara Municipal. Lembro-me de que era uma noite chuvosa e ficamos na fila por quase uma hora ao ar livre, juntos sob o guarda-chuva dela, apenas nos tocando e sentindo uma nova e excitante consciência de nossa proximidade, abaixando a cabeça para murmurar e rir em tolices particulares. A chuva escorria do guarda-chuva. Uma pessoa atrás, sem ninguém, tentou embalar um pedaço do nosso abrigo. Na emoção de nossa intimidade nascente , nós o mantivemos afastado. Estávamos constrangidos com o início do sangue, mas felizes.

Mais tarde, na tensão seca e inabalável do salão, demos as mãos e a música tocou. A música era excelente. Não me lembro da garota, mas lembro-me prontamente da música. Foi Rachmaninov. Lembro também que não apagaram

as luzes, então fechei os olhos. Era um som que exigia escuridão, não precisava de distrações como os cabelos molhados e os casacos molhados do público. Havia muitos olhos fechados. Eu estava em êxtase. A garota colocou a mão livre sobre a minha, já segurando a outra, e apertou suavemente entre nossos joelhos mútuos, talvez confundindo a causa da minha alegria, mas possivelmente compartilhando o encantamento.

Sally, se é que realmente era Sally, desapareceu rapidamente da minha vida e dos meus cuidados. Algo deve ter rompido os frágeis laços da nova emoção. A música, porém, daquela noite chuvosa na Prefeitura ficou gravada em minha mente para sempre.

Esta manhã eu cantei. Eu cantei 'You are my sunshine' repetidamente. Não foi Rachmaninov, mas ajudou. Com o vento haverá som nas árvores. E há pássaros; Eu os vi voando pelo extremo leste da ilha, embora não tenha notado nenhum pouso.

* * *

Desenvolvi um método de subir nos coqueiros que não só evitará danos à minha pele, mas também me proporcionará alguma ocupação. Isso me deu um pequeno propósito. Envolve fazer uma série de estacas usando a madeira de uma árvore estranha e cravá-las em intervalos de cerca de 60 centímetros em lados alternados de um tronco. Um projecto bastante simples, poder-se-ia pensar, mas com ajudas técnicas limitadas, nada simples. Devo primeiro cortar um galho de uma árvore estranha sem uma ferramenta de corte adequada e depois dividi-lo nos comprimentos necessários e formar pontos nas extremidades. Isso pode ser feito com o canivete, desde que eu tome muito cuidado, porque a lâmina é presa ao estojo apenas com um fino pino de latão e um talhar vigoroso quase certamente irá quebrá -la. Depois será necessário cravar as estacas nas palmas com uma pedra sem rasgar muito as pontas, e à medida que subo no tronco isso terá que ser feito a partir dos degraus abaixo. Ainda assim, farei isso. As conchas de abalone terão que servir como minhas arestas de corte, e há um recurso infinito de tempo para tomar todos os cuidados necessários. Certamente não há pressa, e meu canivete fica facilmente afiado nesse tipo de pedra; é uma pedra de amolar bastante adequada. Enquanto isso, terei que beber da poça salobra conforme a maré a disponibilizar; Estou me acostumando com seu sabor; é mais o cheiro forte da rocha e do lodo da piscina do que o sabor salgado que o torna intragável. Não parece estimular uma maior necessidade de água, como se diz que o mar faz.

Há necessidade de apanhar mais alguns mariscos, porque a maioria dos outros começou a cheirar mal antes de eu conseguir comê-los. É claramente inútil capturar tantos de uma vez. Hoje, porém, sinto-me um pouco apreensivo com a água; foi pensar em tubarões que me alarmou. Mergulhei há pouco tempo, mas a vontade ficou muito forte e saí da água só com dois mariscos, dois mariscos muito pequenos. No entanto, mergulharei novamente mais tarde.

Mais uma vez não há nuvens, mas o céu parece mais intensamente azul hoje, e não com as cores pálidas e pastéis dos dias anteriores. Isso não deveria ser motivo para levantar meu ânimo. Não sei se isso acontece, ou se tem algum

propósito que me ajude. Mas é verdade que tenho uma atitude mais positiva neste momento. Sinto que não podemos permitir que minha vida desapareça, que minha substância não se transformará em poeira covarde ao vento. Viverei e, de alguma forma, terei esperança. E vou acender outro pequeno fogo e fumar a outra metade do meu cigarro anterior.

Dentro dos limites da minha ilha, os contratos de ambição, as esperanças e os planos tornam-se minúsculos, intrometendo-se pouco no amanhã. A decisão de criar uma chama e acender um cigarro é uma das maiores convulsões da mente. É o evento importante do dia. Na verdade, o tabaco tem um gosto horrível depois de ser imerso em água salgada e seco, mas me recuso a permitir que o mero sentido do paladar diminua meu prazer. O tabaco liberta sonhos, recordações de lazer e amigos, conversas e a suavidade da inação quando a inação era em si uma ambição. Meio cigarro não dura muito, mesmo quando puxado até o último pedaço com a ajuda de uma farpa. Agora o tédio, esse problema sempre presente e envolvente de toda inteligência ativa. Isso me leva à depressão. Pareço incapaz de evitá-lo.

Vou medir a ilha. Existe um propósito. Um propósito sem nenhum objetivo, exceto aquele registrado. Para fazer isso com precisão será necessário praticar o ritmo de uma jarda . Sou o único objeto na ilha de comprimento conhecido, portanto, se marcar minha altura na areia, deitado de bruços, serei capaz de determinar uma jarda exata. Eu farei isso, farei isso agora. É um projeto muito pequeno, mas que aliviará o tédio por um curto período de tempo. Assim como minhas ambições são pequenas, meus projetos também devem ser pequenos.

Agora está feito. A ilha mede duzentos e trinta e dois metros em seu ponto mais largo, pelo que posso avaliar, e trezentos e quatro metros de comprimento. Seis mil metros quadrados de rocha estéril. Tem fendas e rachaduras e uma cobertura de areia conchiforme, mas além de um punhado de pedras soltas, parece ser uma massa homogênea. Há um pouco de terra embaixo dos coqueiros, apenas o húmus de suas folhas e cascas depositadas em camadas finas na areia. É o suficiente para sustentar a árvore, mas não para inspirá-la a qualquer vigor . Sem conhecer o seu tipo, eu o consideraria uma coisa deformada e triste, lutando como eu para sobreviver com a alimentação mais frugal. Talvez ainda seja jovem, ou talvez esteja apenas cansado, desgastado pela competição por água e sustento contra as palmeiras mais capazes. Os cocos são arrogantes em comparação. Arrogante e forte. Eles pertencem.

Esta é então a minha casa, a minha ilha, a minha cela.

* * *

Choveu. Rezei por chuva e agora que chegou, odeio isso. Agora tenho som e água fresca, mas também tenho frio. A chuva vem com vento do qual não consigo me esconder. Mesmo estar encolhido em meu nicho nas rochas não me protege, e é tão desconfortável ficar agachado como um ouriço que não vale a pena a escassa proteção. Provavelmente é melhor permanecer exposto. Tenho um plano, meio formado no fundo do meu cérebro, para construir uma cabana de pedras coberta com folhas de palmeira, mas não o desenvolvi porque sei que não

há pedras suficientes, nem folhas suficientes. Se eu buscasse pedras no fundo do mar, poderia haver o suficiente, mas esse é um trabalho tão árduo que me recuso a iniciá-lo; Eu teria que mergulhar e nadar para cima agarrado à rocha. Bem, isso poderia ser feito, mas não faz sentido iniciar um trabalho de parto que não tenho vontade de concluir.

Não posso nem acender o fogo porque agora não há sol. Estremeço e acho difícil escrever, embora o livro esteja seco sob minha camisa. Seria difícil imaginar um ser humano mais miserável do que eu. A chuva parou agora, mas o vento continua. Não há um único lugar neste lugar abjeto onde eu possa escapar do maldito vento. É uma coisa de despeito, rodopiante e inconstante, de modo que, mesmo encolhido contra as árvores, não consigo evitá-lo. O frio que eu aguentaria, eu suportaria, mas o tremor está me corroendo. Pensei em me enterrar na areia, mas o vento lançaria fragmentos em meu rosto e temo que isso seria um tormento pior. Só posso esperar, tremer e esperar.

O vento trouxe alguns pássaros para a ilha. São onze deles, pássaros cinzentos e pretos com cabeças e bicos proeminentes. Eles são grandes como gaivotas e muito barulhentos. Eu acho que eles são um tipo de gaivota, mas não os reconheço . Eles se estabeleceram no extremo norte da ilha e duas vezes fui até lá com a ideia de pegar um, mas a inspiração me escapa. Eles simplesmente voam para o mar quando me aproximo e retornam com certo desdém para algum outro lugar.

Três cocos caíram. Isso representa algum benefício do vento, mas reduz meu estoque disponível em um quarto e os que sobraram são imaturos. Ainda assim, felizmente não dependo deles. Ainda hoje eu poderia nadar se necessário, embora o mar esteja escuro e furioso. Felizmente, os ganhos inesperados me sustentarão até que o tempo melhore. Já estou mais esperançoso. Escrever é meu consolo, apesar do vento soprar nas páginas, apesar dos tremores que me fazem murchar e dificultar o controle do lápis. Ainda assim, escrever é um consolo.

* * *

O vento ainda sopra, mas menos que ontem. Enterrei as pernas na areia e coloquei uma meia na cabeça, abrindo um buraco para expor meu rosto. É algum conforto e o tremor foi controlado. Incrivelmente, sou assaltado pela luxúria. A solidão exagera a luxúria? Ou são os frutos do mar? Esses malditos mariscos contêm algum elemento para agitar os hormônios? Não consigo me lembrar de nenhum momento da minha vida, mesmo durante minha juventude, em que o sangue corresse de forma tão forte e arrogante em minhas veias. Exige libertação e a libertação é patética. É humilhante. Não farei nada sobre isso agora.

Estou farto de marisco. Seriam uma iguaria rara, cozidos com ervas e manteiga, mas crus e como alimento básico tornaram-se desagradáveis. Existem caranguejos. À noite, especialmente nas noites de lua brilhante, eles correm pelas margens do mar. Mas eles são lamentavelmente pequenos. Mesmo vários são de pouco valor para um estômago faminto. Nem são agradáveis, pois não consigo separar muito bem a casca e me vejo constantemente cuspindo pedaços; e a carne não é agradável quando crua. Tenho saudades de peixe. Há um pedaço de galho em uma árvore estranha, apenas um, que poderia ser transformado em

uma lança. Quando o sol nascer novamente , tentarei. Os peixes não têm medo. Deveria ser possível.

Oh Deus! Agora a chuva começou mais uma vez.

* * *

Eu costumava sofrer terrivelmente com resfriados . Qualquer coisa daria início a um: não trocar as roupas úmidas; uma mudança climática; até mesmo sair da cama em uma noite fria. Por essa tendência, eu deveria ter um problema muito grave, mas não há nenhum indício de um, nem uma fungada, nem um espirro. Devo contar isso como um benefício definitivo, pois não há muitos. Talvez o próprio isolamento deste lugar o torne estéril. Eu nem tive dor de cabeça aqui, ainda não, e sofri constantemente anteriormente. Mas eu trocaria esses benefícios por companhia. Eu ficaria feliz em sofrer a mais terrível dor de cabeça por uma hora com outro ser humano. A humanidade é doutrinada com palavras destinadas a aliviar a dor da tragédia emocional – desde que você tenha saúde. Boa saúde não tem preço. Aceitei isso como a maioria das pessoas; pareceria uma observação tão evidente. Agora vejo isso como falso. Um condenado trocaria saúde por liberdade; uma mãe trocaria a saúde pela vida do filho; Eu certamente trocaria o meu por muitas coisas. Sem minha boa saúde, minha sobrevivência seria mais incerta. Mas eu tenho e pouco me importo em sobreviver. É fácil escrever isso, mas não sobreviver é uma decisão que não pude tomar. Como minhas ponderações estão se tornando sem sentido. Devo me desviar dessa linha de pensamento.

O vento parou agora. E a chuva. Não está frio, mas não há sol. Estou nu e minhas roupas estão espalhadas de esperança. A esperança é a descrição da minha vida. Não é um farol brilhante, nem um impulso constante e consistente que brota de uma vontade determinada. É algo que flutua dentro de mim o tempo todo, tem que ser alimentado como um fogo. É como fogo ao vento; a mais leve brisa irá diminuí-la, mas se eu alimentá-la, o vento a fará arder. Qualquer incêndio, porém, dura pouco. Numa noite como a que acabou de passar, sozinho no vazio do nada, gelado e trêmulo, a esperança é apenas uma brasa, coberta pelas cinzas da derrota. Mas posso aumentá-lo agora, à medida que o dia esquenta e com promessa de sol.

Eu moldei minha lança. As conchas do abalone servem bem como ferramentas de corte, mais resistentes que o canivete. E aí reside o meu grande avanço tecnológico, com menos de um metro de comprimento, com um ligeiro arco do centro para a ponta; o meio é um pouco ondulado e tudo mais flexível do que gostaríamos. Mas eu consegui. É minha coisa. Li que os povos primitivos endurecem as pontas das lanças no fogo, mas esta madeira é tão resinosa que não me sinto inclinado a correr esse risco. Apesar das suas deficiências patentes, admito um certo orgulho pela lança. Não sou um homem engenhoso por natureza. A desenvoltura para mim é um trabalho de mente e força de vontade. Vejo agora que no meu modo de vida anterior me apoiei em outras pessoas, embora sem saber; Fui apoiado pela força e inspiração de apenas alguns indivíduos da minha sociedade. E na análise vejo que é assim que a maioria das pessoas existe, que as pessoas com recursos são realmente muito poucas, elas

são o aço da sociedade que sustenta o tecido mais frágil entre eles, o tecido que se move, balança e se rompe sob as várias tensões. de tentar ser. Hugo era do tipo de aço, muito amigável, muito tolerante para ser um líder de homens, mas um daqueles a quem nós, mortais menos confiantes, recorríamos automaticamente, inconscientemente, quando era necessária uma decisão. Hugo teria rido da minha lança, não de forma ridícula, mas de brincadeira, uma brincadeira gentil que seria quase um elogio. Querido Hugo, estou com muitas saudades de você.

Lembre-se dos passeios de bicicleta. Aquelas viagens longas, aleatórias e sem propósito pelo campo amenizado. Você estava sempre à frente, os fortes músculos brancos de suas coxas brilhando de júbilo, ao que parecia, abaixo de seus shorts. Eu os segui, hipnotizado pela falta de pausa e pela dedicação do meu próprio esforço. Você sempre liderou. Éramos jovens naquela época e tão verdes e alegres quanto a floresta arborizada . Estávamos esperançosos e livres, muito esperançosos e muito livres, tranquilos no mundo perturbado. Havia pousadas no campo – descobrimos tantas – e garotas, cerveja e risadas. Estávamos cheios de alegria e cantávamos; cantávamos enquanto cavalgávamos, cantávamos nas pousadas e nossas canções eram corais de júbilo. Lembro-me apenas da alegria. Certamente houve momentos ruins. Havia pernas doloridas. Lembro-me também de um acidente, embora os detalhes não tenham permanecido. E sempre houve fraturas em nossos corações jovens e dispostos. Mas as lembranças de alegria são mais fortes. Eles permanecem como a ficção de um passado melhor. Felizmente, eles permanecem.

Haverá alegria novamente. Eu *acreditarei* nisso. Mas não a alegria da juventude, não as alegrias partilhadas com Hugo. Nunca mais com Hugo.

Minha lança é inútil. Além do problema de visão na água, há também a lentidão dos meus movimentos. Foi patético, realmente. Duvido que tenha sequer assustado os peixes, eles deslizaram para longe sem esforço do bastão, mas como nunca estão onde meus olhos me dizem que estão, é provável que não tenham visto a lança como uma ameaça. Eu tenho que considerar os problemas mais detalhadamente. Tenho que tratá-los como um desafio à minha engenhosidade. Pense produtivamente. Mantenha o desânimo sob controle. Devo ser positivo. Mas o vazio no meu estômago é o desespero. Eu sinto isso se espalhando e me engolindo. O desafio é muito difícil. Não suporto o gosto daqueles malditos mariscos. A ideia de comer um de novo me revolta. Devo pegar um peixe. Para o bem da minha sanidade , devo pescar um peixe.

* * *

Outro esforço tecnológico. Desta vez não sinto nenhuma alegria, nenhum orgulho; é ridículo e demorou tanto. Cortei as pernas das calças e cortei-as em longas tiras, enrolando o corte em espiral na perna. Era um trabalho tedioso sem uma tesoura. Tive que segurar o pano com os dentes e uma das mãos enquanto cortava com o canivete. Minhas mandíbulas doem e agora não tenho cobertura para as pernas, mas tenho uma longa fita que é dura e dificilmente se desfará com o puxão de qualquer peixe de tamanho razoável. Usei a alça do meu zíper

como gancho, removendo-o com grande esforço da braguilha do que sobrou de minhas calças, dobrando-o repetidamente até que o pivô finalmente se abriu. Na verdade, foi mais fácil transformá-lo em um gancho, embora eu tenha fortes reservas quanto à sua eficácia; tem muito pouca rigidez e só fica preso à fita ao ser forçado através dela em dois lugares. Não consigo pensar em outra maneira. Então aí está minha linha de pesca. Isso não me inspira confiança. Há algum conforto em pensar que, mesmo que tenha sido uma perda de tempo, o tempo é a minha menor preocupação. Fiquei absorto por algumas horas e isso por si só vale a pena. Conceber e realizar qualquer projeto é o único meio que tenho para preencher as horas intermináveis.

Talvez eu pegue um peixe. Este é um território virgem; o peixe talvez não visse nenhuma ameaça na estranha fita azul presa a um pedaço de molusco . Está escurecendo agora. Em breve haverá uma lua. Ouvi dizer que o luar é o momento ideal para pescar. Minha isca está pronta e minha linha está pronta. Sento-me na praia, ouvindo o pôr do sol. Como está quieto. Os movimentos da luz e da escuridão, as sombras e a distância de fusão, todos são silenciosos. Como pode haver tanto movimento sem som? Por que, quando a luz e a escuridão se encontram no horizonte dourado, há tanta glória de cor , cor suave e suave? Aqui tenho uma beleza tão livre , tão livre de ruídos intrusivos que minha alma se comove. Eu, que chorei por som, fico maravilhado com o silêncio. Há paz e a filosofia permeia meu cérebro. Pensamentos de Deus e para sempre. E eu, o grande escarnecedor da banalidade, mergulho nesta beleza, neste pôr do sol que, noutros tempos, teria descrito como banal. Houve muitos pores do sol aqui, igualmente gloriosos, que antes eram registrados apenas como uma apreciação casual, afligido como eu estava pelo cinismo banal da minha geração. É um reflexo, talvez, de uma atitude nova e em desenvolvimento em mim, o fato de agora poder sentir essa beleza, ouvi-la e conhecê-la profundamente dentro de mim, além de apenas olhar para ela.

À medida que o pôr do sol desaparece, o silêncio permanece. A lua à espreita afirma sua presença. Está muito escuro agora para escrever. Eu vou pescar.

* * *

Hoje volto a comer marisco. A plataforma de pesca foi o fracasso que dela se esperava. Os peixes mordiscavam a isca constantemente, mas, em território virgem ou não, nenhum era tão tolo a ponto de mordê-la. Isquei novamente quatro vezes, depois disso o anzol caiu em dois pedaços. Pensei em usar o alfinete da fivela do cinto, mas é de latão e muito macio. Acredito que os polinésios fazem anzóis com casca. Deve haver uma técnica para isso. Vou pensar sobre isso.

As conchas de abalone são realmente muito atraentes. Por dentro, eles são cinza e rosa como madrepérola, altamente brilhantes e macios, como se tivessem sido polidos propositalmente para obter brilho . Lá fora estão incrustados de depósitos duros e algas, mas posso remover isso com o canivete. Abaixo dos depósitos há uma bela e escura carapaça de tons azuis e verdes, às vezes com bordas rosadas, às vezes brancas, pretas e até roxas. O maior que peguei tem mais de quinze centímetros de largura e continha, creio eu, meio quilo de carne,

mas os grandes são relativamente raros; eles têm em média cerca de metade desse tamanho em diâmetro e são necessários três ou quatro para fazer uma refeição decente. Na verdade, para fazer uma refeição decente em qualquer sentido gastronômico, é preciso cortá-los em fatias finas – faço isso com a borda afiada de uma concha – e esmurrá-los até ficarem macios com uma pedra chata. Mas faça o que fizer agora, o gosto tornou-se odioso. Terei que cozinhá-los; Vou acender uma fogueira com casca de coco e fritar no suco de coco, usando a casca grande como frigideira. Alguém poderia considerar um desperdício de recursos, atender apenas à indulgência, mas preciso de algo de bom em meio a essa esterilidade, de algum incentivo, e isso me dará a chance de fumar.

Lembro-me de minha mãe cozinhando bacon em uma frigideira grande e plana de ferro fundido. Nossa casa tinha um fogão de cocaína que, pelo que me lembro, nunca era permitido apagar, pelo menos não na minha juventude. Estava embutido numa parede, a única parede de alvenaria da casa, e era preciso ter muito cuidado ao examinar as panelas no fogão, porque o recesso estava rodeado de conchas e panelas penduradas, prontas para colidir com grande alegria na cabeça de qualquer um. invasor incauto. Minha mãe era muito baixa e até mesmo a panela mais agressiva e baixa errava felizmente a cabeça. Ela não era apenas baixa, ela era robusta. Lembro-me dela como uma pessoa cinzenta e sombria, o que é uma memória injusta, pois ela amava-nos muito a todos nós, aos seus três filhos. Ela trabalhava continuamente desde o início da manhã até uma hora desconhecida após a hora de dormir para garantir nosso conforto e contentamento; mas ela falou conosco em constantes repreensões ao longo do dia. Os abraços eram raros, pelo menos me lembro de poucos, embora suponha que quando criança recebi a minha parte. Minha mãe, embora séria e de voz áspera, era essencialmente calorosa e cheia de amor por nós; só que o seu afeto não era externo, embora de alguma forma estivéssemos sempre conscientes e seguros disso. Ela passou boa parte da vida ao lado daquele fogão de ferro fundido, cozinhando, sempre cozinhando. Não creio que ela fosse uma boa cozinheira; ela era basicamente uma mãe do tipo bolinhos e mingau, mas cozinhava bacon com perfeição. Meu pai gostava de bacon. Ele gostava de tomar café da manhã todas as manhãs que estava em casa; não que ele estivesse em casa a maior parte do tempo. Ele era um viajante comercial e suas estadias domésticas eram pouco frequentes. Eu gostava do meu pai; ele era um homem alegre e tendia a mimar os filhos. Mas não posso dizer que o conhecia bem. Ele era de estatura mediana, constituição mediana, realmente um homem mediano. Ele tinha um bigode mais escuro que o cabelo castanho que chegava até a boca, separando completamente a mandíbula da parte superior do rosto, e essa era sua característica mais memorável; isso e o fato de ele gostar de bacon. Minha mãe o adorava. Não é para ele o rosto sombrio, a voz aguda; para ele ela era suave, para ele ela reservava seus sorrisos. Nunca os soube brigar. Nos meus últimos anos, com a sabedoria profana da maturidade e com a amargura que acompanha o conhecimento da realidade, cheguei à conclusão de que meu pai era completamente infiel a ela; que ele não era um homem moral. Mas talvez isso não fosse nada relevante, pois o que importava era que a minha mãe nunca soube

e ele a amava quando estava em casa. Claro, eu também nunca soube; meu julgamento é baseado inteiramente em associações tipificadas, e isso não é evidência. Ainda assim, tenho certeza disso.

A imagem da minha mãe carrancuda diante da frigideira é como uma fotografia na minha memória. Ela não se move, ela é bidimensional, ela é plana; uma figura atarracada: nádegas largas e cheias, meias enroladas até as panturrilhas, dedo do pé encardido projetando-se através dos chinelos, braços curtos e grossos como os de um açougueiro, a frigideira, uma coisa grande e pesada de ferro fundido, como uma espátula nas mãos. O amor me oprime. Eu estou chorando. Minha mãe já está idosa e há mais de um ano que não a vejo. Ela encolheu quando meu pai morreu, viajando rápido e quase bêbado. Então a grande fogueira apagou-se pela primeira vez e minha mãe murchou em sua concha. Eu estava fora então. Eu estava frequentemente ausente naquela época, com muita frequência. Sinto falta dela agora, pois sei que ela deve ter sentido minha falta naquela época, e agora também. Querida mãe, eu te amo. Apoiei-me em você no meu crescimento e na minha juventude, como depois me apoiei na força do Hugo e de outros amigos. Não houve uma pessoa que se apoiou em mim? Não Martine. Monique, talvez, mas não consigo me lembrar de uma única ocasião em que lhe dei força; e ainda assim... ainda assim ela nunca teria precisado disso. Ela mesma era essencialmente uma pessoa generosa; sua necessidade era de alguém que precisasse de sua doação. Por um tempo, esse alguém fui eu. Foi um privilégio que não reconheci . Agora não há ninguém de quem receber tais doações, assim como não há ninguém em quem se apoiar. Amo minha mãe mais agora, na ausência e na inatingibilidade, do que jamais a amei na aceitação inquestionável de sua diligência e de seu sacrifício. O reconhecimento de que apenas minha total solidão atual induz à apreciação de sua devoção é o que me deprime. Eu nunca teria percebido o altruísmo de sua maternidade sem essa situação? Possivelmente, mas não tão profundamente. Oh, eu sofro por ela como uma criança sofre . Não sou um homem, mas um garotinho que precisa de conforto e braços ao meu redor, precisa de segurança, precisa de ajuda.

A autopiedade me envolve.

Tive alguns momentos ruins então. Ainda assim, o resíduo está comigo. Eu queria morrer. Passei a lâmina do meu canivete para cima e para baixo nos pulsos, mas sem pressão. A covardia fulminante mantém minha existência. Joguei a faca de lado e me masturbei violentamente. Como sempre, isso aumenta a depressão. Estou fumando agora enquanto escrevo; lentamente, fumar e escrever estão me acalmando. Estou determinado a fumar este cigarro até o fim, esgotando assim metade do meu estoque. Por que alguém gosta disso? O sabor dificilmente é agradável. Não consigo relacionar isso com a amamentação; beber de um coco é mais palatável e mais análogo a amamentar, mas muito menos satisfatório. A razão do prazer deste cigarro amassado me escapa. Basta que eu goste. Está quase acabando agora. A ponta queima meus lábios.

Acabou e surge o arrependimento. Sinto as emoções tão claramente, mais claramente do que nunca na minha vida, de modo que é possível dizer: “Agora

sinto isto”, de forma analítica e consciente, como se eu fosse um espectador das minhas próprias respostas. É claro que sempre estivemos conscientes dos nossos sentimentos e agimos por causa deles, mas a plena consciência tende a ser retrospectiva. Alguém poderia dizer mais tarde: 'Eu me arrependi disso', mas agora posso dizer: 'Isso é arrependimento', conforme o sinto. Sei como é o arrependimento quando ocorre, assim como sei, igualmente, que vai passar. É até concebível que eu pudesse esperar o momento de sua partida e registrá-lo. Mas é muito momentâneo. O arrependimento já se foi e eu não estava ciente de sua passagem.

A depressão também desapareceu. Estou com sede. Ainda há água doce no reservatório, pois tive o cuidado de conservá-la. Mas isso desaparecerá em mais dois dias.

* * *

Bem, agora estou orgulhoso, e desta vez com alguma justificativa. Eu fiz uma máscara de mergulho. Esta é uma engenhosidade que ultrapassa em muito a minha capacidade compreendida, e funciona, pois já experimentei. Comecei colocando meia casca de coco no rosto, aparando-a cuidadosamente com o canivete, depois fiz dois furos para encaixar as lentes dos meus óculos; esses buracos eram rebaixados e as lentes seladas contra os recessos por meio de anéis elásticos da minha calcinha. O material fibroso da casca, embora difícil de cortar, facilita bastante a colocação das lentes no lugar. Abaixo deles, fiz uma fenda na superfície da casca para passar meu cinto e poder apertar a máscara confortavelmente, embora um pouco desconfortável, contra meu rosto. Vaza, admito, mas não o suficiente para incomodar um único mergulho raso. Tenho que drená-lo toda vez que volto à superfície, mas isso tem poucas consequências. Posso nadar na superfície durante vários minutos sem muita infiltração, e toda uma nova gama de perspectivas alimentares foi revelada. Existem outros tipos de marisco; há lagostas, muito mais do que eu havia imaginado ; há peixes, peixes que nadam livremente, peixes em cavernas, peixes em quase todos os lugares, e há tartarugas – pelo menos uma que eu vi.

Portanto, estou orgulhoso de minha inventividade. Não só a concepção e a ocupação me mantiveram absorto por dois dias completos, mas a satisfação de seu sucesso impediu que minha inclinação natural à depressão se instalasse. Um otimismo cresceu dentro de mim, nutrido e encorajado nos últimos dias. Comi bem; marisco e lagosta cozidos. Ainda não pesquei, pois é evidente que minha lança precisa de mais propulsão, mas acho que resolvi esse problema. Hoje vou pegar um peixe. A minha cozinha é, sob quaisquer padrões, inadequada, mas depois de comer marisco cru durante tanto tempo, qualquer cozinhado é uma melhoria.

As lagostas não têm garras e são fáceis de capturar, mas não se deve puxá-las pelas antenas ou elas se perdem. Eles se espremem em fendas e buracos e é preciso agarrá-los antes que se alojem firmemente. Eles colocam o abdômen nos dedos, mas isso causa poucos danos além de alguns pequenos arranhões. Até agora peguei três, um grande o suficiente para duas ou três refeições; a polpa é muito recheada. Mas eu quero um peixe.

Amarrei os restos do elástico da minha calcinha na base da lança, para que, quando esticada na lança e solta, crie um efeito de catapulta. Sem dúvida foi o sucesso da minha máscara que despertou a minha nova onda de engenhosidade, uma engenhosidade tardia talvez, mas não é da minha natureza ser inventivo como algo natural. Na vida normal, eu aceitava a tecnologia sem mais do que questionamentos simbólicos, raramente me preocupando em examinar os princípios relativos à função. Basta que os gadgets funcionem. Portanto, meu orgulho pessoal é exagerado em proporção à minha anterior falta de autoconfiança. Este mundo, este ponto de terra, é meu, pois eu o conquistei.

* * *

Escrevi essas últimas palavras com orgulho, e esse orgulho, creio, com alguma justiça. Mas foi prematuro. Falhei em meus esforços para lançar um peixe. É muito mais difícil do que eu imaginava. Várias vezes consegui acertar um peixe enfiado numa caverna, mas só consegui desalojar algumas escamas. Ainda há força insuficiente na ação de lança, embora uma vez eu tenha conseguido perfurar a carne de um peixe, prendendo-o contra a lateral de uma fenda e forçando meu peso sobre a lança. Mas descobri que não poderia recuperá-lo sem retirar o ponto. No momento em que liberei a pressão, o peixe se debateu com mais força e desapareceu, deixando um rastro de sangue. Eu admiti a derrota. Mas não admiti totalmente. Posso melhorar a lança; precisa de uma farpa e a prática melhorará minha técnica.

* * *

Eu não posso fazer isso. Quase me afoguei e perdi minha máscara e a lança. Sessenta segundos de desastre e meus recursos desapareceram. E com os meus recursos a minha autoconfiança, que era uma coisa tão frágil. Eu sou uma casca vazia. As sombras da derrota eclipsaram o brilho provisório do optimismo. Para sempre. Sem a máscara não consigo fazer fogo, não consigo cozinhar, não consigo fumar. Mergulhei e mergulhei e mergulhei para encontrar a máscara, e cada vez o desespero crescia dentro de mim. O desespero não é preto, não é cinza, não tem matiz algum. Só tem dor. É náusea. O que posso fazer? Ah, Cristo! O que posso fazer? Por favor me ajude! Me ajude!

Esse foi talvez o meu momento mais negro, e nessa declaração dei um tom ao desespero. Recorro a um clichê, mas é inadequado. Não pode haver nenhuma palavra que transmita tal ponto mais baixo do ser. Certamente estou acima disso agora, mas sinto que, nas sombras das árvores, estão esperando os terríveis demônios da abjeção, os desânimos que são os restos da minha alma, e tenho medo deles. Não quero nunca mais passar por essa fase.

No entanto, foi quase um sucesso. Eu tinha o peixe na minha lança, abrindo um buraco para escapar da farpa. Eu já estava caído há muito tempo; Eu precisava respirar. Eu estava cansado e a máscara estava borrada de umidade. Mas eu não poderia deixar passar. Deslizei minhas mãos ao longo da lança, meus pulmões batendo forte. Eu tive que vir à tona. No entanto, eu estava realmente agarrando o peixe. Sua força era surpreendente. Ar, eu precisava de ar. O peixe atacou. Houve um choque no meu rosto. Minha máscara havia sumido. Onde estava a

superfície? Havia água em meus pulmões. De alguma forma, cheguei à costa, tossindo e vomitando e doente de medo. A mascára. Eu tive que pegar a máscara.

Eu não entendi. A máscara está em algum lugar no fundo do mar, a menos de seis metros de profundidade. Não. Mas é claro que ele flutua. Que tolo eu sou, que fútil , que tolo total. A maldita coisa é flutuante. Por que não percebi isso? Minha única desculpa é o pânico do momento, um estado de espírito irracional e impensado. A máscara está em algum lugar da superfície do oceano, sendo suavemente balançada pelas marés. Lembro-me de meu mergulho frenético para recuperar a maldita coisa do fundo, o desesperado desperdício de energia, e esse pensamento destrutivo corrói a tênue nova esperança de que a máscara ainda pudesse flutuar até a costa. Mas a esperança está aí. Devo encorajá-lo conscientemente. Os cocos flutuam, eles chegam à costa com a maré. Não está perdido para sempre . As sombras já recuam.

Agora é tarde demais para vasculhar a costa. O crepúsculo e o pôr do sol já são aparentes. Quando a lua estiver alta e a praia estiver calma, então descerei e me lavarei sob os raios da lua. Lá encontrarei minha amada. Ela estará esperando, me esperando. Seus pés descalços vão arranhar a areia prateada quando ela vem ao meu encontro, os braços nus meio levantados, as palmas voltadas para baixo, esperando o toque das pontas dos dedos. Seu cabelo será dourado e seus olhos verdes. E ela vai cantar para mim. Estarei envolvido em música. E ela vai dançar naquela praia derretida, envolta no luar.

Ah, meu amor, estou indo. Em breve irei.

* * *

A máscara não flutuou até a costa. No entanto, a ideia de que isso poderia ter servido para me estimular, e afinal consegui acender uma fogueira usando meu vidro de relógio. Tive que quebrar o relógio para tirar o vidro, mas marcar o tempo é um exercício muito fútil. Na verdade, não é vidro, é apenas uma espécie de plástico, mas serviu ao propósito, e minha confiança é um pouco maior por causa disso. Eu deveria ter pensado nisso antes, suponho, mas já mencionei minha falta de desenvoltura natural. Eu me pergunto que outras coisas não consegui ver.

Li que os polinésios usam o coqueiro para muitas das necessidades básicas da vida; Acredito que até façam tecidos com ele, embora esse talento em particular não me ajudasse muito. Quanto eu poderia fazer com isso, se tivesse mais conhecimento? Eu uso o leite para me refrescar, a polpa para comida, a casca para utensílio e a casca para combustível. Espero usar as folhas mais tarde para cobertura de palha, mas elas servem de cobertura para meus reservatórios que estão vazios no momento. Mesmo assim, a oferta de coco é limitada. Se eu usasse apenas um coco por dia, meu estoque se esgotaria em duas semanas. Eles parecem regenerar-se muito rapidamente, mas a taxa não é suficiente para encorajar nada além do mais severo racionamento. Na verdade, eu os uso mais para beber do que para comer, pois o suco é muito mais palatável quando a carne não está desenvolvida, e estou me tornando bastante especialista em avaliar a noz mais nobre para o meu propósito.

Mergulhei hoje sem máscara. Era necessário mais recuperar a confiança na água do que qualquer necessidade de comida. Antes da perda da minha máscara eu estava ficando extremamente confiante, mergulhando cada vez mais longe da costa e em profundidades cada vez maiores. Não mergulhei mais do que seis metros porque a máscara vazava muito com aquela pressão, mas descobri que conseguia ficar embaixo dela por períodos mais longos do que nos primeiros dias. É claro que a própria máscara foi responsável por esse aumento de capacidade, a visão me dando estímulos e também uma redução na apreensão natural . Hoje essa apreensão era muito evidente e era necessário exercer um controlo deliberado. A imaginação cria mais terrores que a realidade e consome mais ar. No lado norte da ilha, o fundo inclina-se suavemente durante os primeiros cinquenta metros ou mais – não me aventurei mais – e é principalmente de material básico semelhante ao da costa: rocha macia, mas com menos areia e uma variedade de crescimento submarino. , mais denso em manchas onde a rocha se fragmenta formando pequenos recifes. Os lados leste e oeste são praticamente iguais, mas a profundidade aumenta dramaticamente a cerca de trinta metros da costa. O extremo sul é muito mais rochoso, com menos vegetação e as correntes são fortes. Depois de uma exploração inicial, não mergulhei lá novamente.

Hoje o mar está calmo. O tempo está calmo. Tudo é plano. Tenho a sensação de que um barco aparecerá na planície. É um sentimento tão forte que fiquei horas sentado olhando para o horizonte. E isso me deu dor de cabeça; foi uma atividade tola, na verdade uma inatividade, mas a dor de cabeça é a primeira que sofro aqui e tenho certeza de que logo passará.

A gente se acostuma com o tédio. Torna-se uma espécie estranha de falta de expectativa. Às vezes o tempo passa por mim enquanto me sento ou deito à sombra das palmeiras. Eu me masturbo com frequência, não permitindo mais que qualquer sombra de auto-aversão afete meu humor seguinte, contente em desfrutar do prazer carnal por si só, como um pequeno propósito em um ser sem propósito. Certa vez, gravei a letra 'J' na casca de uma árvore estranha, mas descobri que era uma ocupação totalmente pouco inspiradora, onde nenhuma ocupação não seria pior. Tinha cheiro de mutilação, uma espécie de vandalismo, e lamento . Há momentos, cada vez mais frequentes, em que pareço perder completamente o tempo. Não é sono, mas não tenho consciência da vigília. Eu não sinto nenhuma sensação então. Eu não acho. Eu apenas minto e as horas me ignoram. A vontade de mover-se, de agir, de realmente pensar, me abandona. Não consigo ver que isso importe. Os padrões da minha existência inicial não têm significado. Não há moral aqui, pois a moral depende da interação social, e porque não há moral, não pode haver culpa. Termos como preguiça, egoísmo, preguiça, cobardia, auto-abuso, termos que são depreciativos ou desdenhosos na sociedade organizada – e considero que têm razão – tornam-se totalmente sem valor num isolamento como o meu. São termos que refletem julgamentos sociais, inteiramente dependentes da comparação com outras pessoas. Sem outras pessoas, eles não têm significado. Agora que compreendi isso, a culpa não me assalta, mas na verdade já me incomodava anteriormente, condicionado

como estava aos valores de outra existência. Só recentemente é que me dei conta da total invalidade desses conceitos. Isso é uma desculpa para mim? Claro que é. Mas quem é meu promotor? Quem me acusa? Apenas minha própria consciência doutrinada. Talvez durante este período do meu isolamento a doutrinação possa ser apagada e eu possa pensar em novos parâmetros de verdade.

Meu último cigarro acabou. Vou parar de fumar.

* * *

'Aí está você', disse o velho, 'o mar devolveu-o a você.'

'Sim, eu disse. A máscara rolou na areia. As ondas empurraram-no para os meus pés como se dissessem: 'Veja, eu trouxe-o de volta.' Eu assisti, sem me dignar a pegá-lo.

O velho se mexeu na rocha em que estava empoleirado. “Você deve ter fé”, disse ele.

'Onde está a garota?' Perguntei.

Ele encolheu os ombros para parecer um condor. Ele era muito magro e parecia ridículo em sua camisola listrada. Suas pálpebras se afastaram dos olhos, de modo que, independentemente do que sua boca fizesse, ele não conseguia sorrir. Seu queixo estava coberto de barba por fazer. O mar continuou a fazer a sua oferenda, persistindo suavemente.

“Você deve estar desconfortável aí”, comentei.

'O conforto é tão importante?' Sua voz era calma e educada.

'Mas é claro. A falta disso é minha principal tribulação.' Nós dois ficamos em silêncio então. Mexi um pouco de areia molhada com o dedo do pé. 'Imagino que toda a vida do homem seja realmente uma busca por maior conforto.'

'Não é riqueza?' ele questionou.

'Apenas como meio de conforto adicional.'

Ele levantou-se. A camisola parecia pendurada nele como se estivesse presa a alfinetes. “Acho essa ideia intolerável”, disse ele. Ele se aproximou e agarrou meu cotovelo com uma mão que era só ossos. Foi um aperto extraordinariamente poderoso. 'O conforto é sua maior prioridade aqui? Você não sacrificaria o pouco que tem por uma hora, meia hora, até dez minutos, gastando com a garota, a garota real em carne e osso?

“Essa é uma pergunta injusta”, retruquei. ‘Minhas circunstâncias são bem diferentes do padrão.’

'Ah! mas não é a privação que dá verdadeiro valor ao comportamento e às necessidades da humanidade?'

Eu deveria conhecê-lo. Há algo nele que é familiar. 'Não, de jeito nenhum', respondi, 'a privação exagera a necessidade e, portanto, os valores.'

'Mas aqui você não tem exagero. Você tem apenas o requisito mais fundamental: o da nutrição.

'Tenho outros requisitos, só não tenho oportunidades para satisfazê-los.'

'Exatamente. Você não tem música, por exemplo, nenhuma companhia, e apenas um escasso grau de conforto. Você está em uma posição única para estabelecer prioridades.'

O mar ainda lavava a máscara, sem movê-la para cima, mas relutando em abandoná-la finalmente. “Sexo não é minha prioridade”, eu disse, agachando-me e abrindo sulcos com os dedos. O velho agora estava segurando meu ombro.

Ele disse: 'Amor, no entanto.' Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

Meu coração estava doendo de solidão. 'Algum tipo de companhia. Apenas alguém com quem conversar, só isso. Não necessariamente uma garota.

Peguei a máscara e examinei-a. Parecia intacto. As lentes ainda estavam no lugar e intactas e o cinto ainda estava enfiado na fenda. Tomei consciência de que a pressão de sua mão estava ausente e percebi que ele havia me deixado. Talvez eu o tenha ofendido, quem quer que fosse.

Coloquei a máscara num local fora do alcance da maré e caminhei pela praia. Devagar. Dei quatro voltas pela ilha antes do amanhecer. Ela não veio.

* * *

Outra noite. Muitos. Tão interminável. Tenho futuro ? Existe um mundo lá fora? A lua brilha como uma cimitarra árabe. Esta ilha é dotada de mais estrelas do que qualquer outro local da Terra. Todas as noites eu os vejo na mesma posição. A razão me diz que isso é uma falácia. Meus olhos refutam a falácia. A única mudança são as estrelas em movimento, e há muitas delas, muitas, muito mais do que alguma vez vi em casa. O que eles são? Eles são cometas? Naves espaciais? A fantasia pode me capturar.

“São naves espaciais”, murmura o velho atrás de mim.

“Meteoritos”, afirmo com firmeza, sem me virar.

“As naves espaciais queimam quando entram na atmosfera”, ele continua como se eu não tivesse falado.

“Os fragmentos que foram recolhidos são feitos de rocha”, digo-lhe, sem querer realmente prosseguir com a fantasia.

“Ferro e sílica, principalmente. Os elementos usados na construção de naves espaciais.

'Sílica? Eles usam sílica em naves espaciais?' Eu me viro e o encaro.

'Por que não?' Ele ainda está vestido com aquela camisa de dormir ridícula, mas acrescentou uma bebida para dormir. Ele parece ainda mais cômico. 'Quem sabe o que eles usam? Quem entende de tecnologia alienígena? Ele persiste com a fantasia, mas o clima para bobagens enigmáticas me abandonou.

“Vá embora”, eu digo, e ele vai embora imediatamente. Devo perguntar-lhe o nome dele.

Encontrei uma tartaruga na praia esta tarde e a peguei sem muito barulho; não poderia me escapar de seu elemento. Virei-o de costas. Ele ainda está lá, ainda vivo, suas nadadeiras nadando lentamente no ar, em uníssono, inutilmente. Deve ser uma crueldade deixá-lo assim. Por que sou cruel com isso? Por que isso me preocupa tão pouco? Perdi minha compaixão com minha culpa? Posso comê-lo? Como faço para matá-lo? Como faço para desmembrá-lo? Eu resolverei esses problemas. Vou dormir agora e pensar neles pela manhã. A carapaça deve ser útil.

* * *

Há nesta solidão uma dependência completa do humor que, por sua vez, é afetado pelos pequenos sucessos ou fracassos que em outras circunstâncias seriam insignificantes. Por causa disso, a pessoa torna-se nitidamente consciente do seu humor, e se ele parecer depressivo, ou mesmo muito elativo, deve-se tentar alterá-lo conscientemente. Mas as diversões são limitadas. Não se pode controlar o humor apenas pela vontade, embora eu tente. Faço jogos mentais e, claro, escrevo meus pensamentos, deliberadamente, como se previsse que alguém os leria um dia. Isso é improvável e eu percebo isso, e, realmente, há partes deste escrito que eu preferiria excluir, sendo muito pessoais para avaliação pública; mas por enquanto, com a improbabilidade de que isso venha a ser tornado público, escreverei como sinto, pois essa é a maior ajuda que tenho para controlar o humor.

Fomos educados para acreditar que na solidão há paz, e quando a solidão é voluntária e a duração dela está sujeita a decisão pessoal, o conceito é sem dúvida verdadeiro. Bem, aqui há paz, paz contínua, monótona, invariável; a única agressão é a violência ocasional dos elementos, e mesmo esta tem sido da forma mais branda até agora. Contudo, esta é uma paz limitada, uma paz física; não é a paz que se buscaria na sociedade. A solidão aqui é o reverso dessa paz, é uma agonia, de mente e de emoção. Há um horror na quietude total que precisa ser vivenciado para ser compreendido, uma quietude total que dura dia após dia após dia. Já vi pássaros aqui, e eles gritavam e brigavam entre si, mas mesmo isso é raro. Anseio pelo canto dos pássaros da floresta. Houve um período em minha juventude em que eu era acordado diariamente em um acampamento de escoteiros pelo canto de uma cotovia, e ninguém poderia desejar um começo de dia mais emocionante. E ouvi rouxinóis e fiquei extasiado com o inacreditável vibrar de sua alegria invisível. Anseio por esses sons, apenas pardais cantando e brigando nas sebes, sons comuns, tão comuns que mal são ouvidos, apenas reconhecidos na ausência.

E não apenas pássaros; a música das crianças brincando, das vacas chamando para serem ordenhadas, o farfalhar das criaturas misteriosas na grama. Se alguém tivesse essas coisas com solidão, então talvez pudesse obter um maior grau de paz, pois a paz não é um tecido virgem, ela precisa de inúmeras interrupções na uniformidade para torná-la suportável.

* * *

Finalmente peguei um peixe. Já cozinhei e comi. Fiz isso quase imediatamente e deve ter sido a refeição mais satisfatória da minha vida; não só era saboroso, como fez maravilhas pela minha confiança. Na verdade, foi uma conquista absurdamente fácil. Hoje optei por nadar no fundo arenoso em vez das áreas rochosas mais prolíficas. O mar está hoje particularmente plano e claro, e a forma do peixe foi facilmente distinguida na areia. Eu tinha apenas uma vara curta e pontiaguda para substituir minha lança, mas era simples mergulhar e espetar o peixe com um só movimento. A água tinha menos de dois metros de profundidade. Forcei o graveto através dele e na areia abaixo, e quase no mesmo movimento soltei uma mão para recolocar o graveto abaixo do peixe. Não conseguiu escapar e o esforço foi mínimo. Agora que tenho a técnica, devo poder

comer peixe regularmente, mas preciso me adaptar a comê-lo cru. A escassez de combustível está começando a ser um problema e o papel para acendê-lo logo se esgotará. O método de iluminação precisa de papel. Não sei o que poderia usar como substituto.

Às vezes faz tanto frio à noite, quando o vento sopra do sul, que fico tentado a acender uma fogueira para me aquecer. Devo resistir a isso. É necessário racionar meticulosamente meu conforto. Cocos, fogo e meus lápis. Os lápis duram bem; Eu mantenho os pontos curtos. Essa técnica é possivelmente a única útil que trouxe comigo para a ilha; todos os outros tiveram que ser aprendidos. Alguém com mais conhecimento das coisas do mar e dos coqueiros, e com mais invenção natural, poderia ter se saído melhor do que eu, mas consegui a sobrevivência. Posso beber e posso comer; não muito mais, mas não preciso morrer. E acho que mantive minha sanidade; houve aberrações, mas no geral ainda sou racional. Além do frio à noite e recentemente de um dente que começou a ser preocupante, a vida aqui deve agora estar no seu potencial máximo de conforto. Parece não haver mais possibilidades. Existem os pássaros, é claro. Pode ser viável conceber um método para enredar alguém, mas com que propósito? Os recursos alimentares que possuo devem ser certamente mais desejáveis do que a carne de uma ave marinha oleosa. Aí está a tartaruga. Ele está morto agora e eu não precisei matá-lo. Em breve começarei a tarefa de desmembramento.

Sinto que minha mente está especialmente lúcida agora. Analítico. Leio minhas conversas gravadas com o velho e pondero sobre o efeito da minha necessidade sem ridículo. Quem era ele? O que ele era no meu passado? Por que esta conjunção de absurdo e filosofia? Minha memória se recusa a lembrá-lo. Talvez ele não existisse como o vejo agora; talvez ele seja uma combinação de muitas personalidades. A garota, claro, não precisa de lógica. Ela é apenas a personificação das minhas necessidades físicas. Eu nunca falo com ela. Eu nunca toco nela; Acabei de vê-la. Ela não é Martine, nem Monique, nem uma mistura delas. Ela não é nenhuma garota que eu já conheci. Eu a chamo de Deirdre, pelo simples fato de gostar do nome. Ela é uma ilusão romântica e não é necessário nenhum conhecimento especial para perceber isso. Mas o velho deve ser considerado de forma diferente; ele dificilmente é uma ilusão romântica. Ele é real. Ele tem carne e me toca. Por que escolhi um velho de camisola como companheiro? Deve haver algo em minha psique que estabeleça o tipo e a forma de minhas ilusões, mas o que é é complexo demais para minha compreensão.

Eu me pergunto o que posso fazer com o casco da tartaruga. Deve ter alguma utilidade prática.

* * *

Está chuvoso esta noite e ventando, e estou infeliz. Não deprimido, apenas infeliz. Estou acostumado a ser miserável agora e aceito isso. Não é exatamente estoicismo, é mais um patamar de condição no qual posso permanecer com certa segurança; antes, a miséria era um prelúdio para o desespero, uma inclinação mental onde, a menos que encontrasse uma base de determinação, deslizaria rapidamente para a autopiedade. Os meus reservatórios estarão cheios pela

manhã; Tenho quatro agora, incluindo a carapaça invertida. Esse é um consolo para esse desconforto implacável. Meu dente está me incomodando, por causa do frio, eu imagino. Torço para que não piore. Eu dificilmente morreria de dor de dente, mas o perigo é a ideia de que não haveria possibilidade de alívio. Isso poderia abalar meu equilíbrio mental além do reparo. Vejo que meu controle sobre a sanidade às vezes é realmente tênue, e certamente é a escrita que o reforça. A dor de dente pode ser o único fator que pode afrouxar esse aperto tênue. No entanto, qual é o meu critério de sanidade? Posso ser meu próprio juiz da minha condição mental?

O vento está forte demais para escrever.

* * *

Dois dias se passaram. Houve uma tempestade. Não consigo me lembrar de uma experiência mais terrível em toda a minha vida. Estava tão frio que pensei que tinha que morrer. Tremi continuamente durante vinte e quatro horas inteiras. O vento soprava além da compreensão humana. Eu só conseguia ficar deitado de bruços no abrigo inútil das árvores. Fui atingido no quadril por um coco que caiu e, por um tempo, acreditei que meu quadril estava quebrado. Não é o caso, mas a dor permanece. Não sobrou nenhum coco nas árvores, apenas a folhagem mais escassa. Levará meses para que eles se recuperem e um dos meus recursos importantes acabou. Ainda está frio e o vento continua, mas com menos violência, e a chuva parou. Estou completamente molhado. Não há nada seco para acender o fogo, exceto talvez as páginas mais internas deste livro. Não os usarei, mesmo que fossem suficientes para atingir mais do que uma chama momentânea quando o sol finalmente aparecer. Isso pareceria improvável por algum tempo.

Estou determinado a sobreviver. Penso na possibilidade de pneumonia, mas me recuso a reconhecê-la. Comi um pouco de carne crua de tartaruga e um coco. Esta ilha não vai me matar. Um dia serei encontrado. Serei são e serei forte. Essa é a minha resolução. Foi o propósito que me permitiu sobreviver à tempestade. Fiquei deitado, tremendo, sob as árvores que gritavam, enquanto o vento demente e a chuva batiam em meu corpo, encolhido e impotente; e então veio a resolução. Foi uma força de propósito como nunca tive, que antes não sabia que podia sentir. Certamente o isolamento me deu essa vontade. Aprendi determinação. Ainda estou tremendo, mas acho que a tempestade acabou. Mais cedo ou mais tarde o sol nascerá e haverá calor. Estarei seco. Não preciso de ninguém; nem homem, nem mulher. Eu fiquei sozinho. Eu sou forte. Invicto. Eu não serei espancado.

* * *

Eu sou um rei. Sou um rei sem súditos, mas as árvores e a praia estão sob meu comando.

'Você não é um súdito sem rei?' A voz do velho vem da praia abaixo de mim. Eu não consigo vê-lo.

Eu ri. 'Rei. Assunto. Que relevância eles têm aqui? O status é tão sem sentido quanto o crime.

'O crime é sempre sem sentido?' Ainda não consigo vê-lo. Sua voz é cortante, entretanto; ele parece perto o suficiente para ser visto.

'O crime é um conceito social, um pecado social.'

'Não é um pecado de sua consciência?'

“Essas são perguntas estúpidas, meu velho. Você não pode me julgar pelos valores de outro mundo. Mostre-se, quero saber quem você é.

Silêncio, durando tanto que estou tentado a me levantar e procurá-lo. Em vez disso, escrevo. Não estou preocupado com os remanescentes tentáculos de consciência que suas perguntas representam. Eles são os ataques moribundos da doutrinação. Não posso cometer nenhum crime aqui.

'Você não pode negar sua composição genética.' Ele vem da escuridão, mas fica parado nas sombras. E eu o conheço. Essa é uma afirmação exata da minha infância. Ele é meu professor, Muller.

“Eu conheço você”, eu digo. — Você é muito mais velho e usa aquela camisola idiota, mas eu conheço você.

“Eu estava usando quando morri”, ele diz categoricamente.

Então agora estou claro. Ele foi um dos principais instrumentos na formação da consciência que agora se agita antes da extinção final. Não é estranho que ele paire como o espectro do que já foi. Quadrinho agora. Tão irrelevante quanto a inculcação de sua disciplina. Ele é verdadeiramente representativo de algo morto.

'A consciência social é necessária para o funcionamento ordenado de qualquer sociedade.' A frase exata. Insistências há muito esquecidas da sala de aula. Sinto o cheiro agora, de carbólico e de giz. Ouço o barulho de sapatos imóveis, o fungar, o fungar constante. Lembro-me de uma garota que sempre fungava, e até o nome dela volta - Anna Tims. As memórias são lúcidas. Ela tinha cabelos escuros e desgrenhados, presos em tranças inúteis com tiras rasgadas de algodão rosa, amarradas de maneira desigual e grisalhas de sujeira. Ela era magra e seu rosto estava manchado pela pubescência. Os meninos pagavam-lhe doces ou cigarros roubados para que ela abaixasse a calcinha no vestiário só para deixá-los ver. Por dinheiro, ela permitia que a tocassem com o dedo. Eu me pergunto o que aconteceu com ela. Ela tinha pouco interesse para mim e, quando nossos dias de aula mista terminaram, sua existência perdeu o sentido. Para mim. Frank me contou que ela foi para um convento. Lembro-me dela apenas como aquela que fungava mais. Ou foi Jenny quem foi para o convento? Eu gostei de Jenny. Ela enfiou um lápis na minha perna; há uma marca de grafite lá até hoje.

“Sem sociedade não há necessidade de consciência”, afirmo.

'Mas você tem que manter seus padrões para quando retornar à sociedade.'

'Você é minha esperança, então, assim como minha consciência.'

'É apenas a sua própria esperança que você ouve.'

— Você sempre foi um bastardo banal.

A mesa estava desajeitadamente apoiada em uma área elevada do chão, pequena demais para o peso, de modo que Muller constantemente tinha que subir e descer enquanto se pavoneava durante seus esforços de ensino. O velho quadro-negro riscado, mais cinza do que preto com giz entranhado, pendia

cansado atrás da mesa, a borda da frente cheia de pedaços de giz e dois espanadores de feltro ineficazes. Mas foi aquele velho quadro negro que me deu a base de tudo o que aprendi. Erudição fútil. Embora nem sempre pudesse ter sido Muller. Foi alguma vez?

Ele costumava bater no quadro-negro com uma régua. Ele enfatizou os fatos com aquele governante, aqueles fatos implacáveis, demonstráveis e aquela matemática irrefutável. Mas a verdade é muito mais do que matemática.

'Você não deve comparar matemática com filosofia.'

— Eu procuro a verdade, velho. Você não é a verdade. Você é uma ilusão.

Ele é uma combinação da minha necessidade de companhia e das lembranças da juventude; mas as próprias memórias são em parte ilusórias, tão distorcidas pela recriação delas e fundidas com tantas cenas intrusivas da vida adulta, histórias lidas e imagens vistas, que o que há de verdade nelas não pode ser divulgado.

Meu dente está doendo novamente.

* * *

O céu está gloriosamente azul mais uma vez. Guardei todos os cocos caídos. Com esses e meus reservatórios cobertos tenho bastante para beber por algum tempo; os cocos são verdes demais para servir de alimento. Contudo, parece que minha dieta é adequada; Estou realmente extremamente saudável. Exceto por esse maldito dente. Eu não sei o que fazer sobre isso. É um molar, então não há chance de inventar uma técnica para removê-lo. Peguei um peixe novamente hoje. Fui tolo em jogar fora o esqueleto do anterior. Certamente os ossos dos peixes servirão como farpas de lança e anzóis. Devo experimentar.

A tempestade derrubou onze folhas de palmeiras que agora cobrem meus reservatórios; mas mais tarde, quando a água acabar, irei usá-los para construir um abrigo. Eles duram muitas semanas antes de degenerarem em uma frágil inutilidade.

Além do romance, quase não me sobrou nenhum papel, mas consegui acender uma chama nas folhas secas das palmeiras com uma paciência incomum. O combustível está se tornando muito escasso e meu racionamento deve ser severo. Há apenas cascas velhas de coco e galhos verdes de uma árvore estranha que estou mais relutante em usar. Como principalmente comida crua, mas vou cozinhar meu peixe.

Já é noite. A lua está tão brilhante que posso escrever tão facilmente quanto à luz do dia. O peixe estava delicioso. Esforcei-me para cozinhá-lo bem, sabendo da extravagância, mas precisando de alguma compensação pela miséria dos últimos dois dias. Estou alerta desde a tempestade; não houve perda de horas, nem queda em letargia estúpida. Esta noite minha dor de dente diminuiu. Eu sei que está aí, mas não é insistente.

Há quanto tempo estou aqui? Este lindo céu noturno deveria fornecer uma pista, mas não consigo reconhecê -lo como diferente de quando cheguei. Deve ser, claro. Eu deveria ter traçado, marcado na areia como era então. Mas não me ocorreu fazer isso. Hugo teria feito isso; ele teria visto isso como um

procedimento fundamental. Ele teria recolhido uma pedra ou concha todos os dias para registrar a passagem do tempo. Parece que muitas vezes o básico e o óbvio me escapam, pelo menos quando é mais útil vê-los. Mas vou fazer agora, registrar o céu da praia com pedras e conchas, depois repetir o exercício a cada vinte e oito dias. O conceito me entusiasma. Estou ansioso para começar, tão ansioso que preciso exercer moderação. É um projeto. Preciso desse estímulo para meu intelecto lento tanto quanto preciso de sustento. A contenção também é um prazer a ser saboreado . Aqui, onde o tempo não tem sentido, tal impaciência pode ser a substância da meditação. Tais possibilidades devem ser valorizadas e racionadas como recurso. Escrever agora é um esforço deliberado para subjugar a impaciência, mas ainda vejo relevância nisso. Dois fatores são aparentes: porque o tempo não tem sentido, qual é a necessidade de pressa? O céu certamente mudará, mas não muito durante algumas noites. E devido à falta de sentido do tempo, o projeto em si pode não ter sentido. Sim, será um registo irrelevante da passagem dos meses, mas muito importante para o elemento vital da ocupação.

A ocupação é o esteio da minha sanidade. Afirmo que estou são agora, mas se fosse de outra forma, poderia o louco avaliar o grau de loucura? Eu me preocupo com isso. Desnecessariamente, talvez, pois meu grau de sanidade ou insanidade afeta apenas a mim. Mesmo se eu fosse resgatado, qualquer estranheza em meu caráter seria racionalizada . Não vou me preocupar com a questão agora. Mas preciso desse estímulo intelectual.

* * *

Está feito. Foi um exercício muito difícil. Felizmente, foi difícil. Fiquei completamente absorto durante duas noites, absorto na geometria dos céus, nos problemas de escala e ângulo. Fascinado. Tão consciente dos detalhes celestiais e tornando-se igualmente consciente de si mesmo. Foi o período mais maravilhoso do meu eremitério forçado, fascinante não apenas pela sua execução, mas pela compreensão de que pode haver alívio do tédio corrosivo. Por um tempo, durante a concentração e o êxtase, senti que estava perto de uma sabedoria, uma sabedoria tão profunda que, se a tivesse compreendido, uma infinita clareza de compreensão teria sido minha; a sabedoria de todos os homens, de todos os tempos, de todos os deuses. De alguma forma, isso me escapou. Talvez na minha súbita consciência da sua proximidade. Houve um instante em que esperei que isso me dominasse. Esse foi um momento extraordinário. Um momento de calma, paz e expectativa. E embora não tenha havido nenhum insight, nem houve decepção, não houve anticlímax. A paz permaneceu, e o registro mental do momento. Entendo por que as estrelas cativaram tanto as mentes dos homens ao longo da história; Galileu, Aristóteles, talvez eles tenham compreendido seus momentos de sabedoria onde os meus passaram.

Estou orgulhoso do meu esforço na praia. Fotograficamente as proporções não seriam corretas; não se pode abranger a imensa extensão do céu em alguns metros quadrados de areia. Mas eu gosto. Já olhei para ele muitas vezes com admiração, como um estudante que olha repetidas vezes para seus primeiros

esforços artísticos e acredita que são bons. Acredito que meu esforço é bom. Eu acho que é excelente. Terei que perguntar a Muller o que ele pensa, embora ele não tenha aparecido desde que descobri sua identidade.

Reconheço que a sua identidade é um aspecto do meu próprio subconsciente e, ao reconhecer isso, talvez tenha excluído qualquer outra encarnação do velho homem. Espero que não. A garota que não vejo há uma ou duas semanas. Isso é menos importante.

Estou muito peludo agora; minha barba é longa e coça muito menos do que durante seu crescimento inicial, uma penugem emaranhada cheia de areia e sal, e espessa como meu cabelo; ambos são marrons, imóveis e prósperos, embora eu desejasse que fosse de outra forma. O cabelo faz com que minha máscara vaze. Mas estou com uma saúde surpreendentemente boa, apesar das limitações da minha dieta, e também estou em condições de fazer exercícios e nadar, meus únicos passatempos. Este maldito dente é a única intrusão no meu bem-estar físico. Não está tão ruim neste momento.

Tornei-me basicamente uma criatura noturna, embora mergulhe pela manhã em busca de minha despensa. A maior parte do dia eu durmo. A lua fica tão brilhante à noite que posso vagar pela praia com poucos problemas de visão, geralmente procurando outra tartaruga. Já os vi ocasionalmente no mar, mas eles precisam estar em terra para que eu possa capturá-los. No entanto, há caranguejos para apanhar, alguns do tamanho da minha mão. Raramente uso roupas agora, exceto quando o tempo está excepcionalmente frio. Ando nu, completamente nu, tão nu e peludo quanto meu antepassado mais primitivo, com velocidade e agilidade tão aprimoradas que provavelmente poderia igualar aquele antepassado na busca por comida. Poucas oportunidades me passam agora para capturar criaturas marinhas dentro ou fora da água, e trabalhei na máscara, e trabalhei nela novamente, e novamente e novamente, por muitas horas durante muitos dias; cabe tão bem no meu rosto e as lentes são tão bem vedadas que só vaza quando mergulho fundo, e só então por causa dos cabelos intrusivos. Por que não deveria ser arrogante? Desenvolvi os atributos necessários para sobreviver. Portanto, sou arrogante e me pavoneio até que o riso perturbe a pomposidade. Mas tenho que tomar cuidado com o riso, embora ele seja precioso em si; o riso é uma conquista difícil por si só. No entanto, pode ser um perigo. No reconhecimento do ridículo está o reconhecimento da futilidade, a futilidade da arrogância sem florete, e essa consciência pode ser a semente do desespero.

O desespero é menos comum para mim agora, mas a esperança também deve ser subjugada, pois para permitir rédea solta à esperança – qualquer esperança que não seja um resultado final, como se a minha vida aqui fosse um livro para ser lido com o fim escondido, distante até, mas decidido – seria como balançar um pêndulo. A esperança seria inevitavelmente seguida pelo desespero. A obtenção do equilíbrio é uma técnica para a minha sobrevivência, mas nunca devo considerá-la garantida; é o equilíbrio entre os dois pólos que deve ser cultivado. Quanto mais uniforme for o plano emocional, mais óbvios serão os fantasmas da insanidade.

Gostei tanto de traçar as estrelas que considero importante planejar outros exercícios cerebrais; Nem sempre posso recuar para a escrita. Mais cedo ou mais tarde as páginas estarão cheias ou minha liderança se esgotará. Ainda há bastante, mas sempre devo conservar.

* * *

Não há pássaros hoje. Os únicos seres vivos em terra dentro do horizonte são as árvores e eu, e talvez alguns caranguejos invisíveis. Antes das árvores, esta ilha devia estar realmente desolada . Como eles chegaram? Os cocos vieram primeiro; a outra árvore precisaria do húmus para crescer, embora suas raízes devam estar na areia. Os cocos flutuam, é claro, e até começam a germinar no mar, pelo que entendi. Essas palmas têm aproximadamente a mesma altura, então provavelmente têm a mesma idade. Seria razoável presumir que todos chegaram na mesma maré, a menos que sejam fruto da mesma árvore. O bosque fica no ponto mais alto da ilha, onde as marés normais não chegam, então uma única árvore com frutas ou seis nozes individuais foram jogadas no alto durante uma tempestade. Eu não encontrei tal tempestade, mesmo a terrível de alguns dias atrás não forçou o mar tão alto, então felizmente tais tempestades são extremas, raramente experimentadas. Caso contrário, a estranha árvore não poderia ter crescido.

A lógica de que seis nozes chegaram aqui juntas, soltas ou ainda presas a uma árvore-mãe, excita-me bastante desproporcionalmente à lógica envolvida, pois sugeriria outra ilha dentro de uma proximidade razoável; pois embora os cocos possam flutuar por milhares de quilômetros, um grupo deles certamente se separaria e uma árvore não viajaria muito longe. A ilha de origem teria que ser maior que esta e já abastecida de palmeiras. Eu me pergunto o quão perto está. Eu poderia derrubar essas árvores e construir uma jangada? Como eu manteria os logs juntos? Em que direção eu iria? Não, o pensamento é fútil, uma onda irracional de esperança que deve ser desencorajada. Esta é a lógica dominante: as palmeiras, embora agora estéreis, são o meu recurso mais valioso; mesmo que eu pudesse inventar um meio de derrubá -los, e isso pudesse ser feito com grana e engenhosidade, tal ação seria uma loucura total. A suposição de que existe outra ilha nas proximidades baseia-se no raciocínio mais frágil e, embora as correntes predominantes possam dar uma indicação de direção, o alcance seria demasiado vasto para ser possível. Ah, é um absurdo, mas a esperança não morrerá.

Considere a outra árvore. Existe um mistério. A sua identidade é um enigma; o seu ser é milagroso, uma homenagem à resiliência e à vontade de viver, embora na verdade não o tenha feito muito bem. Está atrofiado, distorcido pela subnutrição, miserável pelo sofrimento; pois sofre, aquela pobre árvore, uma imagem de pathos onde os cocos se pavoneiam em possessão arrogante. Eles pertencem; a outra árvore é cativa da ecologia incorreta, vítima da germinação errante. Mas o que trouxe a semente? Foram pássaros? Ou foi trazido por mão humana? Imagino alguma canoa errante, ou mesmo um iate, uma lancha, algum navio passando, buscando abrigo durante uma tempestade, ou simplesmente visitando a ilha por curiosidade. Só há uma atração na ilha, o coqueiro, e um

homem está embaixo deles comendo uma fruta. A árvore estranha é uma árvore frutífera? Poderia ser. Gosto da teoria porque ela estimula a chama da esperança, e essa esperança é ainda menos racional do que a anterior. A árvore é um pouco mais alta que eu, com alguns galhos finos que são surpreendentemente flexíveis e resinosos. Ele deixa cair as folhas rapidamente e acho que antes que amadureçam de verdade; mas não tem muitos. São longos e de formato oval, inicialmente vermelhos, mas logo tornando-se verdes. Não vi sinais de botões ou flores. Fica melhor depois da chuva; deve depender muito mais das chuvas do que dos cocos. Tenho afinidade com isso; Eu também sou um cativo afastado do meu ambiente adequado. Sofremos juntos, a árvore estranha e eu.

* * *

Mesmo nesta existência árida é possível colher momentos de puro prazer. Prazeres mais duradouros que os carnais ou cerebrais; profundamente sentido, estético, deixando a satisfação impregnada nos tecidos, de modo que o prazer residual acaricia os sentidos muito depois da maravilha do original, como a memória de um grande concerto. Hoje foi maravilhoso. Ainda é o mesmo dia, pois ainda faltam muitas horas para a noite, mas agora é hora de cochilar. Sou uma criatura da noite e meus membros estão cansados. Gratificantemente cansado.

Esta manhã fui nadar como é minha rotina. A rotina é em si importante. Eu estava procurando uma lagosta. O mar estava muito calmo, praticamente plano e também muito claro. Apenas nadar e observar foi um prazer. Desenvolvi uma técnica de nadar lentamente, como o de um sapo, com braços e pernas movendo-se em uníssono, virando a cabeça a cada poucos segundos para respirar. A máscara não vaza na superfície. A água estava tão gostosa, tão límpida, que não fiz nenhum esforço para mergulhar e procurar minha lagosta. Não houve urgência. Minha vida não tem urgências. Os peixes não ficaram alarmados.

O fundo do mar é-me tão familiar agora como a ilha. Tem a pedra que parece uma perna quebrada; ali à minha esquerda está o 'cairn'; agora, meu lugar preferido , a 'gruta'. Na sua clareza e familiaridade havia um pequeno deleite. Perto da 'gruta' vive um peixe manchado de vermelho, do comprimento do meu braço, com a cabeça romba e os dentes expostos, dentes brancos e surpreendentes que lhe conferem um aspecto agressivo. Mas ele é amigável e sempre, sempre que atravesso seu território, ele nada na minha frente; ele tem uma habilidade incrível de predeterminar meus movimentos, de modo que, não importa para onde eu me desvie, ele ainda mantém essa posição um metro antes do meu nariz. Ele também era uma pequena delícia, um companheiro que não era a personificação do meu subconsciente. Ele me abandonaria com tanta certeza como se tivesse atingido uma cerca elétrica ao atingir os limites de seu território. Conheço esses limites agora tão bem quanto ele. Hoje andei atrás dele por vários minutos, depois desviei por cima do canteiro de ervas daninhas, onde sabia que ele não iria. Logo além da mancha de ervas daninhas há um trecho arenoso com cerca de cinco metros e meio de profundidade, mas que se torna progressivamente mais profundo à medida que se afasta da ilha. Este era o limite do meu próprio território.

Então eu vi outro peixe. Um peixe absolutamente lindo. Suas cores eram bastante comuns, apenas listras verticais brancas e pretas, mas sua beleza estava em seu design. Quase tão grande e redondo quanto um prato em seu corpo, mas com barbatanas triangulares muito grandes, dorsais e anais, curvadas para trás e com longas serpentinas nas pontas, duplicadas nas pontas da cauda. Era tão extraordinariamente lindo que parei de nadar apenas dois metros acima dele e olhei com uma emoção próxima da descrença. Ele não foi perturbado pela minha presença e pela minha adoração, e pude simplesmente olhar com espanto enquanto ele pairava quase imóvel ao menor movimento daquelas maravilhosas nadadeiras. Sua boca parecia exatamente como se estivesse soprando uma pequena corneta, realmente comicamente pequena para um peixe tão grande; Não consigo imaginar o que ele comeria com uma boca tão pequena ou como conseguiria o suficiente para sustentar seu tamanho. Depois de alguns minutos ele se afastou. Extasiado, eu o segui, o fato de que isso estava me atraindo mais profundamente apenas sendo registrado como uma informação inconsequente submersa sob a delícia do momento. Ele se movia lentamente e não tive nenhum problema em mantê-lo à vista. Registrei que o fundo estava ficando cada vez mais distante, mas a água estava tão clara que ainda conseguia ver os detalhes do fundo do mar; era areia, com uma forma de erva marinha espalhada por cima. De repente, o peixe mudou de direção e moveu-se rápido demais para que eu pudesse acompanhá-lo, como se ele tivesse levantado vôo. A ideia de tubarões me atingiu pela primeira vez. Por um instante fui tomado por uma onda de pânico, mas agora havia outros peixes à vista e eles pareciam desalarmados. Meu bom senso se afirmou e olhei cuidadosamente ao redor. Logo à frente havia um recife que eu nunca tinha visto antes. Eu olhei para trás. Da superfície do mar a praia parecia muito distante; ainda assim, o recife ficava apenas alguns metros à frente e todo o lugar era tão plácido e nada ameaçador quanto um gramado de jardim. Eu decidi explorá-lo.

Que descoberta emocionante. Este recife estava repleto de peixes. Peixes grandes, maiores do que eu já tinha visto nos recifes mais próximos; peixes gloriosos e multicoloridos ; peixe longo e fino; peixes globulares; enguias, lagostas, mariscos enormes, pequenos mariscos, polvos, ouriços-do-mar, estrelas do mar, criaturas como lesmas enormes, caranguejos. Tantas coisas vivas. Eu conseguia reconhecer o tipo de alguns, como “isto é um caranguejo” ou “aquilo é um molusco”, mas a identificação da maioria estava além do meu conhecimento limitado. Perdi a noção do tempo. Fiquei completamente absorto na descoberta, na contemplação dessa beleza intocada. Fiquei encantado. Eu ainda estaria lá, mas levantou-se um vento e o mar ficou agitado. Tive que esvaziar a máscara com muita frequência para me sentir confortável. Com o pensamento de que o recife estaria lá amanhã, e sempre além, voltei para a costa. Pareceu uma longa viagem de volta. Cansei-me e não peguei nenhuma lagosta. Mas o prazer permanece.

* * *

Eu chamo isso de Recife Quatro. Nadei lá novamente hoje. O mar não estava tão calmo e havia uma corrente no areal que tornava a natação mais cansativa do

que ontem. Mas novamente fiquei maravilhado. Levei comigo uma vara com a intenção de espetar um peixe; eles estão totalmente sem medo lá. No entanto, não o fiz. Parte do fascínio do local é a tranquilidade de todo o sistema biológico. Seria um ato de assassinato fraturá-lo. Minha razão me diz que esse conceito é um absurdo. A morte e a mutilação fazem parte da estrutura total de qualquer sistema vivo; Eu sei disso, mas não vi isso lá.

— Então você tem um conceito de crime, mesmo aqui? Muller está sentado ao meu lado, ainda de camisola. Eu não respondo e ele vai embora. Mas a questão permanece. Isso me perturba. Parece que padrões de atitude doutrinados ainda controlam meu comportamento . Sim, eu consideraria um ato criminoso matar um peixe no Recife Quatro, mas não em outro lugar. Por que é que? É porque o lugar é uma entidade para mim tal como é; é o único lugar que posso visitar apenas por prazer. Não preciso matar lá; minha comida pode ser facilmente obtida em algum outro lugar. O que significa que desenvolvi um código de conduta, leis que regem minhas ações. Eu estabeleci a noção de maus atos. Cortar um coqueiro seria uma má ação. Matar no Recife Quatro seria uma má ação. Assim, das raízes sufocantes da doutrinação surgiu o rebento de uma nova moralidade. Tem pouca relação com o meu antigo conceito de crime e, nesses velhos termos, não existe pecado possível. Nos velhos termos, não posso fazer mal algum. Também não posso fazer nada de bom. Não posso prejudicar ou ajudar ninguém além de mim mesmo, e sobre qualquer ato que eu cometa não pode haver outro julgamento além do meu.

Aqui, na minha ilha, o mundo é irrelevante. Se todos os seres humanos em outros lugares fossem destruídos num cataclismo inimaginável, isso não afetaria a minha existência aqui de nenhuma forma concebível. Se eu soubesse disso, isso afectaria as minhas esperanças enterradas de resgate e, ao fazê-lo, certamente afectaria a minha atitude perante a existência, mas como nunca poderia saber disso, esse efeito só pode ser uma consideração académica. Não consigo conceber política aqui, de pessoas que se esforçam para organizar a ordem social em seu próprio benefício. Não consigo conceber a existência desesperada de moradores de bairros degradados, de guetos, de crianças famintas, de criminosos que cumprem penas de prisão perpétua. Suas existências, por mais empobrecidas, agonizantes ou gritantemente atormentadas, são delas; tão separados dos meus que a angústia deles não tem impacto algum, assim como a angústia de um besouro esmagado não tem impacto para ninguém, assim como a angústia de uma lebre despedaçada por raposas não tem significado para o homem. Meu dente está doendo, está doendo de insistência, mas sua insistência não tem sentido, não tem impacto em ninguém além de mim. É uma dor insuportável, mas vou suportá-la, pois não há outro caminho.

* * *

Muito agitado hoje para visitar o Reef Four. Já há sinais de novos cocos nas palmeiras; é incrível como eles se desenvolvem rapidamente.

Meu dente lateja continuamente. Meu equilíbrio oscila. Eu me sinto desesperado. Quero arrancar o dente e faria isso se houvesse alguma maneira de

fazer isso. Percebo a ameaça que essa dor pode representar para minha estabilidade mental. Preciso de ocupação mental. Vou inventar um jogo de xadrez.

* * *

A ocupação certamente ajuda. Mastigo pedaços de folhas de palmeira e me convenço de que isso também ajuda. A ideia de que estou fazendo algo me fortalece.

Meu jogo de xadrez é feito de conchas. Grandes conchas em formato de cone para os reis e rainhas, diferenciadas por cor e tamanho; conchas menores e arredondadas, que considero búzios, para os bispos; caracóis para os cavaleiros e pequenos cones para as torres. Os peões são respectivamente metades brancas e pretas das muitas conchas de bivalves da praia. A prancha é uma área de areia marcada com tendões de folhas de coqueiro e pedras para mantê-los no lugar. Fazer o tabuleiro e procurar os vários tipos de projéteis foi divertido, mas é muito difícil jogar sozinho. Não se pode adoptar um preconceito, mas sabe-se sempre a estratégia exacta da oposição. O jogo avança lentamente e estou ficando entediado com isso. Isso não é um bom sinal.

Anseio por ir ao Reef Four. A saudade não é tão diferente da saudade que se sente de uma amante. É meu consolo. Penso constantemente nisso; o lugar onde meus problemas são acalmados e a paz prevalece, um lugar de beleza, prazer e encanto. Eu pensei em Martine assim? Ah, sim, tenho certeza que sim. Eu pensava nela durante minhas tarefas diárias, apenas aguentando até o momento de vê-la novamente. Era um anseio, um anseio sem a interferência da razão; na verdade , bastante irracional. Naquela época ela era o auge de todo desejo, mas, na lembrança, era uma garota singularmente simples. Desarrumado. Sem peito. Ela tinha uma verruga na lateral do nariz e era pálida, tão pálida como se tivesse passado a vida numa cela, e era muito magra. Cabelos escuros, curtos, lisos, cortados logo abaixo das orelhas e com repartição indeterminada no meio. E grandes olhos escuros que apertavam a pele das maçãs do rosto; seu fascínio estava em seus olhos. Ela tinha dentes perfeitos, eu me lembro disso. Lembro-me dos lábios finos que adorei; sua sensualidade não estava em seus lábios, mas eu os amava.

Por que eu a amei? Qual foi a sua magia particular para mim? Ela era selvagem em seu ato sexual. Lembro-me de seu frenesi ainda com espanto. No entanto, acho que a amei antes de conhecer sua paixão. Ainda assim ela não está completa. Eu a conhecia intimamente, mas será que a conhecia? Há alguma essência dela que me escapa agora, assim como me escapou naquela época. Eu me pergunto se ela tinha uma essência. Talvez o que eu soubesse fosse tudo o que ela era. Uma criatura um tanto suja, um tanto infeliz, um tanto devassa e inquieta, destinada apenas a uma infelicidade maior. Ela era devassa? Para mim, por um curto período de tempo, ela foi devassa. Mas havia nela uma timidez, uma reticência com os homens, quase uma castidade. Ah, o que é você, Martine? Onde você está? Você era real ou é apenas mais uma invenção, outra distorção da memória? Por que sua imagem é tão plana? Todas as memórias dos homens são apenas recortes de papelão, instantâneos bidimensionais com sorrisos sem

vida e postura estática? Onde está o movimento? Onde estão os sons da vida? Onde estão os brilhos dos olhos, as peculiaridades da boca e os gestos das mãos? Onde estão as vozes? Não consigo me lembrar de vozes. Cada voz tem um timbre próprio, uma inflexão particular que a distingue de todas as outras, e não me lembro de nenhuma. Não consigo me lembrar da voz da minha mãe. Conheço suas palavras, conheço suas frases. Onde está a voz dela?

No entanto, lembro-me de sons. A música ainda está clara em minha mente. Mesmo agora eu posso ouvir isso. Música de piano. Mozart. Vem do sudeste, as notas subindo e descendo com as ondas. Minha mente está traduzindo a agitação do mar em melodia. A música é outro desejo , mais profundamente sentido do que a luxúria estridente, e agora, quase, tenho a realidade disso. Mas não consigo sustentar a ilusão; a memória falha, o refrão é muito repetitivo. Não é mais Mozart, apenas o movimento contido da maré vazante. E meu dente dói mais alto que o mar.

Quantos dias desde a tempestade? Oito dias desde que comecei a traçar o céu noturno na praia. Acho que a tempestade ocorreu três dias antes disso. Mesmo agora, tão pouco tempo depois, não posso ter certeza. Os dias se fundem. Sem nenhuma data futura pela qual ansiar, nenhum evento planeado no meu calendário para aguardar com qualquer grau de antecipação, todo o conceito de tempo tornou-se obscuro. Vejo agora que a passagem do tempo só importa quando um acontecimento conhecido está para acontecer, como o início de um dia de trabalho ou a hora de voltar para casa, um fim de semana especial planejado, um feriado, a época do Natal. Como era possível identificar momentos no tempo por meio de tais marcos, geralmente havia uma expectativa sobre a passagem das horas, dos dias ou das semanas, ou de qualquer unidade que preenchesse o intervalo. Mas era algo esperado com um certo grau de emoção, esperança, alegria, receio ou ansiedade, de modo que o registo cuidadoso do fluxo do tempo era um complemento essencial à intensidade emocional. Até mesmo os pequenos detalhes da rotina diária dependiam desse registro do fluxo de tempo , desde algum ritual trivial do dia até um compromisso crucial que afetava o destino de alguém; a data e a hora do dia, informações vitais, a própria base da história. Para mim, aqui num limbo de intemporalidade, não há registo, não há datas. Embora eu tenha criado um ponto, um ponto deliberado na eternidade, um ponto sem significado para ninguém além de mim, e ainda assim, seja qual for o motivo, um dia para antecipar. Daqui a vinte dias traçarei novamente as estrelas. O projeto é um artifício, assim como meu jogo de xadrez é um artifício, mas ambos são mais essenciais para minha estabilidade do que qualquer um dos compromissos cruciais do meu passado.

Meus registros são da forma mais simples, apenas pedras colocadas em linha, uma para cada dia que passa. Mas por mais simples que seja, representa um ato cerebral, um ato que está além da concepção ou compreensão de qualquer animal, exceto o homem. Distingo-me por esse ato como um ser conceitual. Na maior parte do tempo, o tempo deve ser para mim o que é para os animais, para os cães que dormem acorrentados, para as vacas dóceis e estúpidas nos prados, para os pombos que cochilam nos telhados. Eles não têm noção do amanhã, nem

mesmo da próxima hora; mesmo os próximos minutos devem ser uma formação nebulosa em suas mentes. Os cães que perseguem uma raposa visualizam o momento da captura, da dilaceração e do sangue, ou sentem apenas o momento, a excitação do "agora"? Sem a projeção para a frente, eles devem ser agitados principalmente pelo instinto e pela adrenalina, mas se admitirmos que os cães que esperam nas tigelas de comida para serem alimentados devem ter pelo menos uma concepção limitada do futuro, que não se trata simplesmente de uma questão de rotina ou de hábito, então devemos também admitir que os cães visualizam a captura de uma raposa, que são capazes de imaginação. Ainda assim, o intervalo de tempo visto claramente só pode ser uma característica do homem, embora os esquilos que armazenam nozes para o inverno devam ser capazes de premeditação, embora não registrem a passagem dos dias com pedrinhas.

'Os esquilos são criaturas de instinto. Ao armazenarem as nozes , não reconhecem que um dia irão comê-las.' Foi uma declaração enfática. Muller não estava de camisola; ele usava um pulôver cinza sem mangas sobre uma camisa listrada, uma camisa branca com listras azuis e sem gola. As mangas eram abotoadas com abotoaduras e franzidas acima dos cotovelos com elásticos . A camisa estava enfiada desalinhadamente em calças pretas e amassadas. Ele ainda não havia se barbeado, mas havia substituído a touca de dormir por um almofariz sujo. Não foi nada como eu me lembrava de Muller.

— Lembro-me de você sempre tão imaculado.

'Você me vê como você quer me ver.'

— Você tem certeza sobre os esquilos?

'O homem é o único animal com capacidade de pensamento racional.'

'Como você pode dizer aquilo?'

'Você discorda?'

'Talvez não, mas questiono sua ênfase.'

'Sou enfático porque é verdade.' Muller tendia a ser pedante, mas lembro-me também que seu pedantismo era menos de fé do que de método de ensino. Mas ele estava exausto. Velho, cansado e desgastado, assim como seus chavões. Vejo que tudo sobre ele, as ideias que ele me incutiu, as ideias que tenho dele , são questionáveis agora. Ele é desalinhado porque rejeito seus padrões. Questiono sua ênfase assim como questiono sua interpretação da verdade.

'O que é verdade?' Eu pergunto. Estou na minha carteira escolar. Ele desfila seu estrado. Seus polegares estão enfiados na parte superior da calça, acima da bunda . Ele é o mestre. Suas declarações são inquestionáveis. Ele é a fonte de todo conhecimento. Eu o observo, tenso de admiração e lutando com sabedoria.

Ele me encara com seus olhos esbugalhados, pálpebras vermelhas e abertas embaixo. 'A verdade é aquilo que está de acordo com a realidade conhecida.'

'Você pode definir a realidade conhecida?'

'Fatos. Fatos. Fatos.

"Então a verdade é muito limitada", atrevi-me a comentar, mas ainda não estava na minha secretária. Eu o enfrentei na praia. Ele parecia com medo.

'Quais são as limitações da verdade?' ele sussurrou, então vago. Um espectro.

'A madeira vem das árvores. Isso é verdade porque é indiscutível. As galinhas põem ovos. Isso é verdade. Isso está de acordo com a realidade conhecida. Os esquilos agem inteiramente por instinto. Isso não é necessariamente verdade. Isso é uma suposição. Há um Deus. Isso é um conceito. Certamente não é uma realidade conhecida.

Muller me deixou há cerca de uma hora. Eu luto sozinho porque a luta é minha. Não há nada que Muller possa contribuir. Aí estão minhas oito pedras seguidas. Esse é o meu conceito e minha única verdade. Maldita seja minha dor de dente.

* * *

Meu jogo de xadrez continua. O tempo parece estar piorando; Espero que o vento não sopre, pois agora está se tornando bastante intrigante. É necessário considerar cada movimento por muitas horas. Como muitos movimentos são planeados com antecedência e porque estou plenamente consciente dos contra-ataques de cada lado, cada permutação tem de ser pensada repetidamente. Cada movimento possível abre muitas novas possibilidades. Estou absorvido nisso agora. O jogo só pode ser vencido se uma série infalível de movimentos puder ser planejada. Não devo favorecer nenhum lado e tomo cuidado com isso. Depois de elaborar um estratagema para um lado, tenho então de garantir que elaborei o melhor contra-ataque possível para o outro.

O vento está definitivamente ficando mais forte enquanto estou sentado aqui. Há nuvens no céu se acumulando rapidamente. Será necessário erguer um abrigo para o jogo de xadrez. O vento já está mexendo nas peças. Memorize a situação no quadro. Em seguida, reúna pedras para o quebra-vento. É agradável ter algo para fazer que pode ser classificado como urgente. Qualquer motivação para agir é excitante. Mesmo enquanto o vento sopra forte, saboreio minhas respostas emocionais e físicas à situação, como saborear um vinho desconhecido. Estou tão consciente de tudo sobre mim mesmo, de cada reação instintiva ou consciente, que minha consciência é quase clínica. Mas do que mais eu preciso estar consciente?

* * *

Esta manhã está plana. As nuvens e o vento não foram precursores de nada. É uma manhã azul. Joguei xadrez a noite toda e fiz apenas dois movimentos. Estou irritado com isso. Escrevo para acalmar a irritação, percebendo que o aborrecimento vem tanto da minha maldita dor de dente quanto da insatisfação com o jogo de xadrez, mas se me concentrar nas palavras, isso ajuda a restaurar meu equilíbrio. É vital manter uma constância de perspectiva para que o desespero e a solidão não me dominem. A irritação é uma armadilha. Eu moro em uma superfície emocional que deve ser plana , mas com a consciência das areias movediças no avião, das lamas macias e pegajosas, dos tentadores chafurdamentos mórbidos que poderiam me sufocar.

Então está plano hoje. Uma superfície plana . Não há perigo de se tornar mórbido, não é? Anseio desesperadamente por uma mulher esta manhã. É apenas uma coisa física. Quero os recessos carnais profundos da mulher, e é uma necessidade para a qual não há alternativa satisfatória. É claro que essa necessidade está frequentemente comigo e, embora seja especialmente intensa

hoje, sei que irá desaparecer. Nunca irá totalmente. A necessidade está sempre à espreita, perturbando e moldando meus sonhos, uma das causas profundas do meu desespero fechado e também da esperança mais fechada.

Estou sentado sob as palmeiras e a vista é emoldurada por dois troncos enrugados como a moldura de uma cena de cartão postal. Areia Branca. Mar plano como vidro . Horizonte limpo e nítido onde divergem os tons de azul. Os recifes vistos claramente abaixo de uma superfície intacta. Uma vista do paraíso. Um pôster de viagem.

Existe a areia movediça. Estou mais perto disso do que me permito aceitar. Suponho que sempre estou. As palavras “maldito lugar” me estremecem tanto que quase as pronuncio em voz alta e, embora não haja ninguém para ouvir e ninguém para comentar, não permito que sejam articuladas. Por que exerço controle? Temo que a libertação seja um passo em direção à loucura? Talvez o próprio controle seja um sintoma de insanidade. Esta manhã está ruim. Um dia monótono. Uma época perigosa. Eu deveria fazer alguma coisa. Não devo ficar aqui sentado e sufocar na lama. Vou nadar até ao Recife Quatro.

O recife estava especialmente claro e bonito, como na primeira vez que o visitei. Mas minha diversão foi prejudicada por causa daquela dor de dente latejante. Tenho certeza de que há algo podre em minha boca. A dor me domina. Nadei por um tempo muito curto e depois cedi às exigências dos nervos à flor da pele. Estou perto do desespero desta vez. Eu reconheço isso, mas não sei o que fazer. O dente tem que sair. Tem que sair.

* * *

De uma coisa estou absolutamente certo: não é possível a um homem remover um dos seus próprios dentes, especialmente o de trás. A dor continua. Não posso fazer nada. Meu controle está escorregando.

* * *

Acho que é uma infecção. Minha boca está macia ao toque. Eu morrerei agora. Vou morrer de dor de dente.

Isso é inconcebível. Eu não vou deixar isso acontecer. Mas não consigo comer.

Eu tremo. Não é por medo, nem por frio, pois ainda está muito quente. Deve ser a infecção. Estou doente. Devo estar doente.

* * *

Meus sonhos eram negros. O tempo passou e ainda assim é a mesma coisa. Quantos dias? Estou muito seco e muito fraco. Mas já passou. A dor desapareceu. A transpiração e os tremores desapareceram. Devo ter batido a cabeça porque há um inchaço e um pouco de sangue seco nas costas. Só me lembro das horas terríveis, das horas terríveis de doença e de vontade de morrer. As horas terríveis de mente e estômago embrulhados, um estômago vazio e embrulhado, um crânio vazio e embrulhado. O suor, o tremor e a areia na minha pele. Houve momentos de clareza, à noite. Observei a lua cheia, oscilando e balançando, saltando na escuridão. Minha cabeça latejava e eu olhava para a lua instável. Uma época sem lua. De uma única estrela. Uma única luz perfurando meu cérebro. Brilhante. Crescente. Ficando cada vez maior. A luz se expandiu dentro da minha

cabeça, inchando meu crânio. Houve uma dor insuportável. Depois, tempos de escuridão. Houve canto. Eu me lembro do canto. Eu me desapeguei. Houve um instante em que deixei minha concha trêmula. Eu devia estar perto da morte então. Mas agora acabou. Foi a minha provação e acabou.

Eu bebi, mas ainda estou seco. Eu poderia ter passado dias lá fora, ao sol. Vejo que meu jogo de xadrez está destruído; despedaçado em alguma surra inesquecível. Terei que começar tudo de novo; Deus sabe como as peças estavam posicionadas antes, embora eu deva ser capaz de me lembrar disso. Não importa, vou começar de novo. Meu registro de tempo agora será impreciso. Isso também não importa. Alguma coisa importa? Ainda vivo e quero me arrepender. Quero me arrepender de estar vivo. No entanto, o que sinto está mais próximo do alívio; é um alívio estranho, um tanto torturante, meu corpo ainda doendo e meus músculos sem vontade de se mover. Não, não é bom viver, agora, aqui, nesta circunstância. Seria melhor estar morto. Mesmo assim, há prazer em estar vivo, em ainda estar lúcido. E estou feliz.

'Por que você não deveria estar feliz? Você não conhece a morte. Sem experiência disso, como você pode afirmar com ousadia que a morte é melhor que a vida?' Ele fica ali sentado, agachado, pequeno e quebrado, só de camisola.

'Conte-me sobre a morte.'

Seu rosto é velho. A pele descai das maçãs do rosto, arrastando as pálpebras para baixo. A pele é da cor do queijo, mas manchada com grandes manchas roxas. Os olhos estão úmidos, derrotados, já mortos. Novamente, não é o Muller que conheci. “Não posso falar sobre a morte. Você só pode experimentar a morte. Além da morte não há outra experiência.'

— Não existe vida após a morte, então? Não há céu algum? De jeito nenhum?'

'O céu e o inferno são experiências dos vivos.'

— E o limbo?

'Onde você está agora? Não é um limbo?

'Mas o limbo é apenas um platô, um estágio diante do céu.'

— Ou o inferno, talvez.

'Sim. Ou inferno. Isto é um limbo ou um inferno?'

Ele olha para mim como se estivesse dentro de um inferno próprio. 'O que a libertação significaria para você? Você retornaria ao mundo perpetuamente feliz ou incessantemente descontente?' Ele balbucia. Ele quase baba as palavras com sua boca flácida e descontrolada. Mas a investigação está lá, como ele sempre investigou. Era a sua técnica, então como agora.

Deve ser quase noite. Há uma brisa, apenas leve, fresca e com cheiro de recife. 'Certamente verei o mundo de forma diferente, mas não posso julgar se isso causará descontentamento. Na verdade, tenho certeza que haverá momentos de felicidade. Nunca acreditei na felicidade perpétua, então não espero por isso. A felicidade é algo efêmero e minha experiência aqui não pode mudar isso. Às vezes, porém, perdura; muitas vezes a lavagem é mais duradoura do que o momento, mas é realmente uma coisa de momentos, não é? Talvez a memória deste limbo, se é que é isso, aumente esses momentos para mim; talvez a lavagem dure, talvez até dure de momento a momento. Imagino que nutrirei esse

prazer com cuidado adicional; Não vou desperdiçá-lo como costumava fazer, com aquela destruição deliberada de sentimentos que tanto caracterizou minha juventude. Pode-se dizer que isso é um legado do limbo, se você quiser.

Ele fica ali sentado, me observando, os olhos sem piscar e incolores como ostras engarrafadas. Muller está desmoronando e se desintegrando enquanto observo. A brisa é muito agradável. 'Você pode ouvir a música?' ele diz.

E eu ouço isso. A brisa carrega uma melodia, cadenciada e suave como a voz do meu pai. — Você vai mandar a garota? Pergunto-lhe.

'Ela não está sob meu controle. Só você pode invocá-la.

Estou ciente disso, é claro. A questão é inútil, apenas um reflexo espontâneo de uma linha de pensamento agitada pela música. A música é perfeitamente audível e bastante adorável. Eu estou com muita sede. Vou agora beber.

* * *

Ouço música com frequência. Chega ao anoitecer, quando a brisa sopra do sudeste, e vem principalmente nessa direção. Claro que é a memória da melodia que ouço, a combinação dos sons do mar e do vento e a minha necessidade disso, uma projeção subconsciente que é música consciente. Mas saber disso, reconhecê- lo, não diminui em nada meu prazer. É um truque mental pelo qual sou grato. Mais ainda, eu encorajo isso submergindo a explicação racional sob mantos de relutância. Eu quero que a música seja real. E é real. A mente humana tem uma capacidade excepcional de enganar a si mesma. Tendo desenvolvido o pensamento racional como o traço superlativo de todas as coisas vivas, dando ao homem o domínio do mundo, parece ter desenvolvido um traço paralelo dentro da mente consciente na capacidade de ouvir as exigências dos antigos instintos gravados na psique humana muito antes. a supremacia da lógica. Essa é a parte do meu cérebro que eu incentivo. Quantos anos tem a necessidade de música? Quem pode dizer? Certamente mais velho que o próprio homem, nascido nos últimos tempos, quando as criaturas deixaram o oceano pela primeira vez para deslizar no estranho mundo do ar, quando a comunicação com a sua espécie dependia do som e, mais tarde, da capacidade de distinguir sons. O nascimento da música é o chamado dos sapos, o coro dos grilos ao pôr do sol, são os sons inéditos de uma rainha dos cupins. A música excita como excita um chamado de acasalamento; acalma como o cacarejo de uma mãe acalma; relaxa como a segurança de uma saudação relaxa em meio à escuridão de um mundo agressivo. A necessidade de música é a necessidade de segurança e deve ser uma das necessidades fundamentais das criaturas da terra. Então eu criei o meu e satisfiz essa necessidade. Ou será a satisfação tão ilusória quanto a própria música?

Faz vários dias que não escrevo. Tenho nadado, mas não muito, pois a doença me deixou bastante fraco. Estou mais forte agora. Muller me visita frequentemente e temos muitas discussões abrangentes. Não os registrei, mas acho que, assim como Muller ajuda a cristalizar meu pensamento, escrevê-lo ajuda a perspectiva. Como pensar é a minha principal ocupação, devo registar o processo das minhas reflexões, para que, quando for resgatado , possa reconsiderar as conclusões do isolamento em comparação com as considerações frenéticas da vida urbana. A garota veio uma vez e eu a estuprei. Que fantasia!

Eu não posso tocá-la. Ela não é uma personificação como Muller. Ela tem que permanecer efêmera, a imagem apenas do desejo espectral.

Houve uma leve chuva e há água doce. O jogo de xadrez está armado mais uma vez e a partida se aproxima do fim; as brancas vencerão, a menos que eu consiga inventar um novo estratagema para evitá-lo. Acho que se passaram cerca de vinte e oito dias desde a primeira vez que tracei o céu na areia. Esta noite farei isso de novo. Meu dente está doendo mais uma vez, mas é uma dor local, só um dente, não toda a boca, e posso suportar. Eu me reconciliei com a dor constante ali, embora pare de doer com frequência e por horas seguidas. O alívio então é em si um prazer.

A doença me mostrou o imperativo de manter boa saúde e condição. Não posso fazer mais do que estou fazendo em relação à minha dieta, mas de alguma forma, incrivelmente, ela parece ser adequada. Minha ingestão de alimentos vegetais se limita a cocos, e há três semanas que não como um desses; todos os outros alimentos vêm do mar e são de origem totalmente animal. Evidentemente, os frutos do mar devem conter todos os nutrientes para uma boa saúde, pois a boa saúde e a boa forma eram minhas únicas armas para derrotar a infecção. Comecei a me exercitar duas vezes ao dia, com pelo menos uma ou duas horas de natação. Os exercícios consistem em flexões, agachamentos e corrida pela ilha. Duvido que alguma vez estive tão em forma ou tão forte. Eu sou duro e resistente. Um verdadeiro homem selvagem, peludo, nu, com garras e sem vergonha. Produto da educação moderna, homem tecnológico, culto, altivo na arrogância do estado social; agora reduzido a garras e dentes, talhado às dádivas da natureza e a um canivete. Um livro, um lápis e um canivete. O resíduo da tecnologia e fútil no desejo de ser. Mas não devo esquecer os óculos; Não estou totalmente preparado para os dons da natureza, os óculos têm sido o meio essencial da minha sobrevivência. Eles me dão o fogo e me dão a conquista do mar. Quem poderia imaginar que a miopia poderia ser uma bênção?

Apenas para ocupação, inventei uma armadilha para pássaros. Não tenho intenção de usar essas aves marinhas desagradáveis como alimento, mas aprisioná-las representa um desafio à minha engenhosidade inflada. A armadilha consiste em minha jaqueta apoiada em um tripé de varas, com a fita feita como linha de pesca servindo agora de barbante para desalojar a vara de apoio caso um pássaro entre na pequena barraca. Há uma isca dentro, os intestinos do meu último peixe. Há pássaros por aí, mas até agora demonstram uma singular falta de interesse. Sento-me sob uma palmeira segurando a ponta da fita e espero. Esperar, estou acostumado e agora tem algum propósito, mesmo que eu deixe minhas capturas passarem.

Ficou bastante frio agora e minha armadilha para pássaros voltou à sua função projetada de jaqueta. Eu não peguei um pássaro. Estou vestido tão completamente quanto posso com os restos do meu guarda-roupa; não é mais o selvagem nu. Minhas calças são shorts muito esfarrapados com braguilha aberta; minha calcinha não pode ser usada como peça de roupa, mas minha camiseta e minha camisa estão relativamente intactas, embora pesadas com o cheiro de

suor. A jaqueta ainda tem duas mangas e cobre meu baú, mas dificilmente poderia ser reconhecida como a peça de roupa que o alfaiate pretendia. É tão disforme e folgado quanto um saco velho e provavelmente menos eficaz, com um rasgo vertical na parte de trás, falta um botão e outro pendurado por um fio; ainda restam três botões para fechar a frente. Minhas meias estão igualmente deformadas. Eu os uso, um sobre o outro, como balaclava. Elas mantêm minha cabeça aquecida e ajudam a proteger o dente estragado, mas o buraco feito no meu rosto, junto com o volume cada vez maior de cabelo e barba, estão causando uma rápida desintegração da unidade das meias. Eles não durarão muito e não sei o que posso fazer com a lã.

Agora está muito escuro. O sol se pôs e até agora não há lua. Não demorará muito, pois as nuvens que o escondem estão se movendo rapidamente. Estrelas estão sendo reveladas o tempo todo, e algumas estão sendo engolfadas, mas sinto que as nuvens estão correndo rápido demais para se estabelecerem no céu noturno e logo elas terão debandado para a luz do dia em algum lugar. Fiquei deitado na praia desfrutando tranquilamente da escuridão, bebendo-a, enchendo meus pulmões com ela, sentindo-a como sinto o mar quando mergulho. Manchas de estrelas como sal espalhado aliviam o envoltório de escuridão. Durante alguns minutos senti o contentamento de esperar; esperando pela vasta revelação da noite ininterrupta, esperando para concretizá-la com entusiasmo, mas não com impaciência. Perdi a capacidade de impaciência . É preciso olhar bem perto da página para escrever essas palavras e já fiz meus olhos doerem. Mas em breve os meus olhos terão de ajustar o seu foco ao máximo, vendo então coisas que estão tão distantes que fazem com que a visão delas expanda as capacidades da mente para compreender, coisas que podem nem estar mais lá .

A luz está melhorando agora e posso ver a lua, semicerrando os olhos entre as nuvens velozes. Já existem estrelas suficientes para começar.

* * *

As estrelas se moveram surpreendentemente nos vinte e oito dias. É certo que o intervalo de tempo é incerto, mas será suficientemente próximo para o meu exercício. Parece que não só a posição das estrelas muda em relação à Terra, mas também a sua posição se altera em relação umas às outras. Na verdade, algumas constelações têm todas as aparências de forma e dimensão fixas – Órion, por exemplo – mas de constelação para constelação, ou de constelação para estrela fixa, parecem variáveis tanto em distância como em posição. Pergunta após pergunta surge em minha mente enquanto reflito sobre essa descoberta, e elas me fascinam tanto que me surpreende que nunca me preocupei em estudá-las antes. A questão mais intrigante é, de fato, por que é que as constelações mantêm a sua constância; pareceria incorporar uma notável combinação de coincidências. A resposta deve estar relacionada à distância.

'Muller, por que você não me ensinou astronomia?' Grito, mas Muller não aparece.

Levei três noites para retraçar o céu na areia, sobrepondo meu exercício anterior para estabelecer a comparação. Para distinguir as duas plotagens , tive primeiro que codificar a original, garantindo que todas as conchas fossem da

mesma cor , o que significa que mais da metade teria que ser alterada. Há uma abundância de conchas na praia. O novo padrão poderia então ser diferenciado pelo uso de outra cor e, na próxima vez, de uma terceira cor e assim por diante. Não quero considerar o “e assim por diante” muito à frente; Recuso-me a pensar além dos próximos vinte e oito dias. Eu gosto deste projeto mensal; reflete o que é realmente um dos aspectos mais importantes da minha solidão, que torna a minha existência suportável. Ocupação. Conceber projetos, novos empreendimentos , essa é a chave da sanidade.

Eu tenho esse livro. Eu não me preocupo em ler. Não li nada além de meus próprios escritos desde que cheguei aqui. No entanto, esse livro oferece meu único contato com minha vida anterior. Certa vez imaginei que a vida sem livros seria intolerável; bem , é, mas não no mesmo contexto em que o sentimento foi considerado. Teria sido difícil imaginar a existência sem música, arte ou poesia. Ser totalmente estéril, ser desprovido não apenas dos produtos da cultura, mas de todos os artifícios absorventes do mundo inventivo, aspectos da vida industrial que ocupam tantas horas de lazer – este é o tormento da ociosidade.

Não posso jardinar aqui, cortar a grama, consertar um motor, enviar uma carta; Não posso brincar com um cachorro, não posso fazer palavras cruzadas. Existe apenas a minha mente, minha mente complicada e pouco clara, confusa com o dogma da educação, tentando extrair a verdade e a clareza da névoa tendenciosa; e as filosofias resultantes, as filosofias primitivas e introspectivas que emanam apenas por causa dessa situação difícil, são produtos desse dogma e de minhas próprias meditações. Suponho que eles devam necessariamente ser introspectivos, sem nenhum contraste além dos fantasmas de minha própria imaginação. Mas a imaginação e a realidade não se divorciam facilmente, mesmo no estado social. Muller é real, mais real que Deirdre. A música que ouço é real. Então, o que é a realidade? O que sinto é a realidade, mas devo reconhecer isso como algo distinto da verdade.

* * *

Consegui erguer uma espécie de edifício. Consiste em duas paredes paralelas de pedra com quase um metro de altura e um pouco mais longas, separadas por essa mesma distância. Usando três galhos de uma árvore estranha para preencher o vão, cobri-o com o casco da tartaruga e as folhas de palmeira que tenho. É primitivo e apertado demais para ser adequado, mas é um começo. Pode ser melhorado à medida que mais pedras forem descobertas. A ilha já foi despojada e foi necessário caminhar até a cintura para encontrar rochas adequadas, mesmo para um edifício tão pequeno. Cada pedra teve que ser desgastada por fricção para permitir que a que estava acima tivesse um assento estável. Foi um trabalho lento e tedioso, uma tarefa que pela primeira vez na ilha provocou em mim uma ociosidade, uma falta de vontade de trabalhar. Mas continuei e agora tenho um abrigo. O casco da tartaruga foi um sacrifício porque é o melhor dos meus reservatórios, mas cortar os galhos de uma árvore estranha foi mais doloroso pessoalmente. A decisão de fazer isso demorou muito para chegar e agora que foi tomada, me arrependo. Aquela árvore lutou tanto; suportou o sol escaldante, suportou o vento cortante, suportou, contorceu-se e

cresceu. É uma metáfora da minha própria alma. Agora eu aleijei-o, arranquei-lhe todos os membros e só posso rezar para não lhe ter dado um golpe mortal. A árvore é resistente, isso já provou; ele deve se recuperar.

* * *

Estive enganado todo esse tempo: há outra criatura que compartilha esta ilha comigo além dos caranguejos da praia. Hoje houve um pequeno e maravilhoso deleite. Eu segurava nas mãos a aranha mais delicada que já vi, uma coisa minúscula, do tamanho de uma unha e com um corpo que mal tinha o tamanho de uma semente de maçã. É mais redondo que uma semente de maçã e colorido com pontos amarelos e marrons; suas pernas também têm faixas amarelas e marrons, mas as faixas são tão finas nas pernas delgadas que meus olhos ficam com dor ao apertar os olhos para distingui-las. É um milagre, esta pequena aranha. Eu procurei mas não encontrei outro. Se não há outro, então como este veio parar aqui? É possível que tenha sido trazido por pássaros? Eu me pergunto se este adorável e frágil fragmento de vida é o último sobrevivente de uma colônia cujas origens estão nas origens do próprio bosque. Comeu toda a sua espécie? O que mais ele poderia comer? Não há insetos aqui. A aranha está quieta em minha mão, tão linda e tão delicada que acho difícil visualizá - la como um canibal fratricida. É tão pouco. Possivelmente seu sustento seja tão diminuto que meus olhos não possam vê-lo, partículas de matéria viva levadas pelo vento. Tudo está relacionado ao conceito de escala. Por que outro motivo a aranha construiria uma teia?

Foi a teia que revelou a sua presença, pois nunca a teria percebido, colorida como está, contra os tons dos ramos. Vi a web pela primeira vez quando acordei esta tarde. O dia estava abafado e, com o sol alto, o abrigo dava mais sombra. Um dia bastante desagradável, na verdade, e não um dia para grandes atividades. Eu estava deitado de costas e logo acima de mim estavam os galhos que cortei para o telhado. A teia estava escondida quase fora de vista entre um galho e uma folha de palmeira logo acima dela, parecendo branca e frágil nas sombras, como se estivesse desaparecendo de vista; tão insignificante que eu talvez nem tivesse notado se a aranha não tivesse escolhido aquele momento para se mover através dele como se estivesse acrescentando outro fio. Por um tempo eu simplesmente olhei para ele. A princípio parecia não sentir nada. Então as perguntas começaram a surgir. E a maravilha.

Aqueles para quem uma aranha numa árvore é algo comum, demasiado comum para comentar – e na verdade eu era certamente um deles – não compreenderiam as minhas emoções após a descoberta. No entanto, foi como encontrar uma flor no deserto ou uma joia brilhante no cascalho do leito de um rio. Seguindo o movimento inicial que a traiu, a aranha não se moveu novamente. Fiquei deitado e observei por um longo tempo. Por fim , estendi a mão, coloquei-o na mão e segurei-o. Ao olhar para ele, me senti tão estranho; era uma afinidade com esse pequenino aracnídeo, quase um carinho. O momento ainda é vívido. Senti como se tivesse recebido um presente inesperado de uma pessoa querida, mas mais do que isso, pois havia um toque de admiração nisso, como se eu tivesse algo inestimavelmente precioso. Falei com ele na linguagem pouco

natural que se usa com bebês. E eu levei para a luz e estudei. Permaneceu imóvel, sem mostrar o menor sinal de angústia.

Posteriormente, com o máximo cuidado, substituí-lo no web. Depois procurei outros, procurando as teias em vez das próprias criaturas virtualmente invisíveis. Eu me pego verificando repetidamente se minha aranha ainda está lá, mas na verdade ela não se moveu.

Agora é pôr do sol e está mais fresco. Espero que a umidade pressagia chuva.

* * *

Peguei outra tartaruga, maior que a anterior. Sua carapaça será muito útil para meu telhado. Eu peguei no mar. Eu estava nadando na parte rasa, já desembarcando com uma lagosta, quando a tartaruga passou na minha frente, plácida, sem tentar aumentar o passo. Simplesmente deixei cair a lagosta e agarrei-a. Ele estremeceu com força, mas consegui me levantar, tirá-lo da água e caminhar até a praia, apertando-o contra o peito.

Não resta muito combustível, mas pretendo usar o resto esta noite. Quero sopa de tartaruga e depois bife de tartaruga. Parece dia de Natal. Poderia muito bem ser, suponho. Esta noite celebrarei; Vou cantar canções de Natal; Deirdre virá e dançará; haverá vinho, mulheres e música. Será uma festa.

Natal. Ah, há tantas lembranças guardadas desta antiga festa. Lembro-me da nossa cozinha. Havia ali azevinho e visco, claro, estranhos símbolos druídicos cujo significado está enterrado sob as camadas da revolução educacional – infelizmente, pois ainda existe uma magia nas decorações da natureza que não se sente com correntes de papel. Mas também tínhamos correntes de papel, feitas em casa e com desenhos e cores mais aleatórios . Foi divertido fazer as correntes de papel, uma parte da antecipação do Natal que mais me lembro com alegria. Lá estava minha mãe na cozinha – estava sempre na cozinha – recortando pedaços de papel colorido que ela havia guardado durante o ano inteiro para a ocasião, enquanto seus três filhos brigavam por causa do pote de pasta. Lembro-me de estar felizmente coberto de pasta; estava no meu rosto e o gosto na minha boca. Isso acontecia todos os anos, suponho, mas minhas lembranças registram que eu tinha cerca de dez anos de idade. Esse deve ter sido o primeiro ano em que as memórias foram arquivadas com alguma clareza; os anos de juventude desapareceram rapidamente, imagino, e se fundiram naquele. Mas talvez tenha sido apenas um ano especialmente memorável.

Parece agora, olhando para trás, que foi a antecipação do grande dia que foi o melhor momento de todos. Ao me lembrar de tudo, descubro que estou me enchendo de nostalgia. Eu deixei vir os sentimentos de tristeza, alegria e gratidão por isso ter acontecido. As memórias fluem e eu me abandono a elas. A expectativa era grande, mas o dia de Natal nunca foi um anticlímax. Mesmo assim, nenhum presente recebido se destaca como particularmente especial. Eu sei que recebi muitos ao longo dos anos. Havia quebra-cabeças. Vejo-me no chão, não muito longe do fogão, a mãe passando por cima de mim repetidamente, com cuidado, mas com resmungos abafados. Ela nunca me fez mover. Isso foi no dia de Natal: fiz quebra-cabeças. Essa participação especial de lembrança abrange o dia inteiro. Mas havia comida, uma linha de abastecimento de alimentos que

vinha inesgotável daquela grande área de ferro fundido. Mãe sorrindo durante seu trabalho – ela sorriu muito no dia de Natal. Pai feliz, sempre em casa para o grande dia. Crianças em todos os lugares; nas pernas, no colo, nas costas. Brinquedos espalhados pelo chão. A cascata de memórias. Imagens enevoadas, talvez não como eram, talvez composições de muitos tempos, instantâneos de cenas natalinas, talvez mescladas na memória com cenas lidas e cenas retratadas em cartões-postais, ou de como se desejava que fossem. Mas está perto da verdade. Os dias de Natal eram momentos muito felizes.

Há um fato de que me lembro, embora não tenha muita importância: nunca tivemos uma árvore. A cozinha estava muito bagunçada para uma árvore. Morávamos naquela cozinha. Havia apenas a cozinha e os quartos e um pequeno banheiro lá fora que estava sempre cheio de roupa lavada. Há a imagem das nossas roupas sujas empilhadas numa grande tigela esmaltada colocada para esse fim num canto ao lado do cobre, e por toda a sala roupas limpas penduradas em cordas baixas, porque a minha mãe era muito baixa. Um deles estava sempre evitando lavar-se no banheiro. Tomamos banho em uma banheira esmaltada que precisava ser enchida e esvaziada à mão e que apresentava uma linha cinza irremovível na altura do umbigo quando sentávamos nela; uma linha que circundava completamente a banheira, mas indistinta, ali fixada para sempre por anos segurando exatamente seis baldes de água do cobre, variando apenas em altura pelo tamanho do corpo nela imerso.

Mas a cozinha era o foco da nossa casa, e o foco da cozinha era a mesa. Era uma coisa grande e retangular, de uma cor de madeira pálida que se tornava ainda mais pálida por esfregações repetidas. Havia oito cadeiras, todas pareciam usadas, embora houvesse apenas cinco na família. Essas cadeiras também eram grandes, também de madeira, mas menos claras, pois conservavam elementos de verniz antigo, exceto nos assentos, bastante cinzentos por causa das calças sujas. Atrás da mesa, em frente ao fogão, havia uma enorme cômoda. Todos os nossos móveis eram grandes. Lembro-me da cômoda com juntas abertas, como se estivesse prestes a desmoronar. Era ornamentado e maciço e composto por uma intrincada série de gavetas e portas, com prateleiras e detalhes esculpidos acima. Abaixo das prateleiras – todas elas – havia ganchos dos quais pendia uma incrível variedade de xícaras, nunca mais do que duas de um conjunto, a maioria delas rachadas, mas mantidas impecavelmente limpas. As prateleiras estavam cheias de louças de todos os formatos e tamanhos, de modo que só podiam permanecer fixas desafiando todas as leis de capacidade estrutural. No entanto, eles permaneceram fixos, e permanecem imóveis, até onde eu saiba.

A cozinha tinha duas portas: uma ao lado da cómoda, que dava para um corredor e assim para a escada que dava acesso aos quartos, e atrás da escada para a porta da frente e um armário de arrumação por baixo da escada. Não tínhamos outros quartos no térreo. Havia outra porta na cozinha ao lado do fogão e à esquerda da pia. Era uma pia de porcelana , outrora branca, mas ainda na minha infância era da cor de palha velha, com milhares de rachaduras finas, como teias de aranha, no esmalte. Havia uma única torneira de água fria para atendê-lo e todo o encanamento estava exposto.

Não havia outros móveis na cozinha, apenas uma prateleira estreita e contínua, na altura da porta , circundando completamente o ambiente. Sobre esta prateleira havia uma variedade heterogênea de enfeites, livros, vasos sem flores, pedaços de papel e fotografias em molduras. Muitos permaneceram imóveis durante anos e estavam cobertos de gordura e poeira, porque a mãe, que era escrupulosamente limpa onde podia alcançar, nunca limpava acima do alcance dos seus braços. Quase em cima do fogão havia uma fotografia que estava tão suja que não era possível ver o retrato atrás do vidro. Lembro-me de uma vez, quando criança, subir numa cadeira e, esticando-me da ponta dos pés, conseguir baixá-la. Atrás do vidro viam-se as feições desbotadas e sorridentes de um jovem de uniforme rígido. Não consegui identificar o uniforme, nem o jovem. A mãe lavou a gordura e recolocou o quadro na prateleira. Ficou sujo novamente em seis meses e provavelmente não foi tocado desde então. Ela nunca me informou a identidade do homem, mas talvez eu não tenha perguntado.

É estranho como detalhes há muito esquecidos da minha infância de repente assumem forma e movimento em minha mente, imagens nítidas como peep shows em um parque de diversões. Nunca pensei no incidente daquela fotografia desde o momento em que foi substituída, mas agora a cena é vívida na lembrança. Já me entreguei à nostalgia além de sua capacidade de me afetar, mas anotar as memórias tem sido como uma reexperiência do passado. Senti isso, talvez apenas uma sombra filtrada do que senti naquele momento; no entanto, onde as novas experiências são tão limitadas como aqui, então reviver as antigas deve servir como um substituto. Devo cultivar minha capacidade de recordação; há um armazém para explorar em minha mente se eu conseguir aprender a chave para desbloqueá-lo.

Mas agora devo acender uma fogueira e cozinhar uma tartaruga.

* * *

Não chove há duas semanas. Não há água doce e ainda não há cocos, então tenho que recorrer a beber da água salobra. As marés estão mais altas do que o normal porque a lua está gorda e próxima, e a ilha encolhe de acordo. Tem ventado muito ultimamente e está muito frio. Mas sem chuva. O mar está agitado e há fortes correntes nas águas rasas que me impedem de visitar o Reef Four. O tédio é avassalador. Jogo xadrez, mas já estou começando a trapacear comigo mesmo, o que é totalmente absurdo. Existem outros jogos que criei, jogos físicos que envolvem jogar cascas de coco vazias no boliche ou atirar pedras em objetos designados, como um postigo de paus ou um buraco na areia. Há uma variedade desses jogos, mas eles são basicamente semelhantes e logo se tornam tediosos. São jogos de precisão e timing e, sem competição que os torne relevantes, não há medida de mérito ou estímulo para melhoria. Pensei em desfiar a lã das minhas meias e tricotar novamente uma balaclava melhorada. Embora eu não conheça as habilidades do tricô, sempre me pareceu uma técnica bastante simples e a fabricação de duas agulhas apresentaria poucos problemas. Há em mim um traço do que só pode ser descrito como teimosia, pois mesmo agora, recuso-me à ideia de fazer trabalho feminino; mas é apenas um empecilho mental que emana da falsidade do ego masculino, e certamente farei uma tentativa de

tricotar, mesmo que a tentativa seja uma forma de autojustificação. Seria uma ironia acreditar que uma mulher pudesse possuir uma habilidade que a tornasse mais apta para sobreviver sozinha numa ilha do que eu. É um conceito exagerado, claro; muitos homens tricotam e nem todas as mulheres. Martine certamente não o fez, e também não me lembro de Monique.

Mas será que uma mulher sobreviveria como eu sobrevivi nas mesmas circunstâncias? Minha reação instintiva a essa pergunta é quase desdenhosamente negativa, mas que bens eu possuo que uma mulher não possui? Bem, existem os benefícios duvidosos da superioridade muscular e, em alguns casos, essa é uma afirmação igualmente espúria. Além do mais, esse activo não tem sido realmente um fator na minha sobrevivência. Nado e mergulho bem, e isso sempre foi um talento, mas conheci várias jovens que me superaram nessas atividades. Não, pensando bem, o único momento em que a força física poderia ter sido uma vantagem foi subindo em um coqueiro, mas se eu tivesse concebido a ideia de uma escada de estacas antes, isso não teria sido necessário. Suponho que uma mulher não poderia ter carregado as pedras mais pesadas do fundo do mar, ou apanhado uma tartaruga no mar como eu fiz, mas nenhum dos fatores significaria a não sobrevivência.

No entanto, poderia uma mulher ter aceitado a agonia mental da solidão, poderia ela ter lidado com este aspecto como eu fiz? Nisso, penso eu, reside a diferença essencial. Companheirismo significa muito mais para uma mulher do que para um homem. Acredito que uma mulher teria se rendido muito rapidamente aos espectros do desespero, pois a alma de uma mulher está sintonizada para responder, para atender às necessidades dos outros – sejam seus filhos ou seus homens – e esta é uma faceta do seu ser que está gravada em seu ser. seus próprios genes, por mais que alguns possam negar; é um fator vital para o bem-estar da mulher. Sem ela, a solidão torna-se mais do que solidão, pois a razão de sua existência é apagada. Ou é meu ego masculino que dirige minha opinião? Talvez eu difame o sexo feminino. É concebível que as mulheres tenham uma maior capacidade para a solidão do que os homens, talvez até uma maior capacidade para a sobrevivência. O conhecimento local seria o bem mais benéfico, conhecimento das possibilidades dos coqueiros, das conchas do mar, das espinhas de peixe; tal conhecimento não é domínio exclusivo do género. O outro requisito importante é o da miopia.

Mesmo assim, não aceito. Não aceito que uma mulher possa suportar a solidão e os rigores da minha vida aqui. Pode ser uma falácia ou uma opinião nascida do ego, mas esta é *a minha* experiência, e isso não dá a nenhuma outra pessoa as qualificações para debater o assunto. Nisto, a minha palavra tem de ser definitiva. Na verdade, nesta dialética, minha palavra é a única. Mesmo Muller não tem nada a dizer e, quanto a Deirdre, ela não tem substância.

Eu falo com minha aranha. Eu o seguro em minha mão e não o sinto. Não sei se ele comeu alguma coisa desde que o encontrei e ele raramente se move. Há momentos em que penso que ele deve estar morto, especialmente quando ele fica tão imóvel na minha mão. Mas ele vive. Se eu o mexer com um dedo , ele se dignará a mover uma perna, irritado, mas não fará nenhum movimento para

correr. Desenvolvi uma afeição tremenda e um tanto piegas por ele. Mas não o seguro com frequência; Estou tão consciente de sua fragilidade.

* * *

O frio continua. O vento continua. Meu cérebro está pregando peças. Escrevo para aliviar meu tédio total. Este lápis agora é curto e escrever não é fácil, mas minha mente também não está sempre lúcida. Perco horas novamente. Horas letárgicas, semicomatosas, impensadas, estupefatas. E o que me assusta ainda mais são as horas sombrias. As Pessoas Vêm. Eu danço e corro gritando pela praia, sensual e carnal como um Pan enlouquecido. Temo que a loucura já esteja empoleirada em meus ombros. A música surge em crescendos selvagens, como se uma orquestra demente tocasse além do horizonte, com címbalos ressoantes e tambores fortes, e depois suave como um coro de crianças. Mesmo agora, com minha mente estável novamente, ouço; não demoníaco enquanto a sanidade prevalece, mas uma música doce que me atinge como uma carícia sonora. Quase posso acreditar que uma orquestra toca lá.

Nadei hoje. Fiz um esforço para chegar ao Recife Quatro, mas a corrente estava muito forte e cedi à cautela. Não é agradável nadar em águas agitadas com máscara. Não comprei peixe nem lagosta, então é abalone para o jantar. Abalone cru; não há combustível para o fogo.

Por que não desisto? O que importa se há uma corrente na praia? Se eu for arrastado para o mar e me afogar, isso não será melhor do que esta miséria atual com uma loucura iminente? Não pode haver qualquer valor atribuído a esta existência miserável. Eu vivo. Isso é tudo. Continuo a respirar, a dormir, a comer, a urinar e, ocasionalmente, a pensar. Meu lugar não é aqui, assim como as árvores estranhas não pertencem aqui. Eu sou estranho a este lugar. É estranho para mim. Estou apenas contaminando-o, mas igualmente ele está me contaminando. Está destruindo qualquer vestígio de alma que salvei de minhas vicissitudes. Isso está destruindo minha mente.

'Não é a ilha que está contaminando você, apenas as suas circunstâncias.'

Não é Muller desta vez. É outra pessoa. Eu criei outro espectro. Um espectro de cabelo e barba e uma jaqueta disforme. É um demônio. Sou eu. Eu sou meu próprio demônio. Mas ele não é como eu; ele é mais alto, bem constituído e confiante.

'Qual é a diferença? A ilha é a minha circunstância, não é?

'A ilha estava aqui antes de você e estará aqui muito depois de você partir. Você pode ser uma circunstância para isso, mas não é uma circunstância para você.' Ele está sorrindo. Cara arrogante!

"Então somos uma circunstância mútua", digo.

'A ilha é indiferente a você. Ele existe e se contenta em existir. É uma ilha. Contenta-se em ser uma ilha. Não quer ser uma montanha; não quer ser um continente. Com o tempo, pode tornar-se qualquer uma destas coisas, mas com o tempo é tão imensurável que o futuro, tal como o passado, está fora de consideração. A ilha está feliz como está no tempo, e o seu instante nela não significa mais para ela do que a sombra de uma nuvem.

'Então é diferente de mim porque vejo o passado, mesmo que veja pouco para o meu futuro.' Ele parece estar maior, crescendo como um gênio saindo de uma garrafa. Grito para ele: 'Sou tão indiferente ao ser da ilha quanto ele é indiferente ao meu.'

"Você tem muita vaidade", ele canta, pavoneando-se diante de mim. Ele é muito alto, muito forte, supremo em seu domínio. Estou olhando cada vez mais alto. A cabeça é vaga acima de mim, um objeto grande e peludo com feições emaranhadas e indistintas. 'Você precisa da ilha, mas ela não precisa de você.'

Ele se foi. Ele não era um verdadeiro espectro. Ele não foi criado a partir da minha mente subconsciente, mas sim de uma projeção consciente. Um *alter ego* , mas um pretendente. Ele era falso. Não sou arrogante por dentro, embora às vezes aja assim. Não sou vaidoso, não por dentro; Eu tremo lá. Eu choramingo. Sinto apenas desprezo pela minha alma covarde.

Chegarei ao Recife Quatro. Hoje. Os últimos dias de inação e fantasias ociosas, de insanidade flutuante, de engano introvertido, me decidiram. Não permitirei que os espectros conquistem. A ociosidade é sua aliada. Mas o mar ainda está agitado, talvez menos do que ontem, mas não agradável. No entanto, as nuvens estão dispersas e altas. O céu está bastante azul. A água deveria estar limpa e a maré já está subindo; há menos corrente na maré crescente.

* * *

Eu não deveria ter feito isso. Foi uma loucura; pura e indesculpável loucura. Estou de volta e vivo, e muito claro sobre a minha relação com a ilha. Eu amo isso. Deitei-me na praia quando finalmente consegui e adorei. Agarrei-o com força. Foi um abraço, eu queria me imprimir na sua própria rocha. Esta é minha ilha, meu refúgio, meu santuário. Ilha, não sou indiferente a você. Eu te amo. Você é minha vida e eu quero viver. Surpreendentemente, eu quero viver.

Achei que a corrente não era muito forte. Na verdade , cheguei ao Reef Four, embora tenha sido difícil nadar e, quando cheguei lá, senti dores e falta de ar. Estava mais calmo sobre o recife, mas a corrente ainda puxava, impelindo-me cada vez mais fundo. Foi um combate, não muito difícil no início; Eu poderia nadar contra ele sem muita dificuldade. No início, comecei a flutuar, descansando da natação e aproveitando o recife. Eu flutuei por ele e nadei de volta, e flutuei novamente. Isso foi muito fácil. Mas imperceptivelmente o retorno contra a corrente começou a exigir cada vez mais esforço, até que comecei a nadar muito para atravessá-la. À medida que a corrente ficava mais forte , eu ficava cada vez mais cansado e meus músculos começavam a protestar. Nesta fase eu ainda estava confiante e não senti nenhum alarme; músculos em protesto não eram precursores do colapso, e eu tinha fé na minha forma física. Foi só no momento em que parecia estar nadando sem fazer nenhum progresso que os primeiros tremores de alarme percorreram meu corpo. Mesmo assim, foi necessário apenas um esforço maior para produzir movimento para a frente. Comecei a relaxar novamente e então comecei a perder terreno. Foi difícil reprimir o pânico automático que surgiu. Novamente forcei mais esforço em meu golpe e novamente recuperei terreno, mas sabia que não conseguiria manter aquele grau de potência por muito tempo. Era hora de ir para a costa.

Foi então que percebi que as ondas eram muito maiores do que na viagem de ida. O vento havia aumentado. Logo começou a chover. Minha máscara continuava enchendo e eu não podia me dar ao luxo de pisar na água para esvaziá-la. Cada vez que tentei, perdi vários metros. Finalmente tirei-o e prendi o cinto na cintura. Era um artigo que eu não arriscaria perder.

Imediatamente perdi o rumo. Eu conhecia bem o fundo do mar, mas sem a máscara não conseguia vê-lo. Nem eu conseguia ver a costa acima das ondas. A ilha pode não ter existido. Eu era um pedaço de destroços em uma grande extensão de oceano. Não me lembro de ter me sentido assim quando nadei do avião pela primeira vez até aquele lugar. Não me lembro de ter lutado contra uma corrente. O mar estava calmo naquele dia e lembro-me de ver as palmeiras como um braço acenando. Foi uma natação difícil – lembro-me disso – totalmente vestido e em estado de choque, mas não era nada comparado à provação que eu estava prestes a enfrentar.

Onde estava a ilha? As ondas estavam indo direto para a costa? Com tal golpe foi difícil estabelecer sua direção básica. Mas a corrente era paralela à costa. Nade diretamente através dele. Nade através da corrente. Continue nadando. Não afrouxe. Requer mais esforço na areia do que no recife; é onde a corrente era mais forte. Mantenha o ritmo. Continue andando. Não pise na água. Não olhe para cima.

Mas eu sabia que meus braços se moviam mais devagar. Pareciam mangas frouxas, sem poder ou resiliência. Minha respiração estava muito rápida, era uma respiração ofegante e ofegante, e o medo era uma dor na minha garganta. Era cada vez mais difícil apenas manter minha cabeça acima da água. Eu estava nadando mais verticalmente do que horizontalmente. Eu sabia que não conseguiria. Eu não conseguia mais reconhecer a corrente. A direção me abandonou completamente. Não havia mais força, nem direção e nem determinação.

Eu não morreria. Na verdade, nem pensei na morte. Eu simplesmente mantive minha cabeça erguida. Não havia outro propósito em mim. Não consigo me lembrar de nenhum pensamento. Só me lembro da agonia da luta para manter a respiração. Lembro-me de engasgar e engolir água. Muitas vezes. Essa foi minha dor e meu pânico. Esse foi o meu horror. Mantive a cabeça erguida, nem sempre fora d'água. Hora após hora. Por que? Por que não me deixei levar e me afoguei? Eu não posso responder a isso. Não sei. Acho que isso não me ocorreu. Foi um terror tão grande, tão instintivo e abrangente engolir água que eu não poderia ter permitido que isso acontecesse como um ato deliberado. Agora sei que nunca sairei nadando num ato proposital de alcançar a morte. O terror é um ácido que deixou uma marca profunda e horrível em minha mente. Afogar-se é esse terror. Respirar água é esse terror.

Meus pés tocaram o fundo. Eram pés sem vida e devem ter tocado o fundo muito antes de perceberem isso. Saí para as águas rasas. De alguma forma. Com pernas que não respondiam. Apenas alguns metros. Eu rastejei então. E finalmente deitei-me na areia e senti a onda de gratidão e senti o amor. Ainda era dia. Talvez apenas seis horas desde que saí da praia. Eu havia pousado no

ponto mais ocidental da ilha. A corrente aparentemente chega à costa naquela extremidade.

Já é dia seguinte e ainda sinto dor. Todos os meus músculos parecem doer. Felizmente meu dente está me dando um descanso. Mas prefiro sofrer do que morrer. Agora que sei alguma coisa sobre a morte, nunca pensarei nela tão casualmente como tem sido meu hábito ultimamente. Agora sei com toda certeza que não quero morrer, pelo menos não por afogamento. Não importa quão miserável seja minha existência, eu a preservarei. A vida, minha vida, tem valor. Sem ele, sou menos que uma folha de grama, nem mesmo um fragmento, nem a menor partícula de história registrada além deste lamentável desenho a lápis neste lamentável livro. Nem mesmo a minha morte seria registrada, apenas o meu nascimento em algum arquivo paroquial. Aí está a soma da minha marca no mundo: minha data de nascimento, registrada e esquecida. No outro mundo lá fora, que ainda gira e gira como um relógio sem fim, nesse mundo pelo menos eu ficaria de luto; haveria alguém para lamentar minha morte. As pessoas estão de luto por mim agora? Fui registado como simplesmente “desaparecido, paradeiro desconhecido”, ou talvez “presumivelmente morto”, ou será mesmo isso apenas uma vaidade? Alguma palavra foi escrita sobre minha ausência? Possivelmente meu desaparecimento não foi notado. As pessoas que me conhecem podem ainda estar aguardando meu retorno, apenas um pouco intrigadas com a duração da minha ausência, mas com fé de que um dia voltarei.

Eu tinha alguma importância naquele mundo? Ah, algumas poucas pessoas tinham consideração por mim, eu acho, e uma ou duas teriam me amado, mas não ficarão magoadas, pois não podem saber das minhas dificuldades, e se eu nunca voltar, a passagem do tempo já irá cresceram uma nova pele sobre o que poderia ter sido dor. Embora também houvesse coisas que importavam, não apenas pessoas. E os imperativos que me motivaram? E as causas em que eu acreditava? Eles não vacilarão um pequeno passo por minha falta de presença. Devo ter me considerado de algum valor para alguma coisa, mas até mesmo essa molécula de autoestima vejo agora como um exagero. Não tenho valor num mundo de incontáveis milhões. Não deixo nenhum vazio. Um homem é uma criatura totalmente dispensável. Meus esforços , minhas urgências, minhas posturas , antes tão intensas em sua importância, tão dramáticas em seu significado para mim, são agora vistas como ilusões inúteis na opressão da sociedade. No entanto, quando eu retornar a essa sociedade, quando retomar os fios da vida, ainda serei impelido pelos mesmos imperativos? Será que os impulsos do certo e do errado, da justiça e da injustiça serão tão claros para mim como pareciam antes? Ou será que esta aberração da solidão terá criado um conceito de inutilidade que afetará as minhas ações para sempre?

'Não perca a fé em si mesmo.'

— Não é uma questão de fé, meu velho. É uma questão de avaliar a própria escala na vastidão que é a vida.'

'Todos nós temos um lugar.'

'Ah, vá embora.' Não quero suas banalidades agora.

* * *

As consequências da minha provação ainda estão comigo, não apenas o cansaço físico, mas o impacto na minha atitude. O instinto de autopreservação é muito mais do que a frase cansativa dita por pessoas que nada sabem sobre o assunto, cuja opinião se baseia na observação de animais de estimação e bebês. Eu aprendi o que é. É uma força viva e vibrante. É composto de terror, força, vontade e desafio. Mas principalmente é composto de terror. As pessoas têm medo de morrer. Todas as pessoas têm medo de morrer. Todas as criaturas têm medo de morrer. Considere isso. Considere o conceito inerente de morte em todas as criaturas vivas que os deixa com tanto medo dela. O que há de tão assustador em morrer? Existe algum registro em nosso padrão genético que guarde uma memória antiga de ter sido dilacerado até a morte por algum outro organismo voraz? Existe uma lembrança de uma dor terrível associada ao ato de morrer? Existe uma dor que acompanha o rompimento da vida?

“É o domínio da força vital”, diz Muller, totalmente vestido com capote e beca. Uma brisa sopra, mas seu vestido está intacto. É novo, preto e fresco, marcado apenas por alguma caspa e pelos soltos nos ombros.

'O que é?'

'O instinto de autopreservação. A força vital é tão forte que se recusa a se render. Não é terror. Não é um medo inerente ao momento da morte.

— Eu sei o que é, meu velho. É o terror, e é o terror que faz a pessoa lutar.

“O terror vem da mente”, diz ele com desenvoltura, “não tem nada a ver com instinto”.

'Bem, então não vamos chamar isso de instinto.'

Ele é muito inteligente hoje. Ele cai um pouco, mas lembramos que ele é mais velho que sua morte. Ele não se barbeou, no entanto. Vejo agora que ele não se barbeou. “Considere a vida”, ele canta, com os braços dobrados no fluxo de seu novo vestido, indiscutivelmente o mestre, “é um milagre da evolução. Uma improbabilidade química além de todas as probabilidades calculáveis, e mais do que isso, mais do que a química. Se o primeiro grão de vida não tivesse possuído a mais poderosa determinação de ser, não teria existido. Essa é a idade que deve ter o instinto de autopreservação. É a herança primordial.

Ele desfila pela praia como antes fazia com seu estrado. Mas ele nunca nos ensinou essas coisas. Ele nos ensinou a teoria de Pitágoras. Ele nos ensinou o Princípio de Arquimedes. Eles eram demonstráveis. Eles eram fatos.

— Essa é uma bela teoria, meu velho. Eu gosto disso.'

“É preferível à sua teoria do terror”, diz ele. Mas ele não olha para mim. Ele não me mostra seu rosto de barba por fazer e olhos flutuantes. O peso do seu novo vestido já o está derrubando.

'Mas não é a mesma coisa? Sua herança primordial é o medo da inexistência. É terror, o terror do esquecimento.

'Não não. É o reverso do medo. É o esforço para ser. É a semente da coragem, a semente da realização. É a semente da alma e, assim como o homem é infinitamente mais complexo que a primeira partícula de vida, a alma que ele

possui é mais complexa que a sua semente. E porque a vida não é apenas complexa, mas também de infinita variedade, as almas também são de infinita variedade.'

'Então todas as coisas vivas têm alma. Couves, cogumelos e até algas marinhas.

'Claro.' Ele certamente nunca nos ensinou isso.

'E porque esta essência da alma é o impulso para viver, quando a morte chega, a alma também deve morrer.'

Ele é quieto. O vento está puxando-o. Ele é pequeno e patético. Seu vestido parece mais cinza agora e já está rasgado na bainha. Ele desmorona dentro dele. Ele diz: 'As obras do homem continuam vivas depois dele.' A frase é exatamente como ele costumava dizer. O conceito de herança primordial já caiu na rotina desgastada da banalidade. 'As obras são feitas da mente, da mão e da alma. Assim, as almas continuam vivas.

Não aceitarei essa homilia. Eu digo: 'É um sentimento bonito, mas foge ao assunto, meu velho. É um truque para evitar uma exploração mais aprofundada de toda a substância do seu tema original.'

— É uma questão de interpretação, não é? Se quisermos discutir a alma, devemos primeiro defini-la.' Ele está sendo petulante.

'Aquela qualidade de um organismo que não é química. Você já definiu isso.

'E o amor? E a sensibilidade? E quanto a sonhar?

'Você voltou ao conceito tradicional, meu velho, e isso me deixa triste.'

— Então não são facetas da alma?

'Ah, sim, partes da alma, assim como braços e pernas são partes do corpo; e assim como a cor do cabelo difere de indivíduo para indivíduo e o tamanho dos seios difere, também essas facetas da alma diferem. Para mim, o amor pode não ser o mesmo que é para você. Você já se apaixonou, Muller?

Ele olha para mim, com a boca aberta, os olhos arregalados, seu vestido velho e surrado, folgado em relação à sua magreza. “Amor”, ele murmura. E então novamente, 'Amor', e é um gemido de angústia muda.

Ele se foi. Meus pensamentos mudaram das almas para o amor. 'Você não voltou.' A voz é reprovadora, mas terna. Mônica está lá. Monique gorda com quatro covinhas no sorriso. A luxúria se agita, mas não há lembranças. 'Por que você não voltou?'

— Você esperou muito? Eu pergunto, porque estou lutando para entender. Por que, de fato, eu a deixei?

'Esperei dois anos. De certa forma, ainda estou esperando.

— Mas havia George, não havia? Algo está voltando, mas apenas fragmentos, como escavar um antigo túmulo. — Você estava dormindo com ele.

Seus olhos são lindos. Ela tem olhos maravilhosos. Monique era uma mulher gentil e adorável, uma mulher de empatia e de respostas imediatas. Ela está agora vestida com aquele vestido branco pregueado que era tão inadequado, exagerando sua obesidade. Lembro-me de sua grosseria na nudez e a luxúria se torna uma forte urgência física. Ela fala com sua voz suave: 'Eu conheci George

antes de você, meu amor. Teria quebrado ele deixá-lo. Mas foi você quem eu amei.

Quanta verdade há nessa invenção? E enquanto penso nisso, ela desaparece e desaparece. Vejo que a libido sempre tecerá uma trama de ficção para sustentar sua vaidade. Portanto, aceitarei o tecido mesmo que nele haja mais fantasia do que realidade. Não quero saber a verdade, se existe agora uma verdade, pois o tempo já distorceu as emoções e os motivos do passado para todos os intervenientes. A verdade é instantânea. A memória de um instante deve distorcê-lo imediatamente. Portanto, não há verdade, apenas quase verdades. A verdade é um conceito relativo e deve sempre conter a definição tácita: a verdade só pode significar algo como a verdade. Suponho que isso não importa, na verdade. Tendemos a basear todas as nossas ações naquilo que pensamos ser a verdade, quer a nossa intenção seja ocultá-la ou tirar conclusões dela, e para cada um de nós a nossa própria versão é a medida da nossa integridade.

A verdade é que estou sozinho e cansado, com um cansaço que invade até os meus ossos. E ainda estou com sede.

* * *

Hoje é um dia claro. Um momento tranquilo. Um bom dia para visitar o Reef Four, mas ainda estou com medo. Alimentei minha aranha com um pedacinho de carne de abalone, alojando-o na teia, mas ele ainda está lá, intocado. Parece que não comeu nada desde que o descobri, mas sei que ainda está vivo porque foi reparada uma pequena ruptura na teia que causei ao colocar ali o miolo de carne. Estas são as primeiras palavras que escrevo em vários dias. Eu penso muito. Há contentamento nas horas calmas da noite e à noite, quando a luz do dia desenha o vestido das trevas em uma exibição silenciosa de anáguas e estimula a mente desperta a meditar. Ainda não há chuva. Minha dor de dente vai e vem; muitas vezes acontece. Eu posso suportar isso.

A noite passada foi de música. A noite toda houve música. Eu ouço isso até agora. Olhando para sudeste de onde vem, não consigo ver nada, mas certamente é mais do que um truque mental. Ontem à noite a música era decididamente real. Ainda assim é real. Menos penetrante sem a luz das estrelas, mas mesmo assim real.

Subi em um dos coqueiros. Houve uma compulsão para ampliar minha visão na convicção de que deveria haver uma fonte para a música. Da copa das árvores o horizonte era tão invariável quanto da praia. Esforcei meus olhos. Por talvez uma hora eu olhei. Eu não tenho certeza. Eu vi algo. Ou pensei ter visto alguma coisa. Possivelmente minha mente insistiu que eu visse alguma coisa. Não mais do que um mero indício de imperfeição na divisão regrada entre o mar e o céu. Não pode ser. Não há nada ali. A própria mente é um enganador experiente .

Existem cocos jovens nas árvores. Eles me dão algo pelo que ansiar.

* * *

Eu vi meu primeiro tubarão hoje. No Recife Quatro. Ele navegou placidamente, mostrando pouco interesse por mim. Fiquei imóvel, esperando assim evitar a detecção, mas parecia estar patrulhando um circuito. Infelizmente eu estava dentro daquele circuito, com medo, mas não tanto quanto imaginei que teria. O

tubarão tinha cerca de um metro e oitenta de comprimento, quase o mesmo comprimento que eu, nadando com movimentos inativos da cauda. Os outros peixes no recife aparentemente não se alarmaram com a sua presença, embora eu tenha certeza de que estavam menos ativos do que o normal. Por fim, à medida que me familiarizei com a visão dele, meu medo diminuiu e eu também comecei a nadar, mas com cautela e direto para a costa. Quando mudei de rumo, o tubarão também mudou. Nadei com mais pressa, olhando para trás o tempo todo. Cheguei a águas rasas em poucos minutos, mas foram os minutos mais longos da minha vida. Pois o tubarão me seguiu até o fim, não de forma agressiva, talvez apenas curioso. Eu não estava preparado para verificar seus motivos.

Existe agora um novo elemento nos fundamentos da minha existência. Nadar para mim *é* existência. Pensei muitas vezes na possibilidade de encontrar tubarões, mas sem provas da sua presença a ideia de perigo era apenas um fator secundário, demasiado insignificante para perturbar a minha confiança. Assumiu agora as proporções de um fator importante, que tenho a certeza que me afectará sempre que entrar na água. É verdade que este tubarão é o único que encontrei em todos os meses que estive aqui, mas agora sei sem dúvida que os tubarões habitam estas águas, isso deve ser uma consciência constante na minha mente. É claro que este pode ser apenas um visitante raro, mas também pode estar fixando residência nos meus recifes.

Não suporto a ideia de ter sempre que me manter nos recifes rasos. Mais ainda, a ideia de abandonar o Reef Four para sempre me enche de desânimo. Talvez o tubarão não seja perigoso; afinal, nem todos são devoradores de homens. Mas tenho medo disso e nenhuma racionalização irá derrotar esse medo. Na minha situação não seria necessário perder um membro; mesmo ser ligeiramente rasgado seria uma ferida mortal. Não há nenhum meio de estancar o fluxo sanguíneo, nenhum meio de costurar um rasgo em minha carne e nenhum auxílio para prevenir infecções.

Estou calmo agora, escrevendo sobre isso; minha mente está avaliando a situação com bastante frieza. Mas, na verdade, é como uma ilhota num pântano; em torno da minha mente pensante há um pântano de desesperança. Os fantasmas viscosos da derrota se agarram e sugam, e meu pequeno santuário autoconstruído, minha rocha cansada de resolução, é apenas uma defesa temporária contra eles. Às vezes, eles parecem surgir, inchar e me engolir, e é necessário um esforço supremo de resistência consciente para sustentar o núcleo lúcido.

O tubarão é mais do que um incômodo. O tubarão é uma calamidade. Uma calamidade avassaladora. Se não sei nadar , devo morrer. Morrerei de fome ou morrerei de laceração. Vou sangrar, e vou sangrar, e vou sangrar. Deus me ajude! A imagem é vívida diante de mim. São os fantasmas, eu sei que são os fantasmas. Eu não posso vencê-los. Meu cérebro está girando agora. Onde está meu controle? Escreva, coloque em palavras, seja racional. É o desespero agora, o desespero tão familiar. Isso está me derrotando. Não consigo mantê-lo sob controle.

* * *

Há muita água fresca, mas estou com fome. Comi alguns abalones e alguns caranguejos. O medo ainda me impede de pescar, e até mesmo as lagostas das águas mais rasas estão cautelosas hoje em dia e prontamente me escapam. Dois dias se passaram desde que vi o tubarão e a total desesperança me abandonou, mas o medo permanece, menos explícito agora, mas não menos tenaz depois de horas de deliberação. O tubarão ocupa todos os meus pensamentos. Eu não posso descartar isso. O tubarão está no meu espírito e não será erradicado. Eu terei que enfrentar isso. Claro que terei que enfrentar isso. Devo nadar até o Recife Quatro e ficar com ele. Mas a coragem não virá, apesar do meu esforço mental ; Eu hesito aqui, conhecendo meu próprio desânimo, lutando por algum grau de resolução. Lembro-me dos meus meses de arrogância; Eu era o rei, conquistei meu ambiente. Ah, mas era fácil ser arrogante quando os medos eram inanimados, quando os únicos perigos eram a minha mente, a minha saúde ou as forças da natureza. Agora, a ameaça é outra forma de vida animada, uma forma de vida distintamente agressiva, uma criatura soberbamente equipada para a agressão e com reputação exatamente por isso. E meu medo é um novo tipo de medo. Uma coisa física e assustadora. Eu tinha medo de cachorros quando menino. Provavelmente ainda faz parte do meu ser essencial, e esse medo do tubarão é do mesmo tipo.

Eu devia ter uns três anos, talvez quatro, quando o medo se instalou em minha alma. Atrás da nossa casa havia uma viela estreita, uma via de pavimentação deslocada, usada apenas para tráfego de pedestres, entre a rua principal e a área residencial mais atrás, e também como playground para as crianças de nossa propriedade. Foi provavelmente na minha primeira aventura sozinho ao longo da estrada em direção à misteriosa e fascinante rua principal que ocorreu o incidente que lançou as bases para a minha atual abjeção. As crianças mais velhas estariam na escola. Suponho que estava sendo desobediente e suponho que houve apreensão, curiosidade, certamente, e excitação, mas essas emoções não sobreviveram na memória. Apenas o pavor permanece. Nem me lembro de ter chegado à rua principal. Eu me lembro do cachorro. Lembrando que era enorme e preto, com enormes dentes amarelos, mas essa era a impressão de uma criança aterrorizada e haveria pouca realidade nisso. Provavelmente era apenas um cachorrinho exuberante querendo brincar, reagindo ao seu instinto de perseguir. Lembro-me dele latindo e de mim mesmo correndo freneticamente e gritando ao longo da estrada. Ele latiu em meus calcanhares. Eu tropecei. Os latidos estavam ao meu redor, acima de mim, bem nos meus ouvidos. Deitei no chão e gritei. Eu ainda estava gritando quando mamãe me pegou. Eu estava gritando mesmo depois disso. Minha infância ficou assim impressa, marcada para sempre por um pavor irracional de todos os cães. Tive até consciência de um medo submerso mais tarde, com um animal de estimação meu. Essa é a essência da minha covardia.

No entanto, é mais do que isso. É um medo mais primitivo. Parte da minha alma, parte da minha herança. O medo conhecido e compreendido dos cães, com as suas origens conhecidas e compreendidas, é apenas parte do terror total.

Existe uma timidez ancestral, mais antiga que o próprio homem, nascida da espreita dos antepassados, quando a ansiedade era uma virtude, era de fato o fator vital para a sobrevivência; nascido em tempos em que a imprudência significava uma morte muito selvagem. E esta timidez ancestral estava inerradicavelmente impregnada na herança do homem. Não acredito que exista um homem destemido; homens corajosos, sim; homens que podem vencer o pavor, homens com uma causa e uma vontade além de todos os ditames da herança; e alguns homens que são vítimas de suas próprias bravatas, heróis relutantes, por assim dizer. Mas eu não sou nada disso.

No entanto, sou um homem racional. Com o tempo, a razão me dará o controle da ancestralidade. Na verdade, era um tubarão bem pequeno.

* * *

Sento-me na praia e olho para sudeste, para aquela possibilidade de outro lugar. Conheço a posição exata no horizonte que pode ser uma intrusão na sua perfeição de nível, que pode ser outra ilha, ou mesmo o promontório de um lugar maior . Não vejo agora, mas já vi mais de uma vez. Esta manhã, quando o céu não estava manchado por neblina ou reflexos, quando o azul do espaço era uma imensa cor plana, inalterada em matiz ou densidade, como grandes paredes pintadas de uma caverna, e eu podia ver o fim da distância, então vi que intrusão. Eu sei que vi. Não foi imaginação. Ouvi a música e vi o lugar. Devo ter visto o lugar.

* * *

A pequena aranha havia sumido quando acordei hoje. Fiquei sentado por vários minutos terríveis enquanto minha alma se esvaziava. Foi o mesmo sentimento que se experimenta quando se toma conhecimento de uma traição de confiança, da infidelidade de um amante ou da morte de um amigo próximo. A princípio apenas uma escuridão, uma recusa em acreditar; depois, um vazio, uma distração, de modo que nem sequer prestamos atenção aos nossos próprios pensamentos, nem sequer os ouvimos. Sentir-se assim por uma aranha pareceria absurdo, mas seria um julgamento de uma mente ocupada e de um coração ocupado. Eu me senti assim, e foi um choque mental tão grande quanto qualquer outro que já experimentei. Durou um pouco, mas logo a razão se instalou lentamente e examinei a teia deserta. Ainda estava intacto. O garotinho morreu e simplesmente caiu? Não havia nenhum vestígio dele no chão do abrigo. E então eu vi, uma nova teia quase no mesmo lugar no segundo galho, praticamente indistinguível da primeira. E lá estava ele, calmo e paciente, enquanto meu coração explodia de alegria. Pareceu-me uma coisa extraordinária que, no espaço de algumas horas, a aranha pudesse se mover sem sinal de passagem e tecer uma nova teia, e essa teia parecia ter tanto volume quanto a da aranha. Eu o escovei em minha mão e o recoloquei na velha teia. Isso não pareceu perturbá-lo.

Sento-me do lado de fora agora e pergunto: 'Muller, minha aranha tem alma?' Ele não responde, então eu jogo mais perguntas no vazio. Falo alto; ele tem que me ouvir e responder. 'Se ele morrer, sua alma também morre?'

“Você deve tirar suas próprias conclusões”, diz ele. É apenas a voz dele. Uma voz calma e fundamentada. Ainda há domínio nisso. 'Eu sou apenas o outro lado do seu jogo de xadrez. Você sempre brinca sozinho.

— Eu sei disso, maldito seja. Aparecer. Não vou falar com uma voz.

'Eu estou aqui.' Ele veio ao meu comando como um gênio. Ele se senta ao meu lado, de camisola. Ele parece frágil.

'Você é uma alma?' Eu pergunto.

'Você sabe o que eu sou.'

'Sim. Você é a morte. Você é a morte do falso ensino. Você é a morte da filosofia doutrinada.

'Não, não deve morrer. É composto pela interpretação de certas verdades. Você pode redefinir essa composição, mas não pode abandonar as verdades contidas nela.'

'A ideia da herança primordial é verdade?'

'É um conceito, não é, uma forma de definir um abstrato?'

'Então a alma é abstrata? Se for assim, a própria vida deve ser abstrata, porque dissemos que a vida compreende química e alma.'

'A química não é abstrata.'

'Mas a química ocorre sem vida.'

O sol bate em seu couro cabeludo enrugado. Parece amarelo e delicado como uma folha seca. Os poucos fios de cabelo murcham com o calor. “A alma também pode existir sem vida”, murmura ele, “mas não como fantasmas ou espíritos no sentido aceito. Consideremos a complexidade da química envolvida na mais simples célula viva e depois consideremos a herança primordial no mesmo contexto. É abstrato, mas faz parte de um continuum de ocorrências naturais, assim como a química.

' Portanto, chamamos isso de abstrato, e a vida é uma combinação dessa força abstrata e dos efeitos da química.' Ele balança a cabeça e me pergunto se sua cabeça vai cair. Seus olhos se agitam e seu queixo tem dificuldade para levantar junto com a cabeça. 'Isso faz parecer eletricidade.'

O mar se estende plano e irregular como um campo recém-ceifado, e à luz do sol é uma folha de brilhos em constante mudança. A água estará clara, mas a superfície quebrada torna os recifes invisíveis de onde estamos. Estou na sombra, mas ao meu lado Muller está exposto ao sol direto. “Vá para este lado”, sugiro, e ele o faz. Ele conseguiu juntar as mandíbulas e mantê-las bem apertadas, o vinco de sua boca sem lábios curvado nas extremidades, enfatizando a fina faixa de osso abaixo. «A electricidade é uma força física», prossigo, «e deve ser controlada de acordo com as leis da física, e o comportamento químico também deve seguir as leis da química; da mesma forma com o comportamento biológico . Estas leis são bem conhecidas, são leis naturais que o homem descobriu e definiu. Diga-me, velho, a que leis a alma obedece?

'Todos esses e outros que ainda aguardam definição; mas, definida ou indefinida, a alma se comporta dentro de certos parâmetros.'

Agora não sei quem está falando. Estou falando com o velho ou apenas pensando nessas palavras? Ele é menos uma personificação agora. Na verdade,

apenas um quadro-negro mental no qual as ideias podem ser rabiscadas e rapidamente apagadas. Ele pode ser inteligente, estúpido, obtuso ou pedante, tal como eu gostaria de vê-lo. Ele é um sujeito muito útil.

'A vida é a força biológica.' Estes são pensamentos. Muller ainda está sentado ao meu lado, bastante sombrio e sereno. 'A eletricidade é uma força física. A radioatividade é, presumivelmente, uma força química. Todas as ciências têm uma força relacionada e a vida é uma delas.'

'Você está tentando explicar a herança primordial e a alma nos termos da ciência conhecida?' Müller interrompe.

— Suponho que sim. Estou me esforçando para definir os parâmetros da alma dentro dos limites do espectro total. Receio que continue sendo uma abstração. A ciência deveria prestar mais atenção à alma.

'A religião preocupa-se com a alma, e há muita religião. Provavelmente mais padres do que cientistas.

'Você está certo. Mas a alma não é o domínio dos sacerdotes no contexto da força da vida. A religião é o domínio das crenças, e as crenças são da mente. A mente é apenas uma faceta evoluída da alma.'

Escrevo isso enquanto minha mente se afasta como uma colher de pau em uma tigela de massa. O sol já começou a descer e as sombras estão sentindo minha falta. Eu gravo isso como uma conversa, embora isso não seja totalmente verdade. A massa mexe lentamente. “Antigamente existiu uma força, um espírito, se preferir, que se combinava com uma molécula complexa para formar uma coisa viva. Dê a esse evento uma conotação religiosa, se quiser. Mas qualquer que seja a conotação aplicada a ela, é isso que devemos compreender para compreender a alma. Então chamemos isso de herança primordial; é um termo tão bom quanto qualquer outro, pois deu a todos os seres vivos o impulso primordial, o desejo de ser. Sem ela haveria apenas atividade química, dependendo inteiramente da inter-relação dos elementos. De repente, houve uma consciência de si que era uma determinação de identidade – em outras palavras, o instinto de autopreservação. Naquele instante vital nasceu a vontade de ser, mas também o egoísmo, o egoísmo, a arrogância, a crueldade – todas as facetas dessa vontade de ser. É claro que esse fator por si só não é vida: a molécula era a substância da vida, o corpo; a herança primordial era o espírito, apenas uma célula crua e não evoluída naquela época. Não dotou a matéria orgânica de religião, música, amor, sonhos ou filosofia; tudo o que deu foi a determinação de evitar o esquecimento. O resto evoluiu, tal como o sexo evoluiu, pois a reprodução é um produto direto do impulso primordial, um fator fundamental na sobrevivência.'

'O impulso primordial no início ainda não é a alma, assim como a ameba ainda não é o homem.'

'Alma e matéria estão sujeitas às mesmas leis de evolução. A alma é a essência dessa lei – sobreviver. Cada permutação de forma de vida evoluiu por causa dessa lei inatenuante . As facetas da alma que chamamos de amor, criatividade, mente, instinto, todas evoluíram como complementos à sobrevivência.'

'E a mente racional é herança do homem devido à implacabilidade dessa lei.'

'Sim. O antecessor da mente não tinha garras nem dentes de combate. Era pensar ou morrer. Estou aqui, e você já esteve aqui, apenas porque aquele antecessor aprendeu a pensar.'

A tarde já passou. Mais um dia ocupado, mas não sem algum custo. A meditação não custa nada; a mera contemplação do meu umbigo, entretanto, não é uma ocupação e não sou versado em praticá-la. Mas escrever é gratificante, e tem o custo, pois assim como consome tempo, consome também espaço no papel, assim como meus preciosos lápis. É difícil simplesmente parar. Quero rabiscar e registrar quase todos os pensamentos aleatórios. É um exercício de contenção não escrever.

Vejo que minha aranha voltou para sua nova teia. Eu me pergunto qual é a sua compulsão.

* * *

Eu vou para o Reef Four hoje. É quase meio-dia e estou reunindo soluções desde antes do amanhecer. Já nadei sobre o recife raso; foi um exercício preliminar. Pretendia ser um exercício preliminar. Não, é tolice mentir para si mesmo, embora isso seja parcialmente verdade. Eu teria nadado mais longe se a determinação estivesse mais firmemente consolidada, mas não foi; naquela época era uma coisa fragmentada e não sobreviveu ao primeiro ataque de fantasmas. Mas desde então juntei os fragmentos numa determinação mais forte. Minha vontade está em ascensão. A fraqueza será vencida. Eu sou forte. Entendo meus medos e, conhecendo-os, posso exercer controle. Era apenas um tubarão muito pequeno.

Não foi um fracasso absoluto. Encorajo-me com esse pequeno conforto, embora a verdade seja que fui derrotado. Não houve tubarões, mas os fantasmas venceram. Foi um mergulho cheio de alarme: cada dardo de cada peixe era um susto para meus nervos em contração, cada nuvem sobre o sol era um espasmo de pânico. Eu estava tenso demais para nadar e o progresso era muito prejudicado pelos começos de constante trepidação. Não me virei e fugi, mas percebi a derrota e foi a retirada de uma mente receptiva. Ainda assim, não é desespero total. Peguei uma lagosta e tenho planos de cozinhá-la.

Meu combustível serão algas marinhas. Nos últimos dias coletei uma quantidade e espalhei na areia para secar. Tenho certeza de que vai queimar. A lagosta crua não é nada palatável e é dura, mas apenas alguns minutos em água fervente e fica bastante suculenta.

Amanhã tentarei novamente no Reef Four. Amanhã farei isso.

* * *

A alga não queima. Ainda acredito que sim se eu pudesse gerar calor suficiente. Eu cozinhei a lagosta, mas isso significou usar madeira de uma árvore estranha e me sinto mal por isso. Se eu continuar a mutilar a árvore, ela poderá não se recuperar. Isso seria uma tragédia; uma tragédia pela qual eu seria totalmente responsável e não suportaria a culpa disso. Seria assassinato. É uma coisa viva, extraindo sustento desta terra estéril, ainda mais limitada do que eu; uma coisa

tranquila, pouco exigente, uma parte da minha comunidade. Eu não devo matá-lo.

Não posso ir ao Reef Four hoje, o tempo ficou difícil e úmido. Admito um alívio interior, mas também um arrependimento. Nadei um pouco para fora e peguei um peixe na areia. Vou comê-lo cru. O peixe cru é suportável. Está chovendo agora e eu fiz minha dança da chuva. Faço isso agora sempre que começa a chover. É necessário ter ritual.

* * *

Não consigo ver o outro lugar. É um dia nublado e a visão é limitada. Nem consigo ouvir a música, e minha segurança diminui. A existência do outro lugar faz parte da minha fé, a verdade disso não é importante. Para mim é realidade. Sei que pode não ser mais do que a minha própria ilha, pois sei que não há qualquer hipótese de lá chegar, mas a música que ouço não é uma ficção. Há momentos em que duvido, quando pergunto: 'Será que o som pode viajar até agora sem distorções?' A minha razão me diz que as melodias são uma invenção do subconsciente, uma imaginação, um engano, mas a voz da razão não é certeza. A mente racional pode estar errada. Na maioria das vezes eu acredito. Acredito na música e acredito que há outras pessoas em outro lugar. Ali está a companhia, o complemento mais precioso da vida. Não muito longe, apenas até o horizonte. Embora seja qual for a distância, ainda é muito longe. Eles podem vir aqui. Não intencionalmente, pois saberiam que este é um lugar inútil, mas por acidente, talvez, ou apenas para um passeio. Isso é muito improvável? Posso sinalizar? Poderia eu queimar minhas preciosas árvores em uma aposta suprema, criar uma nuvem de fumaça que pudesse ser vista bem além do horizonte? A resposta tem que ser não. Eu não poderia fazer isso, eu não faria isso. Mesmo se eu tivesse certeza absoluta.

Estou sofrendo terrivelmente com dor de dente. Rezo para não ficar doente novamente.

O sol estava quente em mim quando acordei. Era quase meio-dia e eu só dormia duas ou três horas. O sol ainda está forte e o ar está denso, pois o tempo nublado ainda não desapareceu completamente. Culpei o sol pelos meus pesadelos, mas minha dor de dente é maligna em minha mandíbula e provavelmente foi a causa básica deles. Isso e a reflexão dos últimos dias.

Sempre me surpreendeu como outras pessoas conseguiam recordar sonhos com aparente clareza. Às vezes consigo me lembrar de uma cena ou parte de uma sequência de um dos meus sonhos, mas nunca da totalidade deles. Não me lembro agora como começou o sonho de hoje. Havia um vórtice no qual eu girava e girava e me sentia tonto a ponto de enjoar, um efeito que a rotação sempre teve em mim. Essa parte do sonho ficou. Estava na água, mas ainda havia a sensação de queda e respirar não era problema. Passei por muitos espectros que me olhavam com curiosidade através da parede do vórtice. Eles estavam fixados ali como se eu estivesse dentro de uma garrafa, uma enorme garrafa de vidro, e eles estavam em palcos do lado de fora. Tenho a impressão de que eram em grande número, mas não consigo me lembrar de todos. Eu vi Hugo, eu acho.

Monique também, nua e bulbosa em meio ao redemoinho; ela apareceu muitas vezes. Senti que ela estava tentando me dizer alguma coisa. Eu me senti terrivelmente doente. Outras pessoas também. Eu os conhecia naquela época, mas eles não permaneceram. Minha boca parecia grande; Eu tinha uma boca enorme e sorridente com longas presas, muitas, muitas presas. Eu era outra pessoa olhando para aquela boca assustadora. Era a boca de um cachorro e eu estava correndo na água espessa. Havia matilhas de cães, todos com aquelas bocas terríveis, todos me perseguindo. Eu só conseguia correr devagar nas mãos derretidas da água. Havia uma porta. Empurrei-o e ele abriu como se eu estivesse empurrando uma câmara de óleo. Era uma porta circular e, ao abrir, um anel de dentes se dobrou em seu perímetro. Acordei então, com um terror palpitante e pegajoso enquanto o suor me sufocava à luz do sol.

Estou na sombra agora, mas o ar está opressivo. A náusea do sonho ainda está comigo. Não posso mais escrever.

* * *

Devo *ir* novamente para o Reef Four. É imperativo que eu derrote o terror que estrangula meu espírito como uma trepadeira insidiosa. Tive outro pesadelo esta manhã. Não me lembro bem, mas houve uma sequência de amputação de membros – os meus membros – com uma grande serra de arco. O tubarão era pequeno e eu tinha apenas um leve medo dele na água. Devo me lembrar disso. O pavor permeado em mim agora é de minha própria criação. Os fantasmas são da minha mente. Se posso criá-los, certamente poderei apagá-los.

As nuvens se foram e o mar está calmo. Posso ver o outro lugar com bastante clareza hoje. É tão evidente que me surpreende que alguma vez tenha esquecido isso.

“É uma fantasia sua”, diz o velho.

“A fantasia é sua”, diz Monique.

'É a sua fantasia, é a sua fantasia, é a sua fantasia', eles cantam juntos.

Mas não é minha fantasia. Eu posso ver isso. Também posso ouvir a música. Agora vou ouvir. Mais tarde nadarei.

Mais uma vez não consegui chegar ao Recife Quatro. Desta vez não foram os fantasmas que me forçaram a recuar, embora eles estivessem lá e eu estivesse apavorado. Foi a corrente que me venceu. Estava forte hoje, não tão forte como no dia da provação, mas forte demais para arriscar a chance de uma segunda provação. Mergulhei e espetei um peixe no fundo arenoso, técnica que realmente aperfeiçoei. O peixe é de um tipo que me é estranho, nunca apanhei igual ; maior e mais plano do que o habitante habitual do fundo. Já está quase escuro e o peixe está deitado na areia olhando para mim, os olhos grandes e esbugalhados, luminosos na luz oblíqua. Eles me lembram olhos de sapo. Eles estão fixados em mim. Há malevolência neles.

— Sinto muito por ter matado você, peixe — digo, mas ele não responde. Há um movimento das guelras como se ele não estivesse totalmente morto. — Você está morto, não está? Eu pergunto. — Espero que você não esteja sofrendo aí,

deitado tão quieto. Mas sua boca não se move, então você não consegue respirar. Ele olha para mim com firmeza.

Ele tem escamas muito pequenas, marrons e invariáveis, de modo que tenho que olhar com atenção para distinguir umas das outras, mas elas brilham, refletindo os últimos e cansados raios do sol poente. Sua barriga é bastante branca por baixo, como a maioria dos peixes de fundo, embora eu só consiga ver uma faixa dela agora, e o buraco onde a lança surgiu deve ter tingido a brancura, contornando as escamas de rosa e tornando a areia escura abaixo dela. como o buraco em suas costas, totalmente preto agora, parecendo um remendo preso. Ele tem uma cabeça triangular que se projeta um pouco mais alto do que o resto do corpo, de modo que os olhos de seu sapo se projetariam quando ele se enterrasse no fundo do mar. Ainda posso vê-los quando o dia finalmente e inaudivelmente parte. Há pouca mudança de luz, pois a lua já está alta. Eu pude vê-lo no leste muito antes de o sol se pôr.

O peixe continua a olhar para mim. Não consigo ver a malevolência na luz mais suave da lua. Nós nos encaramos. Há uma relutância em mim em movê-lo. Uma sensação estranha surge com o início da noite. Existe um vínculo entre mim e este peixe que matei. Há algo de belo em sua pose na areia sombreada, alguma propriedade de sombra e forma que me agrada, que faz parte do vínculo. Está morto, mas o seu espírito, a sua alma, não deixou de existir com a sua morte física, ainda não. Tem uma força, uma força muito suave e estética, e isso também faz parte do vínculo. Seu espírito se instalou em mim, ele se apega ao meu próprio espírito para manter por mais algum tempo a percepção do ser.

'Fish, eu não deveria ter matado você.' Seus olhos são enormes. A lua está encoberta e o peixe se funde com suas sombras. Apenas seus olhos são distintos, grandes bolas de malignidade úmida. O clima mudou. De repente, o relacionamento evaporou. Eu doce. Minha vontade está naquele suor, vazando de mim. Por que não me levanto e me livro dessa mortalha enjoativa? Mas o vínculo permanece, ligando-o a mim. A sensação ainda está comigo, embora sua natureza tenha mudado, e minha vontade seja apenas calma.

* * *

Perdi contato com toda a realidade então. Parei de escrever e, ao lembrar disso, me pergunto como escrevi tanto. É claro que havia mais tempo envolvido do que a própria escrita absorvida. Foram longos períodos apenas olhando para os peixes numa espécie de mesmerismo mútuo, e depois senti uma tristeza e depois veio a comunhão, logo após o fim do dia. Foi algum tempo depois disso que o mal veio.

Os olhos dos peixes foram ficando cada vez maiores, olhos encapuzados com apenas escuridão abaixo, como as cabeças dos monges, encapuzados na escuridão. Eu podia sentir a malevolência como uma pressão. A lua havia desaparecido. Os olhos eram avassaladores. Coloquei os braços sobre a cabeça e rolei. Tenho a impressão de que estava gritando: 'Vá embora, vá embora!' Fiquei algum tempo deitado com a cabeça na areia, enterrada debaixo dos braços. Meus braços eram meu escudo. Eu sabia que, se os levantasse, a escuridão espessa estaria à minha espera. O som do mar começou a invadir meus sentidos acima

do meu ser flácido e murcho. Forcei-me a ouvir, a concentrar-me naquele som, a excluir da minha consciência a malevolência que me aguardava. Olhei por baixo dos meus braços. O peixe ficou ali, com a boca a um braço da minha. Ele sorriu. Eu vi os dentes; fileiras gêmeas de dentes, pingando muco, o limo conectando as fileiras com fitas entre as mandíbulas. Mandíbulas abrindo cada vez mais. Fileiras e mais fileiras de dentes. O peixe se debatendo na areia. Uma monstruosa extensão preta, barbatanas como cimitarras.

De manhã era simplesmente um peixe morto. Peguei-o e joguei-o no mar. Esse ato e esse registro da experiência permitiram que uma certa dose de razão acalmasse meus nervos. Mas não foi apenas um sonho ruim. Eu vivi isso, acordado, atento e consciente.

“Foi uma alucinação”, diz Muller. Fico feliz com sua companhia, mesmo que suas palavras sejam perturbadoras. Entendo como minha solidão estava afetando minha mente com a projeção de espectros como Muller e Deirdre, dando-lhes substância e voz, mas isso não é loucura; a compreensão disso o mantém dentro dos limites da sanidade. O peixe era algo diferente, embora estivesse claramente relacionado com o tubarão.

— Estou tão perto da loucura, velho?

'Loucura é um termo comparativo. De onde você tira suas comparações?

Sempre o professor, sempre a dialética.

“Não seja evasivo, Muller. Li sobre os sintomas da loucura; Não preciso de comparações.

'Mas a sua leitura tem sido num enquadramento social, as suas observações relativas à sociedade.' Ele está de camisola. Acho esse vestuário muito reconfortante, de alguma forma, e preciso de garantias hoje.

'Sim, claro que não importa se eu enlouquecer aqui, sozinho, sem ninguém para avaliar minha sanidade. Mas quando o resgate chegar , não quero ser considerado um maníaco tagarela.

'Resgatar! Você ainda acredita em resgate, então?

'Sim. Sim eu faço. Eu tenho que. Veja aquela outra ilha ali, tem gente naquela ilha. Um dia um grupo virá aqui.

'Que ilha?'

'Aquela ilha ali, de onde vem a música.' Vejo isso tão claramente esta manhã, um pedaço definido de terra interrompendo a extensão do mar.

Müller olha. Ele diz: 'Se você vir uma ilha lá, então existe uma. Se você ouve música, então há música.'

'E se eu visse um peixe monstro durante a noite deitado na areia, então havia um peixe monstro.'

Ele olha para mim, sólido e penetrante, não uma ilusão. Ele diz: 'Mas foi apenas um peixinho que você jogou no mar esta manhã.'

* * *

Estou esperando para ir ao Reef Four, mas a corrente persiste. Estou convencido da atualidade. No entanto, chegar ao Recife Quatro tornou-se um objetivo tão importante para mim agora que os fantasmas são certamente insignificantes. Mergulho e nado com muita da minha antiga confiança nos recifes mais próximos

e ontem dormi tranquilamente. Não houve pesadelos, nem alucinações. É como se a noite do peixe monstruoso fosse o clímax de uma obsessão. Eu era covarde e fraco, mas apesar de tudo havia uma coisa em que me agarrar, pois minha mente estava sempre procurando compreender; e assim, finalmente, sinto uma sensação de vitória. Ontem à noite, então, apagada a obsessão, a música voltou. Parecia tão perto, tão agudo, que fui obrigado a gritar. Se eu posso ouvi-los, certamente eles podiam me ouvir. Isso é tolice, claro; a música chega até mim com o vento, um vento que imediatamente dispersaria minha voz na direção errada. Mas eu gostei da noite. Deirdre veio e dançou para mim por um tempo nos espasmos do luar, mas ela saiu tão rápida e magicamente quanto veio. Ela foi simpática, mas eu prefiro a música.

Por que não consigo falar com ela como faço com Muller? Será porque não vejo as mulheres como criaturas cerebrais? Claro que sim , alguns deles, embora meus amantes nunca tenham sido particularmente assim. É por isso que raramente os considero sob essa luz? Essa é uma terrível admissão de intolerância, mas refletindo agora sobre meus relacionamentos passados com mulheres, carnais ou não, vejo que minha intolerância é quase verdade. Essa intolerância é um erro comum a todos os homens ou é uma característica especial minha? Todos os homens veem as mulheres sob uma luz puramente física? Parece-me que, quando sou apresentado recentemente a uma mulher, embora a possibilidade de um caso com ela possa ser remota, ainda assim teria tendência a vê-la num contexto físico. As mulheres percebem isso? Suponho que sim. Deirdre não representa nada para mim além do desejo carnal. As mulheres são muito mais do que isso, e o raciocínio sabe-o, mas há algo mais enraizado no homem do que a razão, uma síndrome dominante que tem pouca relevância numa sociedade educada. Isso explica em parte a razão pela qual as minhas recordações das mulheres da minha vida são mais fotográficas do que substanciais, imagens que revelam pouco das complexidades da personalidade por baixo do registo plano das características físicas. É por isso que não consigo falar com Deirdre, pois ela reflete verdadeiramente a minha atitude em relação às mulheres. Não consigo alcançá-la como não consegui alcançar a essência de nenhuma das minhas mulheres. Meus relacionamentos eram fundamentalmente chamados da carne; não totalmente desprovido de emoção; na verdade, a emoção era por vezes intensa. Vejo, porém, que as pessoas, e não apenas as mulheres, são mais do que meros impulsos físicos, por mais que as emoções estejam entrelaçadas com esses impulsos. As pessoas são vítimas da evolução, vítimas do ambiente, vítimas da educação, vítimas da sua hereditariedade, vítimas da herança primordial e também vítimas da idade em que nasceram. personalidade.

“As características físicas são igualmente importantes”, diz meu mentor com sua voz suave e branda. Ele fica parado perto da maré, molhando a barra da camisa de dormir. 'Considere a ideia de beleza. Aqueles dotados com isso recebem confiança junto com suas características.'

'Bem, eu consideraria a beleza parte de sua herança genética. Além disso, a beleza é uma coisa de moda e de opinião. O que pode ser considerado belo numa época e numa sociedade não é necessariamente tão classificado noutra.'

'É verdade, mas tem que ser julgado pela época e pela sociedade em que existe. Pode quebrar os grilhões da vida através da sua própria excelência.'

— Sim, mas não mais do que qualquer outro dom, talvez menos do que a genialidade. A beleza é apenas um detalhe; Aceito que isso dá confiança e, portanto, afeta a personalidade de uma forma pequena, mas a confiança por si só não é grande coisa; nem a beleza nem a confiança podem afetar os padrões genéticos. Eles não permitem controlar a coragem, o temperamento ou os reflexos, e a personalidade é muito mais uma questão de coragem, temperamento e reflexos. É formado pelos traumas da infância, pelas lutas da adolescência, pelas oportunidades, pelas circunstâncias, pelo temperamento e, acima de tudo, pela ancestralidade.

“É composto de egoísmo, nada mais, nada menos”, ele retruca, afastando-se da água e sentando-se logo abaixo de mim. Muller mudou recentemente. Ele é certamente menos pedante, mas também mais enfático.

'Esse é o efeito do instinto primário de sobrevivência, o elemento que transformou a química em vida.'

'Sim. O homem não pode ser de outra maneira.

Não sei se aceito isso totalmente. Observo o velho, ainda ali, enrugado em camisa de dormir.

Eu digo: 'Não é possível ensinar ao homem o controle de seu egoísmo inato?'

'Isso nunca é considerado. Líderes, professores, governos nunca tomam decisões com base nas características das pessoas que controlam, mesmo que alguns deles reconheçam os elementos de carácter. As decisões são determinadas pela ideologia ou pela conveniência, sem considerar a reação humana.'

'E você? Você era professor.

Ele olha para mim com aqueles olhos úmidos naquele rosto enrugado e percebo que esse espectro não é Muller. Ele nunca foi Muller. Ele é apenas o reflexo do preconceito em mim, do preconceito e da confusão. Ele é o composto da minha mente subconsciente. “Nunca pensei nisso”, diz ele.

' Portanto, minha atitude egoísta em relação às mulheres vem tanto da minha educação, ou das falhas dessa educação, quanto de uma marca antiga em minha psique.'

'Não culpe a educação. Sua atitude foi estabelecida gerações antes de você nascer; está nos genes da sua alma.' É uma afirmação terrivelmente poderosa vinda de uma forma tão murcha.

— Sou igual a todos os homens, então?

'Por que não?'

'Porque a educação desenvolve atitude – educação e exemplo. Estes devem sobrepor-se e suprimir as características genéticas. A dotação genética é apenas um fator na formação de um caráter, embora seja, reconhecidamente, forte em sua influência.'

'Em última análise, é o dominante.'

— Então é uma sorte que o homem raramente tenha de enfrentar uma análise final.

'Alguns dizem que ele terá que enfrentar isso após a morte.'

Não suporto o velho quando ele faz declarações tão complicadas. Ele sabe disso e não há necessidade de dispensá-lo. Quando olho para cima novamente, ele não está lá. Não é certo culpá-lo, no entanto. Ele está simplesmente refletindo os clichês da minha educação. Fui criado no conceito básico da existência de Deus. Inerente a esse conceito estava que chegaria um momento após a morte, quando o 'Grande Livro' seria aberto e os pecados da minha vida seriam pesados contra as boas ações; meu Criador me julgaria. E embora eu já tenha descartado há muito tempo esse retrato absurdo da análise final, o poder de tal ensinamento em uma mente jovem deixou seus escombros. Detritos que distorcem constantemente a pureza de qualquer outra corrente de pensamento. A filosofia do homem deve ser uma amálgama de clichês, tão híbrida quanto o próprio homem. Temo não poder escapar dessa herança social, assim como não posso escapar da herança primordial.

* * *

Dez dias se passaram desde a última vez que rabisquei palavras com meu lápis cada vez menor. Dias de alguma chuva, algum vento, muito desconforto, duas partidas de xadrez e uma viagem ao Reef Four. Isso foi há dois dias. Não havia tubarão e apenas uma inquietação persistente no lugar dos fantasmas. Fui lá novamente hoje. É difícil expressar o que o lugar significa para mim. É minha principal fonte de alívio da monotonia sem fim. É um lugar sublime com uma beleza que é mais do que apenas consolo para a minha alma, embora esse seja o seu maior benefício. Tem uma beleza em constante descoberta; porque sua beleza é orgânica, ela nunca mais poderá ser a mesma; e às vezes é claro quando a luz do sol é forte e a água é límpida, e às vezes é fantasmagórico, sombrio e irreal, como caminhar por uma floresta no crepúsculo; e muitas vezes é um jardim de cores em movimento, rodopiante e mutável, quando as algas mudam de marrom para verde nas ondas da corrente e os peixes brilham em movimentos repentinos, e cardumes de peixes giram e giram e giram novamente em uníssono mágico como uma orquestra dirigida. Então é mesmo um lugar de magia, de encantamento.

Depois desses dias, inevitavelmente há noites de música. Este dia foi um dia assim, e esta noite haverá rapsódias. Eu vi luzes na ilha. Ali, tão perto, tão perto, estão as delícias da sociedade. A música será tangível; haverá garotas bonitas em vestidos bonitos; haverá perfume e vinho, livros e quadros e flores. Ah, eu adoraria segurar uma flor e adoraria sentir o cheiro da grama. Quero deitar na grama, enterrar o rosto no verde, verde, verde dela, andar descalço e sem meias no orvalho. Acho que gostaria disso tanto quanto dos braços de uma mulher. Idealmente , eu gostaria de me deitar na grama – grama alta, como acontece antes do feno ser cortado – entre os braços de uma mulher, entre as pernas de uma mulher, entre o cheiro e o calor e os cabelos e os seios de uma mulher. mulher, com a grama ao redor, e ouço os sons de uma campina: as abelhas e os grilos e o correr das pequenas coisas. Sinto falta dos prados. Aqui não tenho uma folha de grama para construir um sonho, só a areia e uma árvore esquelética e, lá em cima, folhas de coqueiro. Eles são verdes, definitivamente verdes, mas não

o verde de um prado, não o verde profundo e brilhante da grama na primavera, os hectares de verde que fazem os homens pararem e olharem e beberem. pastagens, uma espécie de devaneio, uma vontade de passear e ajoelhar-se e sentir a grama, um contentamento, uma síndrome que direciona multidões urbanas para o campo nas pausas das vidas no asfalto. É uma necessidade incompreendida e além de qualquer análise. É uma necessidade que o verde anêmico e desbotado das minhas folhas de coqueiro não consegue satisfazer.

Mas a fruta está inchando de forma mais satisfatória.

* * *

Houve outra tempestade, um ataque terrível por mar e vento; um mar terrível e revolto, ondas imensas trovejando como punhos gigantescos e furiosos, empurrando a ilha de volta às profundezas; e o vento uivando, me arrasando, arrasando as árvores, arrancando o telhado do meu abrigo, enquanto eu permanecia encolhido entre as paredes, segurando a aranha na mão em concha. O vento gritou com raiva talvez durante três quartos do dia e metade da noite. O mar está batendo forte agora, menos selvagem, mas ainda violento. Estou completamente molhado pela chuva e pelo mar, e neste momento estou desanimado. Estou tremendo. Estou com dor de dente de novo e minha única comida é marisco cru. A tempestade destruiu meus planos do céu, meu jogo de xadrez e quase despojou a árvore de suas escassas folhas. As folhas das palmeiras são desfiadas. Mas vejo que os próprios cocos sobreviveram. Mesmo isso não me anima. Qual é a utilidade? Porque se importar? A tempestade me derrubou, me despiu como uma árvore estranha, apenas o imperativo primordial permanece. Nisso Muller está certo. Ainda existe em mim um germe de resistência que nem toda a minha razão, nem todo o meu desânimo poderão erradicar. Significa que sobreviverei, embora neste momento não me importe. Não muito.

Mesmo não se importar representa um problema. Não seria fácil precipitar a morte nesta situação. O afogamento não pode ser contemplado. Cortar os pulsos exige um tipo particular de coragem que certamente me falta. Passar fome seria muito lento e o processo duraria mais que a determinação. O envenenamento seria possível se eu conhecesse uma fonte suficientemente letal; sem dúvida existem espécies de peixes venenosos, mas quais e como capturá-los são questões insolúveis. Há alguma ironia nas minhas deliberações sobre o problema; Eu, que lutei tanto durante tanto tempo para viver, não consigo agora visualizar uma maneira fácil de morrer. Mas não quero morrer; é apenas uma especulação inútil – a herança primordial ainda brilha. Ainda assim, a ironia tem um certo humor irônico e isso ajuda a me tirar da depressão.

Tentarei acender uma fogueira. Essa é uma decisão que requer alguma resolução e algum sacrifício. Isso significará queimar algumas páginas deste livro, algo que tenho resistido a fazer desde que pisei pela primeira vez nesta praia inútil. E terei que queimar alguns dos galhos restantes da minha querida e profanada árvore. A madeira é verde mas queima bem e, com bastante calor, com certeza a alga vai pegar fogo. Agora está molhado e será necessário um fogo

muito quente para secá-lo. Esta é a minha resolução. Sei que algumas árvores podem não se recuperar, mas terei meu fogo. Assim que o sol aparecer.

* * *

Eu tenho meu fogo. A estranha árvore é apenas um esqueleto. A tempestade tirou suas folhas e eu tirei seus galhos. Não está morto. Lutou na sua própria determinação para não morrer através de muitas investidas do vento, através dos intermináveis dias de sol seco, sem água e com a mais frugal fonte de alimento, e sobreviveu. Mesmo agora, talvez, responderá aos impulsos da sua própria tenacidade básica e sobreviverá. Eu sou o mutilante . Eu sou penitente.

Mas eu tenho o maior incêndio já alcançado aqui. A alga, uma vez acesa, emite muito calor. Cozinhei um peixe, um caranguejo e uma lagosta. Isto é realmente um luxo, especialmente porque o tempo continua frio, o vento sopra e há humidade no ar – não propriamente chuva, mas sim uma humidade suspensa movida pelo vento. Porém, houve uma ou duas horas de sol esta manhã, o que me permitiu acender o fogo. Usei quatro páginas deste livro para atingir o brilho inicial. Agora estou fechado no calor. Os caprichos do vento sopram fumaça em meus olhos com bastante frequência, mas principalmente eu simplesmente sento-me confortavelmente e olho sonhadoramente para as brasas. Esta deve ser quase a ocupação mais antiga do homem nas suas horas de lazer, olhar fixamente para o fogo e permitir que as visões sonolentas tremeluzam como as chamas. Já o fiz muitas vezes, em momentos mais organizados e mais acompanhados, muitas vezes com o Hugo. Grelhávamos salsichas e cozinhávamos batatas nas cinzas. Fumaríamos e fazíamos arcos de luz com gravetos brilhantes na escuridão da floresta. Mas, na maioria das vezes, conversávamos juntos, em silêncio – conversas vagas e não registradas que tocavam levemente nossas sensibilidades – ou sentávamos em um silêncio agradável, cada um pensando sozinho, às vezes atiçando o fogo ou virando preguiçosamente uma lenha acesa. E os mantos do nosso silêncio individual fundiriam-se num reconhecimento tácito de companhia, num contentamento de presença e fogo no escuro.

Certamente este contentamento, este sentimento de segurança, é algo tão antigo na substância do homem que deve ser uma parte básica da sua alma. Deve estar relacionado com a conquista precoce de seu ambiente. Sem armas naturais, apenas com pedras e paus para desencorajar os predadores, o controle do fogo deu-lhe possivelmente o maior salto em direção à supremacia de qualquer descoberta técnica de qualquer homem em qualquer época. Deu-lhe não apenas um meio superior de proteção, mas muito mais na capacidade de derrotar até mesmo as feras mais ferozes, até mesmo o urso selvagem das cavernas. Assim, a urdidura básica foi implantada em sua alma e, mais forte ainda, uma urdidura recíproca foi implantada na essência das feras, uma cautela em relação à criatura chamada “homem”. Assim , o homem senta-se agora, olhando preguiçosamente para o seu fogo, para a sua criação, para a sua posse e para a segurança de incontáveis progenitores, sentados diante dos seus fogos que se instalam confortavelmente e confortavelmente sobre os seus ombros.

“Você pensa muito sobre seus ancestrais”, comenta o espectro – hesito em chamá-lo mais de Muller. Ele toma o lugar de Hugo à minha esquerda, curvando os braços magros sobre os joelhos igualmente magros, a camisa de dormir puxada por cima deles.

— Suponho que seja minha solidão. Concentra a atenção em cada sensação que sinto; então surge a questão de por que me sinto dessa maneira particular, e as causas devem estar na hereditariedade.'

'Você parece ignorar, ou optar por não considerar, os efeitos de sua própria vida sobre esses sentimentos. Nem tudo pode ser ancestral.

«Esses efeitos são meramente efeitos sociais. Minhas reações agora estão mais profundamente enraizadas”.

Ele está esfregando as canelas para cima e para baixo com todos os dedos de cada mão, lentamente, balançando levemente enquanto faz isso. Minha mãe fazia isso, sentada diante do fogão da cozinha. Lembro que ela tinha uma série de círculos azuis nas pernas, causados pelo calor na pele. Suas meias marrons seriam enroladas até os tornozelos e o vestido puxado para cima como a camisola de Muller. Houve o mesmo movimento de balanço e os dedos deslizando para cima e para baixo em uníssono. 'Todos os instintos são uma forma de memória genética?' ele pergunta.

'Por que não? É um erro pensar que a herança é apenas uma questão de fatores físicos e mentais.'

“Sim, certamente é mais do que isso. Herdamos as características ancestrais e evoluídas da alma, desde o início de toda a vida até os dias atuais, e nossas heranças individuais são tão variáveis quanto nossos rostos. Mas a alma não é o receptáculo da memória.'

Não há muita chama no fogo agora, mas bastante brilho de brasa . As cores são ouro, preto, vermelho e laranja, e elas se movem e se intercambiam. O calor é bastante intenso. Muller, vou chamá-lo assim, fica esfregando as pernas. Seus dedos têm nós grandes e há giz sob as unhas. “A alma *é* de fato o receptáculo da memória se aceitarmos que a mente é parte da alma”, murmuro.

'Então seguir-se-ia que todas as coisas vivas têm uma mente.'

— Ah, certamente. Mas é uma questão de grau, não é? É também uma questão de conteúdo. Não devemos presumir que a mente humana seja o único padrão para a faculdade. Por que deveria ser?

'Uma árvore pensa?'

'Em termos da mente humana? Não, mas porque tem vida, tem outro fator além da química, tem alma e uma mente que, no nosso conceito fixo do que é a mente, não podemos compreender.

— E a memória?

'Não como o entendemos, mas de alguma forma, alguma parte de sua “vividade” deve ser memória. Há algo gravado em seu conteúdo genético que, ao longo de incontáveis eras de sua evolução, imprime o padrão de seu comportamento , de suas respostas às condições.'

O céu está particularmente negro esta noite. Não consigo ver a lua e apenas uma estrela bem no horizonte norte. O vento está diminuindo, mas ainda

ocorrem redemoinhos, agitando o fogo e criando chamas rápidas e saltitantes. A fumaça está fazendo meus olhos lacrimejarem. O velho parece imune a isso. Ele diz: 'Se a alma carrega a memória de geração em geração, por que não nos lembramos de tudo, desde o início do homem até agora?'

'Suponho que não existe a capacidade de suportar todos os incidentes sem sentido de vidas incontáveis e sem sentido. A herança primordial preocupa-se apenas com um imperativo. Somente as memórias que auxiliam seu motivo básico tornam-se parte dele, exatamente como funciona a evolução física. Seletividade, se quiser.

'A descoberta do fogo, por exemplo.'

— Ah, sim, mas não é tão simples, claro. Obviamente, a descoberta do fogo e os benefícios do fogo foram transmitidos através de um processo educacional através de inúmeras gerações. A mecânica disso não afetaria a alma. Mas as emoções por ela geradas, como segurança, confiança, contentamento, talvez até o sentimento de superioridade, foram esses os fatores que afetaram a evolução da alma. É esta memória, a emocional, e não a da consciência, que surge quando o homem se senta em volta do fogo.'

O fogo está diminuindo, implodindo e desmoronando pouco a pouco. Agora é pouco mais do que cinzas vermelhas na areia. Nossa conversa e a redação dela foram espasmódicas e, provavelmente, na realidade, nem sempre faladas. Durou mais de duas horas, eu acho. E essa é a maravilha de sonhar diante de um incêndio. Certamente eram as horas noturnas de tanto tempo atrás que exercitavam a mente ancestral. O homem é homem por causa do fogo. Deu-lhe status no mundo do predador, deu-lhe o potencial de superioridade e deu-lhe, finalmente e inevitavelmente, uma mente pensante.

Não posso ter outro incêndio. Não há mais sacrifícios a fazer.

* * *

Reef Four extraiu novamente de mim o pagamento. Eu transgredi e já paguei a pena. O Recife Quatro tem que ser um lugar inviolável, essa era a minha regra, a minha autoimposição. Desviei-me dessa imposição e sofri por causa disso. Esse sofrimento deve ser considerado uma retribuição. O mergulho de volta à costa foi uma angústia, não a resistência estúpida da minha provação anterior, mas pura agonia física e a resistência necessária para suportá-la. Nenhuma delícia está disponível nesta Terra sem um preço; considere o amor, considere as crianças, considere as alegrias do esporte. Reef Four também tem seu preço.

Eu realmente não precisava da lagosta, mas ela era especialmente grande e fiquei tentado. Então eu mergulhei. Ele me evitou como costumam fazer ao ar livre e, com um ou dois movimentos de seu abdômen, desapareceu em uma fenda. Notei o local, voltei à superfície para respirar e mergulhei novamente. Ele ainda estava na fenda, recuando e balançando as antenas. O recife é um lugar tão tranquilo que é permeado por uma sensação de paz completa, uma serenidade; além de um tubarão, nunca houve qualquer indício de perigo; a cautela natural é sublimada. Não há hostilidade aí, e mesmo agora acredito nisso. Eu era um agressor. Eu me intrometi e o recife reagiu. Foi puro descuido, na

verdade. Enfiei minha mão esquerda na fenda sem sequer tomar o cuidado de examinar os nichos ao redor.

O movimento foi tão incrivelmente rápido que, embora eu visse minha mão o tempo todo, não vi o ataque da enguia. Estava ali, de repente, com os dentes enterrados na minha mão, debatendo-se, torcendo e dilacerando meus tendões, uma coisa grossa, verde e contorcida, coberta de manchas escuras, e o sangue escorria, também verde naquela profundidade. Foi uma dor como a dor do fogo. Eu me sacudi repetidamente antes de libertar minha mão e me chutar para a superfície. Não foi possível estudar o ferimento na água. O sangue corria livremente, agora vermelho na superfície, e agarrei o pulso com a outra mão para tentar detê-lo. Olhando para a fenda, não consegui ver a enguia. Comecei a nadar até a costa usando apenas as pernas, ainda segurando o pulso, mas o sangue continuou a fluir e a dor foi ficando cada vez mais intensa à medida que o choque inicial passava. Havia uma corrente atravessando a área arenosa, não muito forte, mas eu precisaria usar os braços. Senti uma grande relutância em soltar meu pulso, como se aquele aperto estivesse salvando minha força vital de se esgotar. Eu deixei passar, porém, forçando o bom senso a assumir o controle. No início , nadei com a mão ferida enfiada na axila do braço direito, mas isso tornou a natação muito difícil e consegui muito pouco para ajudar a mão. Foi necessário usar os dois braços e deixar o sangue fluir.

Como posso descrever esse mergulho? Apenas em termos de agonia. Eu tive que aguentar, não tinha outro jeito. O braço sofredor estava fraco e no final pouco ajudou. Foi uma dor derretida. No entanto, eu suportei isso, de alguma forma, e a distância foi finalmente percorrida. A essa altura o sangramento havia parado. Sentado na praia, novamente segurando meu pulso e gemendo como se a fuga do som pudesse aliviar a dor, examinei o dano. Minha mão esquerda está gravemente rasgada, muito inchada agora, mas na praia pude ver os tendões arrancados. Ele lateja continuamente e não consigo mover o braço, mas com cuidado ele não deve sangrar novamente, embora a carne esteja tão esfarrapada que fico surpreso que o sangue tenha parado. É preciso costurar, é claro, mas essa ação está além da minha capacidade. Com o tempo, suponho que sarará, tal como está, com a carne retorcida e o formato da minha mão distorcido para sempre . Coloquei-o em uma tipóia feita com minha camiseta para não bater durante o sono. Duvido que durma muito por um dia ou dois.

* * *

Esses escritos têm sido uma grande fonte de ocupação para mim, bem como um meio de acalmar as ondas da fantasia, um consolo e um bálsamo para emoções instáveis. Eles pretendiam sempre ser nada mais do que um registro pessoal de minhas ações e pensamentos nesta solidão total. Mas ultimamente sinto que estou escrevendo para alguém, para alguma pessoa íntima que vai entender, sem a menor noção de quem possa ser. É como se eu estivesse tentando dizer a essa identidade desconhecida algo que é necessário contar, e isso, claro, é uma vaidade. No entanto, o sentimento existe e tornou-se quase uma parte central da minha atitude em relação a esta crónica. Também representa, talvez, o meu primeiro reconhecimento consciente de que vou morrer aqui. Este disco assumiu

um valor imenso para mim, quase vital. Quero que sobreviva, ainda que não, como está, com a sua vergonha e as suas confissões íntimas, mas também com os seus pequenos triunfos e as suas meditações duvidosas. Posso ver a outra ilha ali , com bastante clareza. Vejo que tem palmeiras, mais que aqui, e outras vegetações. Acho que posso discernir edifícios. À noite há luzes e sempre música. Mas se eu morrer antes de eles virem para cá , quero que encontrem este disco.

Pensamentos sobre a morte me ocupam, mas não de forma tão mórbida quanto minha obsessão pelo tubarão. Minha mão está doendo muito. Está infectado e o veneno inchou não só a mão, mas também o pulso. O pus escorre e congela ao redor das feridas. Às vezes eu vomito. A comida não é fácil de conseguir agora, pois não sei nadar, então a doença é provavelmente tão repugnante ao marisco cru quanto o próprio efeito da infecção. Tenho que andar em águas rasas para pegar os mariscos. Faço isso com suor, tontura e náusea, o pulso latejando e as pernas sem força, mas é necessário, pois não há outra fonte de alimento. Meu braço esquerdo, é claro, é inútil, e a axila contém o enorme caroço de uma glândula distendida. Sinto que um ou dois cocos estariam prontos para abrir; seria prematuro, mas o líquido deles certamente seria benéfico. Meu corpo precisa de nutrição ou a infecção se estabelecerá com muita força. No entanto, não posso subir nas árvores, então posso apenas olhar para cima e pensar sobre isso. Parece, então, que, a menos que a infecção me mate pelo seu próprio ataque, poderá fazê-lo privando-me da capacidade de me alimentar adequadamente. Estes são meus pensamentos sobre a morte. Estou calmo e resignado enquanto escrevo sobre isso. Só espero que não haja muita dor.

* * *

Há muita dor. Oh meu Deus, como posso suportar isso? Todo o meu braço esquerdo e ombro latejam sem remorso. Eu não durmo; dormir simplesmente não é possível. Eu não posso comer. Bebo muito, tanto, que logo devo esvaziar meus reservatórios. Não consigo escrever nada bem, meus lápis são rombos e é impossível afiá-los com uma só mão; até mesmo manter o papel em posição é uma façanha de vontade, mas devo registrar o que puder.

Não é como a infecção anterior; está se comportando de maneira bem diferente. Meu cérebro permaneceu limpo, embora eu desejasse que fosse de outra forma. A inconsciência seria uma bênção. Também não há febre alta, apesar de um claro mal-estar e de uma fraqueza nos membros. Consigo ficar de pé, mas é uma ação de determinação mental tão exigente que prefiro rastejar com uma das mãos e os joelhos até os locais para beber. Essa é a minha única atividade, caso contrário permaneço imóvel. Quando o tormento terminará?

Não posso mais escrever.

* * *

Cinco dias. A angústia acabou. Ainda estou dolorido e muito fraco, mas a infecção certamente desapareceu, e o milagre da recuperação está além da minha compreensão. Minha mão dói e não consigo mover os dedos, mas consigo dormir. Adormeci ontem – já passava do meio-dia – e só acordei no meio da manhã. Logo comerei alguma coisa, não muito, porque me falta confiança no

estômago, mas um pouco, e depois, se tiver vontade, pego um coco. Então, novamente, a morte me negligenciou. Ele provavelmente não sabe que estou aqui. Afinal, este é um lugar esquecido.

* * *

Os cocos verdes são bastante doces. Estão cheios de líquido e não têm carne. Não há necessidade de descascá-los: a casca é macia aos olhos e a bebida é muito mais fresca que a água das piscinas. Colhi apenas um, mas também comi entranhas de ouriço-do-mar. Não me tinha ocorrido anteriormente que os ouriços-do-mar pudessem ser uma fonte de alimento, mas na verdade são bastante suculentos. Os ouriços-do-mar são criaturas singularmente espinhosas e sempre me esforcei para evitá-los. Algumas áreas dos recifes rasos estão repletas deles, mas foi o puro acaso que me levou a comer um. Eu tentei nadar esta manhã - na verdade, mais uma caminhada curvada à beira do mar usando a máscara. Tentei levantar uma pedra com um abalone preso, mas meu braço esquerdo ainda está fraco e soltei a pedra. Caiu sobre um ouriço, esmagando-o. Dentro dele havia um fluido amarelo espesso, exatamente como creme. Em poucos segundos o fluido estava sendo atacado por peixinhos, alguns vindo rapidamente dos limites da minha visão para participar do banquete. Muito em breve o ouriço-do-mar não passava de uma concha quebrada; nenhum vestígio do fluido amarelo permaneceu e os peixes se dispersaram.

Então, peguei para mim um ouriço-do-mar em vez do abalone, com cuidado, mas descobri que, se manuseado sem pressão, é possível pegá-los com pouco risco de perfurar. Em terra, quebrei os espinhos, abri a caixa e retirei o líquido com uma casca de mexilhão. Houve uma pequena hesitação antes de comê-lo, mas achei muito gostoso e meu estômago não rejeitou. Agora há um pouco mais de variedade no meu cardápio limitado e na minha existência. Devo investigar outras fontes de frutos do mar. Talvez as estrelas do mar sejam comestíveis. E as próprias algas marinhas? Lembro-me de ter lido que há pessoas que comem algas marinhas. Também há lulas e polvos na água, e sei que podem ser comidos, se eu conseguisse inventar um método para capturá-los; eles se movem muito rapidamente.

Acho que vai chover. O sol brilhou livremente nos céus imaculados durante minha doença, mas agora há nuvens se acumulando. Poderei fazer minha dança da chuva; Estou em forma o suficiente para isso. A dança da chuva não deve nada à ancestralidade ou ao impulso genético; é um ato consciente de ritual deliberado, mas ainda assim considero profundamente satisfatório. Sei que muitos povos em todo o mundo realizam danças da chuva – índios americanos, algumas tribos africanas, os aborígenes da Austrália, nativos da Birmânia, da Malásia e de outras terras asiáticas – por isso deve haver algum impulso universal associado à chuva; Já ouvi dizer que algumas espécies de macacos também fazem a dança da chuva, mas seja qual for a origem do seu comportamento , a minha dança não tem ligação com isso. A minha é uma cerimônia calculada, uma performance distintamente cerebral; Peguei emprestada apenas a ideia. A ideia, na verdade, deve ser muito antiga, mas a tradição foi transmitida de geração em geração apenas pela educação; não tem valor de sobrevivência, portanto não se

imprimiu na alma do homem. O homem moderno certamente não sente nenhum impulso de realizar giros rituais, seja para fazer chover ou para comemorar sua chegada. Também não senti tal impulso. A criação da minha dança dependeu inteiramente do alívio do tédio. O início da chuva serve apenas para lhe dar sentido. É uma performance saltitante, estridente, sensual, feita nua e com o frio da chuva que começa cortando a pele. A pele se contrai e uma sensação de liberação me preenche. Canto e choro no limite da minha voz. Salto e corro como se estivesse pulando cercas; Ajoelho-me na areia e jogo os braços e o rosto para o céu derramado; Eu empino, giro e arqueio meus quadris para a frente, masculino e túmido, cada vez mais forte à medida que o frenesi cresce. Algo primitivo me prende então, induzido pela dança; nunca o solicita, mas assume o controle e eu deixo de bom grado. Perco então o registro consciente do que estou fazendo. Há pratos e tambores e cantos nas sombras. Há cheiro de suor e órgãos genitais, e tontura. Há cabelos balançando sobre mim. E vozes, lamentos, gritos e gritos em meus ouvidos: 'Sim, sim, sim...'

Até que a vertigem me deixa doente e eu caio amassado e exausto. E eu sou um homem quieto e chorão, chorando por causa da minha solidão. O ritual acabou e a chuva cai sobre mim.

Mas ainda não está chovendo e não dançarei até que caiam as primeiras gotas.

Por que o homem não tem mais proteção contra a chuva? Por que ele não tem pêlo como outros mamíferos? Os macacos têm pelos. O homem tem uma ridícula superabundância de cabelos na cabeça, como se a natureza tentasse compensar sua nudez deixando crescer um casaco em sua coroa. Se houvesse um antepassado comum aos macacos e ao homem, ele tinha cabelos como os dos homens ou pelos como os dos macacos? 'Muller, você está aí? Você pode responder a esta pergunta?

'Eu nunca te ensinei essas coisas.' Muller se acomoda confortavelmente na areia, enfiando cuidadosamente a camisola sob as pernas magras. Evidentemente não há pontificações hoje.

“Deve ter havido um significado evolutivo no fator nudez”, penso. 'Sem pele, o homem certamente teria sido levado a caçar, não é?'

'Pode haver algo nisso. Outros primatas não caçam.

O velho está realmente sendo extremamente agradável.

Continuo: “Quanto mais se tornavam os progenitores do homem pelado, mais eram obrigados a caçar; não para comida, porque os primatas podem viver muito bem sem carne, mas para roupas. É por isso que os outros macacos permanecem basicamente vegetarianos. Seus antepassados nunca foram incentivados a caçar.

' Assim, o consumo de carne evoluiu simplesmente como um subproduto de uma necessidade inicial de cobertura corporal.' Ele fala bem hoje, sem babar, as palavras claras e precisas, tal como me lembro dele. — Está tudo muito bem, mas tenho uma objeção. Sinto-me tão presunçoso em minha teoria que sinto um ressentimento automático diante de qualquer sugestão de que haja uma fraqueza nela.

'O que é isso?' Eu estalo.

'Naquele estágio da evolução humana, este hipotético antepassado não tinha as ferramentas para remover a pele dos animais, mesmo que ele tivesse as armas para matá-los, em primeiro lugar.' Velho idiota. Mas ele tem razão. Estou comovido em defender o conceito.

'Não poderia uma tropa deles ter estripado sua presa? Eles poderiam ter atacado um antílope, digamos, com paus e pedras. E depois de matá-lo, os dentes não eram grandes o suficiente para rasgar a pele?

"É a sua teoria." O velho tolo não está aceitando isso. Ele sempre teve atitudes pedantes.

"Se eles eram avançados o suficiente para caçar, então eram avançados o suficiente para remover as peles", insisto. Mas ele está em silêncio. "Essa pode até ter sido a origem da fabricação de ferramentas", continuo, entusiasmando-me com todo o tema agora, à medida que uma gama de possibilidades começa a se abrir.

Mas não há mais tempo para explorá-los, pois neste momento as primeiras gotas de chuva caíram sobre as minhas palavras rabiscadas e devo fazer a minha dança da chuva.

Nota do editor

Neste momento do diário faltam páginas – as últimas páginas do livro, na verdade. Só se pode presumir que sejam as páginas que ele usou para acender o fogo, mas como faltam mais do que as quatro que ele afirmou, é provável que ele tenha usado outras para fazer um fogo posterior. Não é mencionado. A partir deste ponto da narrativa, a cronologia está sujeita a alguma interpretação, pois a maior parte da escrita está em torno das bordas das páginas já utilizadas, e há pouca orientação para a continuidade além do sentido dela. A escrita é apertada e muitas vezes borrada, como se os lápis fossem usados até o limite da franqueza. Só podemos imaginar o tédio deste método de escrita. Infelizmente, grande parte é repetitiva, mais um registro do que foi comido e das condições climáticas do que um relato de comportamento . Houve outras viagens, aparentemente sem intercorrências, ao Reef Four, embora uma digna de nota esteja registrada; mais conversas com seu professor espectral, nem sempre decifráveis devido a alguns danos sofridos nas bordas das páginas; e parece que ocorreu outra tempestade selvagem, mas mais uma vez grande parte desta seção é indecifrável. Assim, necessariamente, algumas edições tiveram que ser feitas nesta última parte da crônica. No entanto, salienta -se que foi tomado um cuidado escrupuloso para não alterar a natureza essencial da escrita. Na verdade, nenhuma palavra do escritor foi alterada, embora algumas suposições tenham sido feitas e muitas repetições tenham sido omitidas.

Na verdade, a menos que alguma escrita tenha sido arrancada com as páginas faltantes, ele escreveu muito pouco durante um período que parece ter durado algumas semanas, porque sua próxima série de verbetes registra um uso regular de cocos.

Meu abrigo agora está tão completo quanto minhas ambições exigem. Tem cerca de um metro e meio de altura e um metro e oitenta de comprimento, aberto nas duas extremidades, embora eu possa fechar qualquer uma das extremidades com uma veneziana de folhas de palmeira trançadas, dependendo da direção do tempo. O telhado está quase à prova de chuva agora, uma combinação de quatro cascos de tartaruga e folhas de palmeira. Ainda existem algumas fendas entre as pedras empilhadas da parede, mas a areia é empilhada de cada lado e isso é um meio muito eficaz de protecção das paredes, embora seja necessário reparar estas margens com bastante frequência. Estou confiante de que o abrigo resistirá a novas tempestades; o telhado está pesado e minha veneziana impedirá qualquer levantamento do telhado por dentro.

Hoje é um dia calmo, sem vento algum. O mar é como um tecido verde-claro, esticado, mas não totalmente liso. O céu é totalmente azul e o horizonte uma linha reta distinta. Também está quente. A ilha frita. Quatro dias agora sem vento ou nuvens. Eu sento e olho para o mar. O hábito de passar horas sem pensar me capturará facilmente se eu permitir, como aconteceu nos últimos dias. Há perturbações na superfície do mar bem longe da ilha e suponho que haja botos lá. Muito longe para ter certeza. Não vi botos perto da ilha, embora uma vez alguns tenham passado perto o suficiente para serem reconhecidos.

Vejo claramente a outra ilha num dia assim. Parece maior que este, com uma colina erguendo-se no meio. Muita vegetação com manchas escuras no céu se movendo acima dela – obviamente são pássaros. Outros sons, além da música, chegam até mim através da distância: gritos de pássaros, pessoas cantando, pessoas rindo, cachorros latindo; sons sociais, sons vivos, sons de vidas entrelaçadas. A ilha parece estar se aproximando, mas isso deve ser apenas uma melhora na visão devido ao exercício constante de olhar até os limites da minha visão. Eu sou, ou seja, fui, uma vez, bastante míope, o que explica por que nunca vi a outra ilha durante muitos meses. Minha visão melhorou claramente.

"É uma miragem", diz Muller.

É verdade que às vezes a ilha parece flutuar acima do mar, mas isso é apenas um truque da distância e da névoa de calor. Não vou debater o assunto com o velho; ele representa apenas uma dúvida subconsciente, uma recusa em aceitar o elemento de esperança. Na verdade, é um ataque familiar de desesperança, mas agora demasiado hesitante para desafiar a minha confiança. O outro lugar está lá. Estou decididamente certo disso.

* * *

O último dia e a última noite foram um período de entorpecimento e insensibilidade. Eu não me mudei. Eu apenas fico sentado olhando sem sentido para os meus pés. Vazio. Estou absolutamente vazio. Este é o vazio além do desespero, o vazio indiferente da derrota total.

Suponho que a escrita destas palavras indica que ainda existe dentro de mim alguma vontade, em algum lugar, sufocada e tentando estar sob o peso do vazio, algum germe de motivação primária. Não é esperança, nunca mais poderá ser

esperança, mas mesmo na apatia há alguma resposta a um impulso subliminar indefinido de gravar.

Mais uma vez foi o Reef Four quem extraiu o seu preço. O lugar é tão sereno, tão pouco exigente, e tudo que faço é ir lá e olhar. Mas ainda há um preço. Netuno é um usurário. Os dias têm sido praticamente sem movimento; ultimamente estão assim com frequência, sem vento e quentes, e a água está mais clara do que nunca. Pude ver mais longe e mais profundamente do que em qualquer dia anterior. Fiquei fascinado. Claro que fiquei fascinado. Explorei além do recife e mergulhei até o limite dos meus pulmões na parede inclinada do recife. Havia outros tipos de peixes mais abaixo, peixes maiores, mas pacíficos e despreocupados com a minha presença espasmódica; peixes pouco agressivos, observando-me com a mesma curiosidade com que os estudei. Eu estava tanto embaixo da superfície quanto acima, e na superfície meus ouvidos estavam cheios de mar. Ou eu deveria ter ouvido o som antes.

Mas de repente tive consciência disso, um zumbido mesmo através da umidade dos meus ouvidos. Houve momentos, até minutos, em que o reconhecimento me escapou. Eu sabia apenas que era um som familiar, não música, que é o único som que ouço além do vento.

Um som no ar. Estava vindo do ar. Olhei para cima em tal estado de excitação imediata que esqueci momentaneamente de nadar e meu rosto imediatamente afundou e engoli água. Eu estava sufocando e tentando gritar; Eu estava agitando os braços enquanto tentava nadar e senti como se fosse explodir com a emoção que crescia dentro de mim. Era um avião . Perto o suficiente para ver claramente sua forma e cor . Pisei na água e acenei e acenei e acenei. Eu gritava continuamente, gritos incompreensíveis, sabendo da inutilidade disso numa estranha capela lateral do meu cérebro, mas exultante demais para parar até que só conseguisse coaxar. O avião estava passando pela minha ilha. Certamente eles poderiam me ver. Oh Deus, deixe-os me ver! Eu deveria estar em terra queimando tudo o que havia para queimar.

Foi tarde demais? Nadei muito. Nunca em toda a minha vida nadei tanto. Cheguei à costa em poucos minutos. Mas o avião havia partido. O céu era de um azul virgem e não havia nenhum som.

Devo ter ficado parado olhando para aquela pureza odiosa por talvez uma hora. Isso só pode ser um palpite. Foi uma suspensão do tempo. Foi então que o vazio começou. Deixei minha esperança no mar, lá no Recife Quatro. Mas o recife será totalmente indiferente.

* * *

'Por que você não ora?' pergunta Muller, tão compassivamente quanto sua baba permite. Eu sei que o velho réprobo era ele próprio um agnóstico completo. Ele deve ter escondido isso bem das autoridades escolares, pois elas não teriam aprovado, mas o corpo discente o conhecia e o admirava muito por isso, embora com certa culpa, pois naquela idade qualquer pensamento desviante era uma heresia, e nossas mentes verdes já estavam sendo restringido pelo dogma tradicional.

'Para quem eu rezo?'

'Para qualquer divindade que você escolher.' É um dia ventoso e um tanto fresco. Acho muito agradável depois do calor das últimas duas semanas. Muller usa um pulôver, uma peça cinza e suja com decote em V expondo os botões superiores de sua camisa de dormir. As mangas desaparecem em luvas cinzentas igualmente sujas, através das quais emergem várias unhas nas extremidades desgastadas. Ele coça a axila através das luvas.

'Será que um deus ouviria? Como podem as orações de incontáveis milhares de pessoas receber atenção ao mesmo tempo?'

'Isso não faz parte do mistério da divindade?' Ele é bastante sério, embora haja um tom de ridículo contido em sua voz.

'Você quer dizer o Deus cristão?'

— Quero dizer, qualquer deus. Certamente há apenas um, não é? O Deus do Islã, o Deus de Buda, o Deus cristão, não são todos iguais?'

'Não na forma de adoração. A ética também é diferente, assim como a mecânica.'

Ele fareja. 'Isso são apenas reflexos de diferentes culturas.' Seus ombros se movem rigidamente, com grande esforço. É um encolher de ombros. 'Como os homens diferem na sua abordagem a Deus, isso não significa que o próprio Deus seja uma variável.'

'Não, suponho que não. Mas Deus é um conceito, e os conceitos diferem.' Seu pulôver cinza desperta uma lembrança. Tento desenvolver isso em uma área separada da minha mente enquanto considero meus pensamentos sobre Deus. Há muito tempo que me classifico como incrédulo, mas foi conveniente fazê-lo e pergunto-me agora se a minha adoção dessa atitude se deveu ou não tanto à preguiça como à convicção. Digo ao velho: 'Você é realmente um velho hipócrita, não é? Você não acredita em nenhum Deus.

Ele olha para mim, com os olhos arregalados, mas brilhantes com o brilho do verniz novo. 'Tem certeza de que isso não é um equívoco da sua juventude?' ele balbucia.

'Lembro-me disso desde a infância, sim.'

'As concepções de uma criança são muitas vezes falsas.'

Lembro-me de que havia um velho que visitávamos às vezes, não com muita frequência, quando eu era bem pequeno. Ele era primo da mãe, eu acho. A lembrança é nítida agora. Um velho com barba suja no rosto; até sua cabeça estava com a barba por fazer. Ele era aleijado e usava um cobertor de lã cinza sobre as pernas enquanto estava sentado em uma grande poltrona de madeira. Ele vestia um pulôver cinza, igual ao de Muller, e usava velhas luvas cinzentas. Ele era grisalho da cabeça aos pés. Não consigo me lembrar de nenhuma conversa que tive com ele, e é provável que ele nunca tenha falado comigo em nenhum momento, mas lembro-me dele dizendo à mamãe com uma voz velha e cinzenta: 'Você deveria orar, minha querida. ' Não sei o que precedeu essa observação. Minha mãe costumava orar, é claro, e sempre ia à igreja nas manhãs de domingo.

— Você acredita em Deus, então, meu velho?

Ele está em silêncio e eu estou em silêncio. O vento está ficando muito frio. Puxo os restos do casaco mais para perto dos ombros.

"Não como um espírito em forma humana", diz ele.

'Duvido que algum homem pensante realmente acredite ainda nisso .'

'Ah, sim, sim, eles querem.'

— Você não acha que o homem foi feito à imagem de Deus, então?

Ele bufa. 'O homem faz Deus à sua imagem; isso é uma vaidade imperdoável.

'Bem, como você vê Deus?'

'Deus é a soma de todos os pensamentos do homem. É a fusão de todas as articulações, dos sonhos, dos desesperos e das agonias de todos os homens. É o que o homem não sabe, mas reconhece que há para saber. Tudo isso é Deus.

'Como, então, podemos conhecer a Deus?'

'Se sabemos alguma coisa, dificilmente pode ser divina.'

'Então Deus é a soma da ignorância do homem.'

'Sim claro. Mas os sonhos do homem são feitos da sua ignorância.

'E antes do homem?'

'Deus é o conceito do homem. Um conceito não pode existir sem uma mente para concebê-lo.'

— Eu sabia que você não acreditava em Deus, Muller. Isso não foi um equívoco da minha juventude.

'Escute-me, meu filho.' Essa frase, ecoando e reecoando ao longo dos anos até a sala de aula. 'Escute-me, meu filho.' E eu escutei e ouvi e pensei ter entendido. Agora vejo que a compreensão nunca pode ser definitiva. Não é fácil dar sabedoria com palavras, embora as palavras possam parar, elas podem distorcer, contorcer-se e machucar, e retornar à forma em tempos posteriores com cautela posterior e então começar a ser sabedoria . 'Você optou por ser loquaz, quando refletir ganharia muito mais. Eu disse que Deus é a soma de todos os pensamentos do homem. Eu disse que era disso que eram feitos os sonhos dele. Acredito absolutamente nos sonhos dos homens. Os sonhos são a fonte de força, de propósito. A ambição é um sonho; o amor é um sonho; amanhã é um sonho.'

'Deus é simplesmente um sonho, então? A religião nada mais é do que sonho?'

'Sim. Sonhos organizados , é claro, e porque os sonhos do homem são tão diferentes, a ética e a mecânica das religiões também devem ser diferentes. Mas Deus continua sendo um sonho. Eu acredito nesse sonho. Acho essa ideia muito mais aceitável e muito mais bonita do que a tradicional.

Mamãe nos levava à igreja com ela nas manhãs de domingo. Éramos esfregados, escovados e bem arrumados, depois marchamos em fila atrás dela, sacudindo-nos como brinquedos de madeira. Suponho que foi o início do desencanto. Depois, entramos na escuridão silenciosa e terrível da igreja, um lugar de bancos polidos, vidros coloridos e o odor da religião emanando da própria madeira. Era um lugar onde os tiranos sorriam, sorrisos pálidos de dentes e pele esticada com olhos tão frios quanto o vidro colorido ; onde amigos e pessoas gentis franziriam a testa e onde ser criança era uma forma de pecado. Nunca consegui perceber o propósito desta falsidade, como se as pessoas estivessem a tentar enganar o Deus que se propuseram a adorar, como se o seu

Deus as avaliasse pela aparência que viu numa manhã de domingo. Portanto , carreguei meu preconceito daquela época de que a igreja era um lugar onde as pessoas se comportavam de maneira falsa; onde ficavam de pé ou ajoelhados em posturas formais, não naturais e desconfortáveis, numa quietude formal, não natural e desconfortável, onde mudar de posição, coçar ou mesmo fungar era uma fraqueza indesculpável. Então ficamos de pé, com os tornozelos doendo de inquietação contida, uma coceira na bunda que crescia, fazia cócegas e exigia o prazer de coçar, e o nariz fazia cócegas, encheva e se contorcia de tormento. Tudo por uma atitude. Deus era uma atitude dominical; ele era desconfortável, medo e desagradável, e achei difícil não rejeitá-lo. Mas anos mais tarde a minha razão me disse que eu não poderia rejeitar um conceito, especialmente o conceito deste Deus, por causa da sua prática irracional. Não sei agora se sei, mas prefiro a interpretação de Muller. Afinal, ele é apenas a voz da minha própria comunhão.

'Muller, como rezo para um sonho?'

'As orações são um sonho. Quais são seus sonhos?'

'Não tenho nenhum agora. Tenho medo de ter esperança.

'Sua ilha ainda está lá?'

'Ah, sim, mas não ouço nenhuma música há muitos dias.'

'Não houve vento até hoje, nem ondas na praia.'

'As ondas na praia são irrelevantes. Deve ser porque não houve vento.

* * *

Nadei até o Reef Four hoje. Foi necessária uma determinação considerável, não só porque o tempo não está nada agradável - um sol muito relutante num céu sujo e dobrado, e o mar a agitar-se indiferentemente - mas também devido à mudança dos meus próprios sentimentos em relação ao local. Reef Four me afetou como a morte do amor. Perdi a capacidade de encantar, não consigo desfrutar, pois a alegria me abandonou.

O recife refletia meus sentimentos; também estava sem alegria, desanimado. A água estava turva com organismos suspensos; não havia cor , e pouco movimento nas grutas e no mato. Continuei olhando para o céu com uma apreensão ridícula e estúpida. Obriguei-me a ficar lá, a nadar e olhar, mas mesmo agora não tenho certeza do motivo exato. Por fim nadei de volta aos recifes mais próximos. Não havia corrente nenhuma hoje, mas ainda me sinto cansado. Esse é um sintoma da minha apatia. Vejo que não consigo criar prazer, não consigo sintetizar esperança. No entanto, perdi muitas horas em letargia e isso é uma forma insidiosa de debilidade mental. Não me importo com a morte, mas não aceitarei a erosão da minha mente. Essa é a minha determinação. Esse é o meu substituto para a esperança.

Escrever é difícil agora, sobra pouco espaço no livro e os lápis são muito curtos, mas devo fazê-lo para registro, para um propósito e para a cristalização dos meus pensamentos.

Minha resolução foi estimulada pela loucura da noite passada. Foi um lapso numa nova insanidade, uma conquista do inconsciente sobre o racional. Não posso deixar isso acontecer, não de novo. Lá estavam Monique e Deirdre

dançando na praia, na água, no mar, circulando de volta – duas colegiais com tranças, tutus e sapatos de dança rosa. Foi uma festa e tivemos vinho, bolo e leitão assado com uma maçã na boca. Havia chapéus de papel e luzes de fadas, e havia multidões de pessoas, pessoas sem rosto e sem nome, todas rindo e dançando e implacáveis, e elas não queriam ir. Não consegui suportar o barulho. Eu não conseguia ouvir a música. E Monique e Deirdre continuaram dançando e dançando, separadas, mas em uníssono. Eu gritei: 'Fique quieto, fique quieto, fique quieto!' Mas o barulho continuou, cada vez mais alto, me pressionando, machucando e machucando. Risos ao meu redor, risos loucos, nada além de risos. Me envolvendo. Me sufocando. Eu abri meus braços e explodi. De repente, silêncio. Nenhuma pessoa e nenhum ruído. Caminhei pela praia em direção às meninas, em direção à visão impossível de Monique de tutu; mas eles dançavam no mar, ficando cada vez menores, sem me ouvir, sem me ver. Fiquei de braços abertos na praia. Implorando. Mas eles não vieram.

Aconteceu em vigília. Não foi um sonho. Não estou preocupado com sonhos. Só posso chamar isso de loucura. Portanto , embora não haja esperança, nunca mais poderá haver esperança, ainda assim existe este propósito. O propósito da sanidade. Escrever deve fazer parte desse propósito. Sou uma caricatura hedionda de homem, mas continuarei sendo um homem sensato. Eu nunca vou desistir da minha mente.

* * *

Meu canivete finalmente quebrou, partindo-se no eixo de latão, mas durou muito mais tempo do que eu imaginava, embora eu tenha tomado muito cuidado com ele, usando as pontas das conchas para cortar, de preferência à faca, quando possível. Na verdade, as bordas das conchas são mais úteis para a maioria das funções, sendo mais resistentes e fáceis de segurar. Mas a lâmina da faca é mais afiada. Eu acharia muito difícil apontar meus tocos de lápis, por exemplo, com uma concha. Na verdade , terei que salvá-lo para esse propósito ; encontre outra maneira de segurar a lâmina no cabo ou encaixe a lâmina em um pedaço de pau. Eu estava usando o canivete para dar o formato final de uma nova máscara facial quando ela quebrou. Esta será minha terceira máscara; a imersão contínua torna as fibras das cascas muito moles e soltas depois de um tempo. A faca era ideal para o aparamento detalhado das fibras essenciais para um encaixe perfeito e para selar inicialmente as lentes; mais tarde, as lentes vedam melhor à medida que as fibras incham. Portanto, é vital encontrar uma maneira de segurar a lâmina com firmeza. O desafio de uma nova invenção será por si só um benefício. Preciso de desafios para alimentar meu propósito.

A ameaça da insanidade é como um guarda, restringindo minha liberdade mental. Afirmar que a mente não pode ser restringida, que o aprisionamento físico ainda permite que a mente alcance alturas e limites desconhecidos, é uma falácia. A mente do homem deve ter controlos, deve ter disciplina, e no confinamento solitário o grau de controlo torna-se vital, pois se a mente viaja para os estranhos confins da imaginação desenfreada não há ninguém que guie o seu regresso à realidade. A liberdade de pensamento é um luxo da sociedade ordenada.

'Toda liberdade é um luxo.' Ele é pequeno e murcho, encolhido em sua camisa de dormir.

'Certamente não é um direito como é frequentemente expresso.'

'Mas deveria ser. O homem nasce livre.' Ele é um prisioneiro, é claro, tão prisioneiro quanto eu; cativo de suas próprias banalidades.

Eu o desprezo. 'Que lixo total! O homem nasce numa sociedade e imediatamente as restrições dessa sociedade limitam a sua liberdade. Existe a disciplina, a disciplina dos pais, a disciplina escolar, as leis do país, as leis mais fortes dos costumes sociais. Onde está a liberdade'

Sua cabeça se projeta e cai da camisa de dormir como a de uma tartaruga. Ele baba: 'A liberdade é uma questão de grau. Existem poucas liberdades dentro de uma grande prisão de estruturas sociais.' Ele faz uma pausa. Ele realmente parece cansado e doente hoje. Eu me pergunto do que ele morreu.

“Qualquer que seja o estado em que o homem nasça, certamente não é liberdade”, digo-lhe. — Apenas pequenas liberdades, como você diz, que emergem da ordem social, como visitas ao Recife Quatro nesta maldita ilha. Portanto, a liberdade é um mito devido às restrições sociais. Não tenho isso aqui, então posso me considerar livre. Não há policiais aqui, nem leis; Posso fazer o que quiser quando quiser, dentro das limitações impostas pelo alcance. Diga-me, isso é mais liberdade do que os outros homens desfrutam?

'Você gosta disso?'

'A limitação do alcance é uma das mais severas. Eu daria tudo para poder vagar sem limites por uma hora, apenas uma hora com constante mudança de cenário e ambiente. Ah, sim, isso seria uma liberdade. Tudo o que vejo, dia após dia interminável, é este mar odioso, o mesmo círculo odioso de praia e um punhado de árvores. Só para poder andar longe o suficiente para não ver nada disso, mesmo que por alguns minutos. Para sair desta maldita cela, para ampliar meu alcance, isso valeria a pena todas as chamadas restrições sociais. Se ao menos eu pudesse chegar àquela outra ilha.

'Suas restrições são apenas físicas. Certamente as medidas sociais poderiam ser mais restritivas, como a prisão efectiva.'

“Mesmo a prisão é uma condição social. Tenho as restrições sem o contato humano. Eu não gostaria da prisão, mas, caso contrário, poderia sacrificar voluntariamente a liberdade de ação, até mesmo a liberdade de pensamento, pelo único benefício da companhia; embora, com toda a honestidade, eu teria rejeitado tal pensamento quando fazia parte de uma condição social. Não há nada como a completa ausência dos chamados direitos ou benefícios para fazer com que alguém os aprecie.

O sol está laranja, afundando na areia movediça das nuvens roxas, com bordas douradas no horizonte. O mar fica violeta ao entardecer. Ouço o suave bater de uma maré indecisa; Espero pela música, mas não há nenhuma. Tirando o beijo da água na praia, tudo está parado. Muller é vago e cinzento, apenas um embrulho pouco claro apoiado por perto. Ele murmura vaga e vagamente, como sua intrusão na noite: 'Alguém tem algum direito? Benefícios decorrentes de um

compromisso com a sociedade, certamente, mas não de direitos. Os direitos são um mito.'

A noite já se pôs. Está bem preto perto de mim; mais adiante, o mar ainda brilha sob a limitada luz das estrelas. Deve haver uma brisa, pois as primeiras notas musicais estão chegando até mim. Tenho que olhar essas páginas para escrever, mas sinto relutância em parar.

'Só os poderosos têm direitos.' As palavras do velho nunca se intrometem na minha escrita. Ele espera até que eu esteja pronto.

'Não estou preocupado com direitos. Tudo o que quero é alguma companhia e alguma variedade no meu ambiente. Faço uma pausa, me perguntando se ele me deixou, mas ainda há uma forma sombreada ali. — Você não é companhia, Muller. Seus pensamentos são meus pensamentos; seus argumentos são meus argumentos. Preciso de outra mente para duelar.

Agora posso ver as luzes do outro lugar e ouvir os sons da folia acima da música. Como posso chegar lá? Alguns homens poderiam nadar essa distância. Os homens nadaram mais e estou extraordinariamente em forma; minha mão esquerda está um pouco deformada agora, mas é apenas um pequeno inconveniente ao nadar. Não, é um pensamento maluco. Eu não conseguia nem ver a ilha da superfície do mar e não teria ideia de direção. Haveria tubarões também. Mas na verdade é longe demais. É um caminho muito, muito longo e eu simplesmente não conseguia nadar aquela distância.

— E você nem tem certeza se está lá.

— Ah, vá embora, Müller.

* * *

Muller não foi meu único professor e, pensando bem, provavelmente não foi o mais importante. Não consigo explicar por que minha mente o escolheu como projeção para minhas ruminações, mas suponho que ele seja o produto de atitudes indeléveis impressas em uma mente esverdeada. Ele não é a verdade de Muller, eu entendo isso; ele é uma combinação de vários mentores dos quais foi provavelmente o mais próximo de um arquétipo. Um homem de banalidade, porque o banal era necessário como base para a inspiração, mas pelo que me lembro dele, alguém que encorajou aqueles pensamentos tropeços além do banal; talvez pensamentos equivocados, provavelmente concebidos muito rapidamente, mas pensamentos que buscavam algo acima das camadas de banalidades da sala de aula. Mas pode não ter sido Muller; talvez Dawkins ou a Sra. Downham, ou Foster. Não, Foster não, mas em algum lugar naquele grupo bolorento estava a mente aberta que se recusava a prender as mentes dos jovens. A banalidade foi sem dúvida necessária, mas a educação deve mais a esse outro fator e ao professor que a compreendeu.

Pelo que me lembro, Muller nunca foi meu mestre de forma. Ele ensinou matemática e teoria científica, creio eu, mas apenas nos meus primeiros anos de adolescência. Devo ter gostado dele, embora não me venha à mente nenhuma afinidade particular com nenhum dos professores da minha puberdade. Agora que penso nisso, não me lembro de Muller alguma vez ter usado um capelo ou beca; usava sempre terno azul-marinho, bem passado, com colete e gravata; ele

era um homem muito limpo, muito elegante, e tenho certeza de que se barbeava todas as manhãs. A camisa de dormir, a barba por fazer, o ceceio em sua voz são atributos de minhas próprias memórias distorcidas, refletindo uma espécie de simbolismo mental, suponho.

Foi Foster quem usou um capelo e um vestido. Ele foi meu mestre quando entrei na escola secundária; um professor de história, um homem erudito e inflexível. Acho que foi apenas seu traje e possivelmente sua postura que meu espectro composto adotou. Mas Foster era um homem muito inteligente, tão erudito que raramente se referia a um livro didático em suas aulas, mas nunca, nunca se enganava. Sua inteligência estava em sua admirável memória; ele não esquecia um único fato depois de lê-lo, nem errava uma citação, e era forte em citações. Ele era um estoque inesgotável de informações, e nós, alunos, ficamos maravilhados com ele. No entanto, vejo agora que a sua vasta erudição era a erudição de outros, bem aprendida e bem compreendida, mas não acrescentada, alterada ou desenvolvida de forma alguma. Foster não era capaz de originalidade, de perspicácia ou de sabedoria. Ele não precisava disso; ele estava infalivelmente seguro da extensa sabedoria dos outros. Ele incutiu em nós, ou tentou , e creio que com muito sucesso, o amor pelo conhecimento. Para ele bastava saber, e isso deve ter feito dele um excelente professor; aqueles que seguissem o seu caminho seriam excelentes cidadãos, conformistas seguros da absoluta confiança na sua justeza. Mas no caminho de Foster não poderia haver extensão do conhecimento, nem novas teorias, apenas uma biblioteca do já conhecido; uma vasta biblioteca, quase infinita, pois há muito a aprender – pode-se aprender para sempre. Foster e os discípulos de Foster – e tenho certeza de que eram muitos – eram dedicados ao aprendizado, mas nunca poderiam, nunca *iriam* , contribuir para esse aprendizado.

Nunca tivemos um estrado em nossa sala de aula do ensino médio. A imagem que guardei, de uma grande secretária e uma plataforma elevada, deve ser de um ano anterior da minha educação. Havia um homem de beca naquela sala de aula, mas não era Muller. Não posso dar um nome a essa professora, mas lembro-me da Sra. Downham no estrado. Eu adorava a Sra. Downham. Ela era alta e tinha cantos; ombros finos e quadrados, cotovelos pontiagudos, joelhos salientes, até os quadris salientes como se a saia estivesse pendurada em um cabide ; mas ela era uma mulher adorável. Não sei o que ela realmente nos ensinou, provavelmente muito do que tivemos que aprender naqueles primeiros anos; ela estava na sala de aula com mais frequência do que o homem. Mas lembro-me da sua compaixão e do seu cabelo ruivo; era uma cor surpreendente , tingida, eu acho, e empilhada no alto de sua cabeça, fazendo-a parecer ainda mais alta do que sua altura natural. Mas lembro-me principalmente de sua compaixão. Ela devia adorar crianças; ela parecia ter amor suficiente por toda a turma. Ela muitas vezes nos abraçava, todos nós, eu acho – não havia nenhum favoritismo , pelo que me lembro – e gentilmente nos ajudava com nossos problemas com um braço em volta de um pequeno ombro e palavras calmas de incentivo, e talvez um beijo enquanto ela se levantava e se movia. para o próximo filho. Pelo menos é assim que me lembro dela, e é uma imagem que não desejo apagar com alguma

outra verdade duvidosa; embora agora, a partir da mentalidade cínica e marcada da minha idade adulta, eu veja que nós, crianças, éramos sua família substituta, preenchendo o vazio dentro dela dos filhos que ela nunca teve. Ainda assim, rejeito até mesmo esse pensamento, considerando-o cruel, injusto e desnecessário. Preservarei a memória da senhora deputada Downham, pois acredito que a conheci, como a experimentei, como uma pessoa de calor e ternura, de palavras gentis ao meu ouvido e de me fazer querer fazer o que era certo para que ela ficasse satisfeita. As causas de sua bondade são irrelevantes e não me importo com elas. Ela era uma mulher adorável e eu a adorava. Essa memória está intacta e inviolável; a compreensão da maturidade não a manchará.

Estas são todas as palavras que escrevi num mês, embora o período de tempo seja apenas uma suposição; Desisti de registrar os dias na areia. Escrever é difícil e só escrevi hoje porque estou escondido no meu abrigo há quase dois dias. Não choveu, apenas um vento terrível. Mais cocos caíram; Espero que toda a colheita não seja destruída novamente. Mas gostei de escrever e de relembrar, embora seja realmente uma extravagância em termos do meu potencial restante para gravar qualquer coisa. Não sobrou muito lápis e muito pouco espaço no livro. Minha escrita está ficando cada vez menor; em breve será impossível ler. Mas duvido que alguém o leia.

* * *

Estou determinado a nadar em volta da ilha. A distância total é estimada em cerca de um quilômetro, o que deve estar dentro da minha capacidade. Não vou mais ao Reef Four, embora muitas vezes planeje nadar lá. De alguma forma, estou reticente. Mas esse passeio pela ilha é algo em que penso há vários dias, sem começar, para poder saborear o planejamento. É quase certo que há partes da costa em cujas águas ainda não nadei, embora não espere quaisquer revelações incomuns. O inesperado provavelmente serão correntes e rasgos, especialmente na zona sul, que me é menos familiar. Manter-me-ei a poucos metros da costa para o caso de a minha coragem falhar por qualquer motivo – a visão de um tubarão, um rasgo demasiado forte ou simplesmente cansaço. Esta será a primeira vez.

Já é noite e a natação acabou. Foi realmente muito fácil; a distância não era nada árdua e não havia alarmes. Amanhã farei de novo, mas mais longe. Alguns metros mais longe da costa quase duplicariam a distância.

— Você não está treinando, está?

'Claro que não. Treinar para quê?

* * *

Minha cidade está completa. Isso me ocupou por quatro dias. Nado de manhã, pelo menos uma vez em volta da ilha e mais um pouco. Em breve estarei fazendo dois circuitos. À tarde venho construindo minha cidade. É feito de areia que deve ser humedecida para lhe dar alguma estabilidade. Cascas de coco formam meu molde , e há inúmeras conchas do mar como decoração; estes também auxiliam na sustentação da areia quando a umidade evapora, caso contrário o material desmorona. É um castelo de areia, nada mais, mas um magnífico castelo de areia,

com um palácio e uma catedral e estações ferroviárias, com um aeródromo e escolas e um hospital; tem ruas, carros e pessoas; tem um lago e uma floresta, e acima deles uma montanha. Eu sento e olho para ele. Esta é uma criação minha e me dá muito prazer. Principalmente à noite, com a lua doando sua prata, e os brilhos das conchas, e as sombras moldando os montes e as fendas. É um encanto, uma cidade mágica.

Mas a primeira chuva irá destruí-lo. Está condenado como Sodoma estava condenada. Como estou condenado.

* * *

Esta manhã nadei três vezes à volta da ilha. Devem ser pelo menos cinco milhas. Eu estava muito, muito cansado, mas não estava exausto. Eu não havia atingido meus limites. Posso nadar oito quilômetros. Cinco milhas.

* * *

As nuvens estão pintadas no céu. É um dia imóvel. O mar foi plano e brilha como uma chapa de aço. Eu fico igualmente imóvel dentro de minha cidadela, e minha aranha, que não tem o hábito de se mover, fica sentada e aguarda sua vigília eterna, pronta para que alguma mosca-azul tola e impossível tropece em sua armadilha. O sol brilha. Tudo espera em um tempo não reconhecido e não registrado. O que acontecerá quando a espera acabar? O movimento ocorrerá quando o Sol transferir sua ira para algum outro lado? Está tudo apenas esperando pela escuridão? Certamente a noite será menos impiedosa, o frescor agitará o ar, a lua moverá o mar. Estou tentado a nadar novamente só para perturbar a água. Seria um gesto vazio, porém, minhas insignificantes ondulações não passariam de uma violação momentânea e não serviriam para nada, nem mesmo para minha própria vaidade.

Enquanto escrevia essas palavras, algo se moveu na superfície, a poucos metros de onde estou sentado. É uma tartaruga. Agora vou *nadar* .

Lutei com a tartaruga no mar, mas ela era forte demais para mim e a perdi. No entanto, durante um minuto, talvez dois, mas não mais do que isso, houve uma excitação. Foi um novo tipo de emoção para mim e que deveria deixar minha natureza sofisticada horrorizada, nascida de instintos formados muito antes de a sofisticação ser um fator na constituição humana, instintos que o homem culto atende em seus esportes agressivos – boxe, caça. , brigando com touros – ou apenas observando os outros fazendo essas coisas. Mas a participação em si é a emoção do animal caçador, uma emoção nua e selvagem, e como tal eu a reconheci e fiquei intoxicado por ela, intensificada como era pela raridade de qualquer forma de excitação. Perdi a tartaruga, mas a luta satisfez a selvageria de uma herança próxima do primordial, mas gravada na minha alma por uma evolução posterior. Estou profundamente satisfeito. A ilha ainda pode oferecer algo.

Caso contrário, o dia não mudou.

* * *

Estou muito cansado.

Nota do editor
Estas palavras, 'Estou muito cansado', foram escritas no canto de uma página, sem associação com outras escritas naquela página. Não é possível garantir sem qualificação a determinação precisa da sua posição na narrativa geral, especialmente porque o conteúdo da única frase curta está aberto a mais de uma interpretação. Fiquei tentado a omiti-lo, mas o critério de autenticidade decidiu a sua inclusão.

As costas das minhas mãos são muito marrons. Quando movo os dedos, a pele se amontoa em pequenas cristas, como uma piscina agitada pelo vento. Parecem veteranos, os veteranos de um fazendeiro indiano. Não só minhas mãos, mas todo o meu corpo é extraordinariamente moreno. Eu tenho um pênis marrom. Mas não é o marrom agradável das pessoas de pele naturalmente morena, não tem brilho nenhum. É o marrom áspero e áspero da exposição não natural, um marrom seco como a pele de uma cobra, carente de suavidade e carente do brilho da saúde. Sofro muito com bolhas nos lábios e nariz descamado. É estranho como as raças do Sol têm lábios grandes e narizes largos, e ainda assim raramente sofrem tais efeitos solares.

As raças não são as mesmas, apesar das afirmações de alguns idealistas.

"Esse é um sentimento racista", entoa Muller, desfilando pela sala de aula em camisa de dormir.

'Talvez sim. Se isso ofende, sinto muito, mas não posso dizer o contrário por esse motivo.'

'Todos os homens são da mesma espécie.' Ele parou de desfilar momentaneamente, para fazer essa afirmação com ênfase.

'Todos os cães são cães', respondo, 'mas nem todos são iguais.'

'Semelhança não é nenhum tipo de critério.'

'Para que?'

'Para julgamento de raça.'

— Ah, mas não estou fazendo julgamentos. Não estou de forma alguma avaliando o valor, assim como não avaliaria o valor entre um cão pastor e um São Bernardo. Seus méritos são medidos sob padrões totalmente diferentes. A minha declaração, que qualificou de racista, na verdade dá às pessoas de pele escura uma vantagem sobre nós, europeus; eles são mais capazes de resistir à exposição ao sol – isso é incontestável, mas é apenas uma questão de evolução específica.'

Muller vagueia para cima e para baixo com um vigor surpreendente para alguém tão enrugado . "Este é um argumento a favor da pureza racial", ele grita, tenso de sentimento.

'Não, não, não pela pureza racial; reconhecimento racial, talvez.

Lembro-me de um menino negro da minha turma na escola primária. Ele era um indivíduo extremamente popular, embora nunca se saísse bem nas aulas. Nós o chamávamos de “Sambo”, com uma certa crueldade ingênua, embora não me lembre de nenhum caso em que ele tenha demonstrado a menor ofensa; talvez isso tenha se desenvolvido em anos posteriores. Na verdade eu sei que o nome dele era Daniel. Na nossa peça, o único efeito que a cor dele teve sobre nós foi o de identificação. Ele era um de nós, igual a nós, nem melhor nem pior nos jogos do que um garoto comum. Ele era popular porque gostava de diversão e ria de qualquer coisa, por mais sem graça que fosse, desde que fosse apresentada como humor . Ele gostava de rir por si só. Houve um tempo, muito curto, na verdade, em que estive especialmente próximo dele. Mas agora não sei o que aconteceu com ele. Acho que ele deixou nosso distrito muito antes do final de nossos anos de escola primária e, com a transitoriedade do afeto infantil, logo foi substituído em meu âmbito particular.

A coloração de Daniel não era, na verdade, mais escura que a minha atualmente. Duvido que ele estivesse mais apto para sobreviver nas selvas da sua terra ancestral do que eu, criado como foi num ambiente inglês, nem mais forte, nem mais inteligente, e ainda assim em nenhum grau menos. Ele sofreria menos com queimaduras solares, suponho; essa seria nossa única diferença fundamental.

“Mais do que isso, eu acho”, diz Muller. Ele ainda está comigo, agachado, com as costas apoiadas em uma palmeira.

'Agora quem está fazendo comentários racistas?'

“Não há sentido em uma inverdade servir a um ideal, como você já observou”, ele responde. “Mas há certas impressões sobre a herança da alma do homem que são racialmente características. Mais recente, talvez, do que o antigo selo de fogo, possivelmente apenas mal gravado na substância genética, mas suficiente para produzir identidade racial além das simples propriedades físicas da pele e dos lábios.

— Você quer dizer vodu?

Müller estremece. 'Deus me livre . Nada tão dramático. Certas inclinações musicais, talvez; respostas a ritmos específicos na fala e na música; até mesmo respostas às fases do sol e da lua que se desenvolvem a partir das várias latitudes da evolução racial. Estes aspectos não são tão profundos como as respostas mais primitivas, como o medo do escuro, mas são aparentes e foram documentados.

Muller pode estar certo, mas para mim, aqui e agora, tudo o que importa é que meus lábios fiquem com bolhas.

Deixarei Muller com suas reflexões e prosseguirei com meu último projeto ocupacional. Hoje em dia não me censuro por inspiração tardia. Estou resignado com a minha falta de invenção natural, embora este projecto actual possa ter sido o mais óbvio de todos. Já o vimos retratado inúmeras vezes em programas de cinema, em banda desenhada, até nos desenhos animados que tantas vezes caricaturam uma circunstância próxima da minha. Um SOS na praia. Letras grandes que podem ser facilmente vistas do ar. Se algum dia um avião vier por aqui novamente. Eu não tenho esperança. Não é a esperança que me move, mas

a determinação de ter feito tudo o que poderia ter sido feito para efetuar um resgate. Nunca mais poderá haver esperança novamente.

Minha cidade foi erodida até virar praia, mais pelo vento e pelo sol seco do que pela ação do mar. Foi lá que comecei minhas cartas. Eu uso conchas, selecionadas que são mais escuras que o branco da praia, e embora existam muitas dessas conchas, elas são pequenas, em sua maioria menores que uma unha, e são necessárias várias centenas para fazer uma letra com apenas um metro de comprimento. A minha intenção original era torná-los duas ou três vezes maiores, mas isso levaria muito tempo. Tenho muito tempo, mas nesse ínterim uma mensagem menor é melhor do que nenhuma. Sempre posso estender as cartas com o passar do tempo. Só tenho o último S para fazer.

* * *

Gradualmente, voltei a uma existência diurna, embora as noites ainda sejam momentos para passear pela praia salpicada e me banhar na música do outro lugar. Mas geralmente adormeço. Acordei ontem à noite e estava escuro, o mais próximo da escuridão total que já experimentei. Eu estava dentro do abrigo. Lá fora não havia lua alguma e apenas uma estrela fraca no norte. De alguma forma, foi agradável. Envolvi-me na escuridão e fiquei imóvel.

Acordei pensando em Daniel, o garoto que chamávamos de ‘Sambo’. Há um quebra-cabeça aqui. Eu gostei de Danilo. Todas as crianças gostavam dele, até Snotty Wilson. Não houve absolutamente nenhuma animosidade, racial ou de outra natureza, para Daniel e, em nossa inocência, nenhuma concepção de que poderia ter havido. Não tenho certeza se o mesmo aconteceu com os professores, embora a Sra. Downham o abraçasse como todos nós. Enquanto estava deitado na escuridão, eu estava convencido de que a animosidade racial não é uma coisa de instinto. O enigma é: por que sentimos tanta animosidade como adultos e depois nos convencemos de que é uma reação natural? E então, por alguma estranha reviravolta na lógica, instruir-nos de que a reação está errada? Claro que está errado. Mas a reação ocorre, seja ela induzida ou natural.

“Sem dúvida induzido”, disse uma voz firme da noite. Eu não vi ninguém. Agora, enquanto escrevo algumas horas depois, não registrarei que era a voz de Muller. A identidade não é importante. Foi uma coisa projetada para recuperar meus pensamentos.

'Por que temos essa hostilidade racial? Se não é natural, por que o induzimos?'

“As razões são históricas”, entoou a voz. ‘A invasão das terras de outra raça automaticamente os torna inimigos. Acrescente a isso a superioridade da tecnologia caucasiana, depois a escravidão e depois os vários conceitos de beleza, e você terá as sementes do preconceito.'

'Preconceito, sim. Mas não estou convencido de que preconceito seja necessariamente igual a hostilidade. Invasão equivale a hostilidade, isso é claro, mas aplica-se independentemente da raça. A invasão nem sempre ocorreu com outras raças; provavelmente raramente, na verdade, na história total da guerra.'

No entanto, de alguma forma, o fator invasão parecia, para mim, sepultado no escuro, ser a chave do quebra-cabeça. O homem invade o homem por muitas razões simbólicas: ele precisa da comida do outro, da água do outro, dos

minerais do outro, talvez até das mulheres do outro; embora não se possa deixar de postular que a negociação poderia ter alcançado os mesmos fins. Mas há outra razão mais profunda para a invasão. É simplesmente que o homem precisa invadir. Ele é uma criatura agressiva; ele precisa ter 'inimigo'. O homem cria o "inimigo". Essa necessidade está próxima da herança primordial, próxima do início da vida voraz. O conceito de "inimigo" é tão básico para a matéria viva quanto a própria sobrevivência. Na selvageria urbana, onde a hostilidade é corrente – sempre percebida mas raramente compreendida – a necessidade do "inimigo" manifesta-se de muitas maneiras. A condição de gangue e o fator território são os mais facilmente reconhecidos , mas na busca de um culpado para a hostilidade conhecida, que na verdade nada mais é do que a necessidade de "inimigo", um estranho, qualquer estranho, pode cumprir o papel. Mas "estranho" é muitas vezes identificado com "estranheza". Aí reside a essência da animosidade racial. É irracional, é injusto e preconceituoso, mas faz parte da natureza do homem, parte da natureza da própria vida.

"Isso é um pedido de desculpas ao racismo", respondeu a voz.

— Sim, infelizmente, isso é tudo que se pode fazer. Desculpar-se .'

Devo ter adormecido novamente depois disso. Tinha sido um dia difícil antes. O último S está terminado. Houve um benefício adicional na busca por projéteis ontem. Encontrei um pássaro, um pássaro morto, sendo arrastado pela maré para a praia, o que me lembrou uma mãe incitando uma criança relutante a ir ao banheiro. Eu o peguei, a princípio com um leve interesse, quando me dei conta de que um pássaro tem penas e que travesseiros podem ser feitos de penas. Então hoje vou começar a fazer uma almofada usando o que sobrou da minha camiseta. Vou precisar de mais penas do que as de um pássaro. Agora há uma razão positiva para capturá-los. Todas as minhas tentativas anteriores fracassaram, mas nunca houve grande incentivo para exercitar minha engenhosidade. Certamente uma mente educada deveria ser capaz de pensar em alguma coisa. Agora, passados muitos meses desde a minha chegada, a possibilidade de um menor grau de conforto é como a promessa de um banho quente depois de um dia de trabalho no campo. Um luxo inimaginável.

* * *

Estou tentando pegar os malditos pássaros há uma semana. Bom, pelo menos estabeleci um método possível, mas ele precisa de aperfeiçoamento. Os pássaros comem miudezas de peixe, com entusiasmo e entusiasmo, na areia aberta, mas é inútil colocá-los sob uma cobertura, como fiz nas tentativas iniciais com meu casaco. Eles simplesmente não entrarão em nenhuma forma de recinto; talvez os pássaros que voam livremente, como estes são, tenham uma suspeita inerente de espaços fechados. Quando tentei lançar a isca em um laço de fita, descobri que a fita exposta era tratada com tanto cuidado quanto meu casaco. Então cobri a fita com um pouco de areia. Mais uma vez os pássaros demonstraram entusiasmo em pegar as miudezas, mas infelizmente foram rápidos demais. Não tive chance de me esconder para acionar a armadilha, e na única ocasião em que consegui arrancar a fita enquanto um pássaro estava dentro do laço, o laço não fechou e, mesmo que tivesse, o pássaro iria já estão com os pés no ar.

Os pássaros já se foram; estão longe de ser visitantes diários, mas voltarão. Elaborei um refinamento da armadilha básica. Será necessário colocar as miudezas em uma depressão com a fita escondida na borda e estacada para que o laço feche quando eu puxar a cauda. Os pássaros terão que voar para dentro do buraco para recuperar a isca, dando-me um segundo extra para fazer o meu movimento. Para encorajar um frenesi alimentar, lançarei pedaços de vísceras neles à distância. Mais cedo ou mais tarde, um pedaço cairá na depressão e, esperançosamente, um pássaro excitado se lançará sobre ele. Esse é o meu plano. Só me resta esperar o retorno dos pássaros. As penas de um pássaro formam um travesseiro econômico. Mesmo assim estou grato por isso.

* * *

Eu tive uma queda. Caí cerca de seis metros e, embora não esteja gravemente ferido, estou tremendo tanto que não é fácil escrever. Há algumas escoriações e um hematoma enorme em um tornozelo, mas consigo andar; o tremor das minhas pernas é apenas a reação de nervos em frangalhos. Os ferimentos são apenas a menor parte da tragédia. Eu matei minha aranha. Essa é uma dor muito maior do que o latejar de um tornozelo. Meu único companheiro está morto. Ele era meu único amigo neste inferno alienígena e eu o esmaguei. Ele foi jogado no esquecimento. Tudo o que resta são duas pernas unidas por um pedaço de amarelo. A teia, a bela teia, permanece como fios tênues. E toda a culpa deve ser atribuída a mim. Sinto uma culpa, uma auto-traição quando acreditei que aqui não poderia existir o conceito de culpa. Destruir esta vida, destruir meu único companheiro, meu único companheiro real, que existe, respira e vibra, foi um ato de assassinato sem sentido.

As estacas dos troncos das palmeiras secaram e murcharam ao sol. Eu sabia disso quando comecei a escalar. Um deles interrompeu-se logo no início. Eu escolhi ignorar o aviso. Eu queria um coco e senti que, mantendo os pés próximos ao tronco, as estacas aguentariam o esforço. Eles o fizeram, embora novamente um tenha quebrado perto do topo. Eu estava muito perto dos cocos para desistir. Loucura. Uma loucura estúpida e imperdoável. No topo era necessário estender a mão ao máximo para tocar as nozes. A estaca sob meu pé direito quebrou com uma rapidez completa e inadvertida. Por um instante vi tudo com total clareza. Os cocos logo acima dos meus olhos; uma folha de palmeira oferecendo uma falsa estabilidade; o tronco começando a se afastar e, além, o mar de porcelana trazendo em sua superfície o azul do céu. Essa cena é nítida. Depois, só o alarme de queda, um breve segundo de incompreensão. A compreensão não veio até a consciência de que eu havia pousado e ainda estava intacto. O abrigo amorteceu a queda. Meus pés atravessaram o telhado, passando por um casco de tartaruga e quebrando folhas de palmeiras pouco resistentes; minha bunda colidiu com um dos galhos de apoio, desalojando-o e esmagando a aranha contra uma pedra. Minhas nádegas estão doloridas. A aranha está morta.

Então ele se foi. Lamento com uma dor desproporcional ao tamanho da aranha. Eu me pergunto se a vida *tem* algum tamanho. A vida de uma aranha só deveria ter valor para outras aranhas, e mesmo isso provavelmente não é verdade. As

aranhas são fundamentalmente uma espécie que se contenta com a solidão. Identifiquei-o como companheiro; ele não teria me visto da mesma maneira. Mas a minha dor também é composta pela minha culpa; Destruí algo muito bonito, e a beleza aqui é um presente precioso. Continuarei sem ele; Reconstruirei meu abrigo; nada terá mudado muito. Exceto em mim. Uma parte da minha crença, minha razão para perseverar, desapareceu com a aranha. Não há mais nada para amar. Não se pode amar um coqueiro.

* * *

Devo sair daqui.

* * *

Além do Recife Quatro existem outros recifes, muito mais profundos, profundos demais para mergulhar enquanto eu mergulho. Existem peixes de tamanho considerável nesses recifes, mas que não são facilmente distinguíveis da superfície. Eu me convenci de que não eram tubarões. Essa convicção era necessária.

O mar estava calmo novamente esta manhã, então decidi nadar direto da ilha. Acima da planície, as palmeiras marcavam a direção do meu retorno. Ao registrar essa decisão, poderia estar dizendo, em outras circunstâncias, que decidi passear por uma estrada. As palavras registradas não relatam a apreensão que criou uma relutância quase insuperável até mesmo para entrar na água. Todo o meu corpo teve de ser forçado, passo a passo, através da aplicação de uma vontade controlada, através da praia e no mar desencorajador. Nadar ao redor da ilha não gerou tal relutância; a segurança estava a apenas alguns minutos de distância. Era o conhecimento hoje de que, qualquer que fosse o tempo que levasse para nadar, levaria o mesmo tempo para voltar, o que fazia parte do meu espírito murcho; foi a trepidação de perigos conhecidos e perigos desconhecidos, sendo estes últimos os mais dominantes; foi a incrível vastidão do oceano e minha total confiança no clima estável para garantir minha orientação dentro daquela vastidão; acima de tudo, era um medo puro e abjeto que escorria por mim, pelas minhas veias e pelos meus nervos, e pingava na bile amarela do terror. Mas eu consegui. Eu fiz isso. E ao fazê-lo demonstrei uma força de propósito que alcançou um impulso incalculável para a minha auto-estima. Foi um triunfo. Em outros tempos e em outros lugares tal feito dificilmente seria digno de comentário; um homem nada uma milha até o mar e volta. Uma coisa trivial. Homens e mulheres também nadaram no Canal da Mancha. O que são apenas três quilômetros medidos em relação a esse critério? Mas para mim a sensação de realização, a euforia sentida, é como se eu realmente tivesse atravessado um canal. Superei mais do que os rigores da fadiga extrema, mais do que a resistência dos músculos sem força, mais do que a dor dos pulmões agonizantes . Superei o medo, o medo que se instalou em cada centímetro do meu ser físico, em cada molécula da minha alma; só minha vontade permaneceu para desafiá-lo. E minha vontade foi vitoriosa.

Na verdade, a natação em si não foi, no sentido físico, absolutamente penosa. Não havia correntes violentas para enfrentar, nem ondas na água; Eu poderia estar me exercitando preguiçosamente em uma piscina se não houvesse pelo

menos algo para ver. Não muito; alguns recifes profundos e um fundo marinho distante, às vezes profundo demais para refletir uma imagem. Mantive a direção mantendo uma distância definida entre duas palmas selecionadas. A natação propriamente dita foi fácil e até agradável. Não sinto mais do que um cansaço agradável, como alguém que sente depois de uma partida amistosa de tênis, não prolongado e ainda pronto para outra atividade. Mas ganhei o jogo e meu estado mental é o de um conquistador.

'Qual foi o objetivo do exercício?'

'Isso importa? Somente a conquista importa. Eu venci os fantasmas. Sinto o retorno da arrogância e gosto da sensação. É bom.'

'E se você tivesse visto um tubarão, apenas um pequeno tubarão?'

Muller está certo. Eu sei que a visão de um único tubarão teria me derrotado. — Mas não teriam sido os fantasmas, meu velho. Isso teria sido um perigo real e tangível.'

'E da próxima vez?'

'Da próxima vez, um tubarão me encherá de cautela, mas não de alarme, nem de pânico. Tenho controle sobre minhas reações. Hoje um tubarão teria vencido a minha vontade. Amanhã não será. Nunca mais.'

'Você vai fazer isso de novo?'

'Por que não?'

'Parece que não tem propósito.' Ele está mais alto hoje. Mais alto e mais reto, e seu ceceio é quase imperceptível. Não consigo ver seu rosto porque ele está olhando para o mar.

'Nada tem muito propósito aqui.'

'Apenas sobrevivência, talvez.'

'Talvez. Até isso é discutível. Mas consegui a sobrevivência. Todas as minhas outras atividades são apenas para diversão.

Ele olha para mim e tem a cara do meu pai. Duas metades de um rosto costuradas por uma tira de cabelo; olhos tão gentis e preocupados. Ele diz: 'Cuide-se, meu rapaz. Tomar cuidado.' E ele vai.

Estou profundamente comovido com esta visão do meu pai. É uma manifestação que foge ao meu raciocínio. Eu quero chorar. Há alguma emoção tão profunda, tão ligada aos primeiros laços da infância; assim, a invocação de imagens, de braços estendidos em busca de segurança, de dedos pequenos agarrando um dedo grande e forte, e o toque é uma corrente de confiança e segurança; tão preenchido que a plenitude é um vazio de perplexidade; uma emoção tão enredada na minha essência e há tanto tempo enterrada que estou arrasada. Minha arrogância está destruída. Eu não posso chorar. Eu esqueci como chorar. A escuridão está chegando. A escuridão está chegando.

Nota do editor

Este último parágrafo foi um texto excepcionalmente desconexo. Talvez porque estivesse muito emocionado, mas também porque o espaço em branco que lhe

restava era muito limitado. Mesmo a duplicação da última frase pode não ter sido intencional. Ele escreveu duas vezes, mas a primeira vez está tão borrada que acredito que foi feita com grafite desgastado até a madeira do lápis. Mais tarde, ele deve tê-lo afiado e reescrito as palavras; é difícil adivinhar seu motivo. É a última escrita naquela página – nada mais poderia ter sido encaixado de forma coerente.

Nadei quatro vezes ao redor da ilha hoje. O mar estava escuro e agitado; piorando agora, embora eu não saiba por quê. O vento não é especialmente forte. Eu estou exausto; naquele mar devo ter chegado perto dos meus limites. Mas nadei pelo menos dez quilômetros, talvez sete.

* * *

Choveu um pouco, trovejou ao longe, mas agora o mar baixou. Por baixo da superfície cinzenta é turvo e desagradável. Juntei alguns ouriços-do-mar e uma grande concha vazia em forma de corneta. Eu arranquei a ponta, mas não consigo fazer com que ela produza nenhum som razoável. Ele tem vários buracos perfurando sua superfície externa, então talvez se eu conseguir remendá-los, ele ainda poderá ser usado como trompete. Eu precisaria de um pouco de cola. O que posso usar como cola? Se bem me lembro, o adesivo que usávamos nas aulas de marcenaria na escola era feito de espinha de peixe em pó. Tenho bastante espinha de peixe e polvilhar não é problema. Fervê-lo, porém, não será uma tarefa simples, embora eu só precise de um pouco de fogo para a mínima quantidade de cola necessária; haveria o suficiente em uma concha do tamanho de uma tampa de garrafa.

* * *

Minha corneta funciona, embora seu som seja mais parecido com o de um trompete baixo, e levei três dias de prática contínua para adquirir algum grau de consistência, e levarei muito mais tempo para produzir qualquer coisa que pudesse ser chamada de melodia. Mesmo assim, estou encantado com isso. Remendei os buracos com sucesso, colando pedaços quebrados de casca sobre eles; a cola funciona incrivelmente bem. Na verdade, pensei ter ouvido um som de resposta vindo da outra ilha ontem à noite. Eles poderiam ter me ouvido?

"Foi um eco", diz o velho estúpido.

"Bobagem", digo a ele.

Esta noite subirei num coqueiro e explodirei lá de cima.

A noite está muito bonita. Do alto da árvore, o céu parecia uma mortalha entre o mundo e as trevas, muito, muito distante; o mar era uma superfície ondulante, mais metálica do que à luz líquida do dia, saltando e quebrando a luz da lua; a própria lua era tímida, espiando, piscando e deslizando por trás das nuvens. Soprei uma nota gloriosa e duradoura da trombeta, como o grito de um homem caindo. E eu esperei. Eu não conseguia ver a ilha – nenhuma luz, nenhuma sombra escura. Não havia música, nem vento, nem chance de eco. Durante muito tempo houve apenas silêncio. Foi um silêncio incrível no topo daquela árvore,

com a estranheza de uma nova visão da noite ao meu redor. Quase um silêncio lindo, só que eu esperava com muita expectativa. E então aconteceu. Não poderia ser confundido com um eco. O som era diferente, a nota era diferente, a duração era ainda maior que a minha. Só poderia ser uma resposta ao meu chamado. Eu soprei novamente. E novamente a resposta. Eles me ouvem; eles sabem que estou aqui.

É inacreditável, mas minha espera acabou. Minha estada aqui está perto do fim. Oh Deus, eu acredito em você. Eu acredito em você.

* * *

Ainda assim eles não vieram. Três dias e ainda não chegaram.

* * *

Por que eles não vêm? Todas as noites eu toco a trombeta, mas agora o vento está na direção errada e eles não podem me ouvir. Deve ser que eles não entendem minha situação. É possível enviar mensagem por corneta? Não conheço o código Morse, mesmo que o vento soprasse na direção certa. Acho que SOS são três toques longos e três curtos, depois três toques longos novamente. Mais tarde tentarei isso, de qualquer maneira, assim que o vento estiver bom. Eu posso esperar. Afinal, é apenas uma questão de tempo, um pouco mais de tempo do que eu havia previsto, mas mais alguns dias não importam. Eu sei que eles virão eventualmente.

* * *

Rastejei até a praia sem forças para ficar de pé. Perdi a conta do. circuitos – pelo menos seis. Continuei nadando e nadando até que meus braços se recusaram a se mover. Foi um mergulho de desespero, mas meu desespero ainda está comigo. Vinte e dois dias desde que fiz o primeiro toque de clarim; uma semana desde que comecei minhas repetitivas explosões de SOS. Eles ainda respondem, mas não vêm.

Não há muito mais espaço neste livro, nem tenho muito lápis sobrando, mas ele vai durar mais que o espaço. O que devo fazer com isso? Se eles não vierem, como poderei levar minha crônica ao mundo? Mas eles virão. Tenho certeza que eles virão.

* * *

Eu quero morrer. Agora eu quero morrer. A corneta está quebrada. Está em uma dúzia de pedaços; não há como consertar. Eu o amarrei no cinto enquanto subia em uma árvore para a ligação noturna. E caiu. Ele saiu do laço e atingiu o abrigo. Eles não vieram e, se não ouvirem meu chamado , esquecerão que estou aqui. Eles vão pensar que eu era um barco de passagem.

Eu sento em uma confusão de miséria. Como posso morrer?

* * *

Vasculhei os recifes em busca de outra concha de corneta, viva ou morta. Eles devem estar lá, mas não encontrei nenhum. Faz muito tempo que não me permito entrar nesse pântano de autopiedade; Esqueci a técnica para derrotá-lo. Mas na verdade é o impulso que é fraco. Eu havia construído para mim uma espécie de vida substituta e, embora a esperança fosse mantida intencionalmente adormecida, fui capaz de sobreviver, consegui suportar. Criei meus rituais, desde

banhos diários até danças da chuva; Criei projetos para absorver minha mente; Conversei com um espectro, e as conversas e os projetos de alguma forma preencheram o vazio dessa inexistência. Agora não tenho coragem nem de me importar. Choveu, mas não dancei. Muller não voltou e eu não o quero. A esperança foi exposta, trazida para uma vida vibrante, ultrapassando e inundando minhas lamentáveis invenções, destruindo-as além de uma recuperação fácil. E agora, com essa esperança morrendo, fica um vazio onde antes estavam meus artifícios. A esperança ainda não acabou, não completamente. Ainda fico olhando para o mar, procurando o barco, mas isso na verdade é tanto o desespero crescente quanto a esperança que se desvanece.

Essas devem ser quase minhas últimas palavras. Resta apenas a metade superior da capa – usei a metade inferior para acender o fogo da minha cola. Então este é o fim. Devo salvar o diário. Aconteça o que acontecer, devo salvar o diário. Minha substância está nestas páginas. Alguém vai encontrar. O mundo não vai me esquecer.

Já é noite. Um tempo escuro e parado. Mas a música é clara. O outro lugar não está muito longe. Não está muito longe.

EPÍLOGO

O capitão do *mar Senhor III* , um certo Dave Hartley, era um homem muito metódico. Ele havia dividido nossa área de busca em quadrados em seus mapas e classificamos cada seção tão sistematicamente quanto a aleatoriedade das ilhas permitia. De qualquer forma, a nossa ilha era provavelmente desconhecida, por isso certamente não lhe cabe nenhuma culpa pelo fato de, no caso, a nossa expedição de seis meses se ter revelado inconclusiva. Ele deu o máximo valor possível ao nosso dinheiro e só um pouco mais.

Denis, nosso capitão no *Galathea* , certamente exagerou quando nos disse que havia milhares de ilhas e atóis no Pacífico Sul, mas certamente deviam ser centenas. Exploramos o grupo das Ilhas Ellice, as Ilhas Gilbert, as Ilhas Phoenix, as Ilhas Amigáveis, as Ilhas da Sociedade e grandes distâncias de oceano entre elas. Eram tantos os ilhéus e atóis isolados que perdi a conta ao número que visitámos, embora seja verdade que só nos demos ao trabalho de explorar alguns deles. Numeramos aqueles que cobrimos – eram trinta e um. Obviamente conseguimos eliminar aqueles de um grupo facilmente visíveis uns dos outros; nem nos preocupamos com verdadeiros atóis de coral – não estávamos procurando um atol de coral; nem ilhas com recifes de coral expostos, nem ilhas de material recifal – a nossa certamente não era uma ilha de coral. Também nos mantivemos afastados de ilhas dentro das rotas marítimas normais. No entanto, ainda restava um grande número de possibilidades a serem eliminadas da nossa lista, uma por uma. Alguns tinham colinas altas ou estavam cobertos por uma vegetação muito densa; alguns tinham lagoas e alguns tinham nascentes de água doce. Assim, à medida que o tempo passou e a lista de eliminações cresceu, nosso tempo e recursos diminuíram.

Havíamos reservado duas semanas para nossa viagem de volta. Essa data finalmente chegou. Foi um dia de tempestade e mar agitado, nada propício ao meu bem-estar pessoal, pois descobri que nessas condições não sou realmente um bom marinheiro. A essa altura, minhas pernas marítimas estavam suficientemente desenvolvidas para que eu não estivesse exatamente doente, apenas me sentindo péssimo, infeliz e com dor de cabeça. O fim iminente da viagem não me pareceu demasiado trágico na altura, embora Val, em quem o mar aparentemente não tinha qualquer efeito, estivesse inquieta com a sua decepção quando voltámos para casa.

Estávamos agora em águas desconhecidas e, como era seu hábito nessas circunstâncias, Dave Hartley colocou um relógio na proa naquela noite. Nas primeiras horas da manhã, quando a luz já estava cinzenta e intrusões inesperadas no mar eram facilmente visíveis, foi avistada uma ilha, que não aparece em nenhuma carta. Ao nos aproximarmos, vimos que era baixo e plano e que tinha uma única touceira de coqueiros aproximadamente no centro .

Nossas esperanças aumentaram, até que percebemos que a ilha tinha mais de mil metros de comprimento e quase a mesma largura. Era muito grande.

O mar agitado estava me deixando enjoado e eu estava farto. “Vamos para casa”, eu disse, finalmente admitindo a derrota. Val apertou minha mão. Ela ficou tão decepcionada quanto eu. Mais, talvez.

Desembarcamos em Cairns com dez dias de atraso e nem um pouco fora do bolso. E ainda não tínhamos certeza.

* * *

Eu estava farto de ilhas e ainda mais farto de barcos. Nisto havia certamente algo de *mal de mais* , mas certamente mais de decepção, o resultado da esperança derrotada, independentemente de quão desamparada tenha sido essa esperança no início. No entanto, ainda havia uma dúvida persistente, uma suspeita que permanecia imóvel na mente, de modo que sempre que, durante as semanas e meses que se seguiram, alguém relaxava, um pensamento persistente surgia repetidas vezes, por mais que se tentasse afastá-lo: o pensamento de que possivelmente mais poderia ter sido feito, mais extensões de mar exploradas, mais ilhotas percorridas e medidas.

“Sabe, é tudo muito insatisfatório”, disse Val uma noite, enquanto digitava as últimas palavras do Livro do Coco que eu decifrava à mão. Ela puxou a folha da máquina de escrever e examinou-a rapidamente em busca de erros. — Ele deve estar morto agora, não é? ela adicionou. 'Sem nenhuma dúvida?'

“Sempre há uma dúvida, é claro”, respondi. “A possibilidade de um resgate finalmente não pode ser totalmente descartada. Teve aquele SOS na praia.

— Mas não é nisso que você realmente acredita, é?

Certamente não foi, nem é agora. Supõe-se que o coco em que o livro foi encontrado estivesse no mar há um ou dois anos, a julgar pelo estado de decomposição da fita de brim quando a retiramos do mar pela primeira vez. É difícil para mim aceitar que o homem tenha sobrevivido, ou mesmo desejado sobreviver, por muito tempo depois que seu único e poderoso elo com a sanidade desapareceu. Supor o contrário parece-me refutar todas as evidências da própria crônica. O próprio fato de ele tê-lo enviado ao mar indicaria alguma intenção final, algum curso de ação deliberado e ponderado que, por algum motivo, ele relutou em anotar. Na verdade, ainda havia um pequeno espaço em branco na metade rasgada da contracapa, abaixo de suas palavras finais, no qual ele poderia muito bem ter expressado o que quer que estivesse em sua mente no final. Na minha opinião, esse espaço em branco é tão significativo quanto qualquer outra pista que tenhamos. Ele não diria ao mundo que estava se rendendo a uma ilusão: a ilusão de outra ilha. Essa ilusão não era mais real para o núcleo interno de racionalidade que ele possuía do que Muller. Ele a criou e, assim como compreendeu a ficção de Muller, também teria realizado a ficção da ilha. No fundo do seu coração ele sabia que não estava lá, tenho certeza disso. Mas ele ainda estava determinado a nadar para longe como se aquilo *estivesse* ali, fingindo que não seria suicídio. Era como se tentasse convencer outras pessoas da real presença da ilha.

Previsivelmente, minha esposa não compartilha dessa opinião. Ela é da opinião de que ele acreditava na verdade da outra ilha, mas, inversamente, não teria tentado nadar até lá. Suas opiniões são tão sólidas quanto as minhas, e seu raciocínio é igualmente plausível. Se ele acreditasse na outra ilha, então ainda teria esperança de se comunicar com ela eventualmente. Ele havia feito algumas declarações bastante enfáticas e inabaláveis sobre os horrores do afogamento, por isso nunca decidiria morrer dessa forma. “Sua coragem teria falhado, mesmo que ele tentasse”, afirmou ela naquela noite. 'Não teria sobrevivido à sua força. Ele teria voltado antes de chegar ao ponto sem volta. Se fosse deixar a ilha para sempre, teria construído uma jangada. As árvores não teriam mais importância .

'Talvez ele tenha feito isso. Talvez devêssemos ter procurado uma ilha sem nenhuma árvore.

Val considerou isso, olhando para mim pensativamente. 'Como ele teria amarrado as toras?' ela perguntou finalmente.

Discutimos as diversas possibilidades abertas a ele. Obviamente havia uma fita de brim que, se vários fios fossem torcidos juntos, poderiam formar uma corda com resistência adequada. Ele poderia ter cortado a camisa e a jaqueta para fazer mais fechos. Talvez ele pudesse ter feito corda com fibra de coco ou tendões de palmeira.

Ainda assim, minha convicção é que ele nunca teria tentado tal coisa. Ele nunca teria destruído suas árvores. Se essa fosse sua intenção, certamente a teria gravado. Esse espaço em branco só pode dizer uma coisa: 'Agora vou sair nadando. A ilha me derrotou!'

* * *

No entanto, há uma nota de rodapé na história que poderia, talvez, levar a uma conclusão mais positiva. Quase dois anos depois da nossa expedição, recebi uma carta de Dave Hartley. Lê-se:

Prezado Ricardo,

Você estava ciente do meu grande interesse pelo seu Livro do Coco e sabe que fiquei quase tão decepcionado quanto você pelo fracasso de nossa expedição para localizar a ilha. Desde então tenho transmitido a história em várias partes do Pacífico, na esperança de que as fofocas dos marinheiros possam despertar a memória de alguém. Eu tinha em mente que houve um SOS na areia e que pelo menos um avião sobrevoou a área num período de talvez apenas dois anos. Certamente, nos anos seguintes – quase cinco, pelos meus cálculos – outro avião voaria perto do local. Se o náufrago tivesse colocado suas cartas bem acima da maré, e ele fosse sensato o suficiente para fazer isso, é claro, parece não haver razão para que elas ainda não estivessem lá, talvez ligeiramente cobertas pela areia soprada pelo vento, mas, em branco areia, ainda muito visível do ar. Bem, por sorte, pode ter sido exatamente isso que aconteceu.

A história que vou contar é bastante simples, mas chegou até mim por diversas bocas e aviso-vos que os marinheiros não só são dados ao exagero, como também são dados à invenção. Portanto, você deve encarar esta história como achar melhor. Parece que um certo piloto, cujas atividades realmente não

merecem investigação, sobrevoou uma ilha, pertencente a um grupo desabitado, em 1975, e viu um SOS na praia. Intrigado, ele anotou sua posição em seus gráficos e continuou seu caminho. Ora, esse sujeito é certamente um vagabundo, e provavelmente também um canalha, mas não é totalmente insensível. Segundo a história que recebi, ele apressou-se a toda velocidade para adquirir um barco. Agora, se for o sujeito que suspeito, ele possui mais de um barco. Seja como for, regressou à ilha e encontrou-a deserta.

Bem, isso é tudo que existe, infelizmente. Sua localização ainda é um mistério, mas tenho certeza de que poderia fazer algo a respeito. Acredito que seja muito perto de onde finalmente paramos a nossa busca. Pelo que sei, ainda existe ali uma construção de pedras correspondente à cabana do seu homem. O SOS, embora não completo, permanece intocado e as árvores estão carregadas de cocos. Não havia esqueleto. Se você se sentir inclinado a aceitar outro contrato, tenho certeza de que posso acomodá-lo. Portanto, se você puder pagar e achar a história deste marinheiro suficientemente intrigante, por favor, avise-me conforme sua conveniência e tentarei identificar o local com mais precisão antes de gastar seu dinheiro.

Com os melhores cumprimentos,

D. Hartley

Eu quero ir. Eu quero muito ir. Mas com que propósito? Sabemos que as árvores ainda estão lá. Sabemos que ele não está mais lá. Haveria algum propósito em estabelecer, sem qualquer dúvida, a localização exata da ilha? O que eu ganharia em meu conhecimento do náufrago caminhando por aquele local árido, tocando suas árvores, nadando sobre seus recifes? O que eu sentiria ao tocar naquelas pedras que ele amontoou com tanto esforço para se abrigar? Eu sentiria apenas tristeza. E seria uma indulgência muito cara.

Mas eu quero muito ir.

O FIM